

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS HUMANAS

**TEMPLOS NO TEMPLO - ELEMENTOS DA PÓS-MODERNIDADE NO DISCURSO
RELIGIOSO**

JOHÊDYR ADJYAN CARTAXO DE FREITAS

MANAUS

2020

JOHÊDYR ADJYAN CARTAXO DE FREITAS

**TEMPLOS NO TEMPLO - ELEMENTOS DA PÓS-MODERNIDADE NO DISCURSO
RELIGIOSO**

Dissertação apresentada como requisito para conclusão do curso e obtenção de título de Mestre em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Profa. Dra. Neiva Maria Machado Soares.

Área de concentração: Espaços, memórias e configurações sociais.

MANAUS

2020

Catálogo na fonte
Elaboração: Sásghala Maciel CRB11/673-AM

F866t

Freitas, Johêdyr Adjyan Cartaxo de

Templos no templo: elementos da pós-modernidade no discurso religioso / Johêdyr Adjyan Cartaxo de Freitas; orientadora Neiva Maria Machado Soares. - - Manaus: [s. n.], 2020.

123 fls.: il.; 30 cm + 1 CD-ROM.

Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (Espaços, memórias e configurações sociais). Escola Superior de Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas, 2020.

Inclui referências bibliográficas.

1. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas - Dissertações
2. Discurso religioso - Manaus 3. Pós-modernidade 4. Análise do Discurso Crítica I. Soares, Neiva Maria Machado II. Título.

CDU(1997) 81'42:26(043.3)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIB

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo – BSAT

Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol

Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

Johêdyr Adjyan Cartaxo de Freitas

TEMPLOS NO TEMPLO - elementos da pós-modernidade no discurso religioso

Dissertação apresentada como requisito para conclusão do curso e obtenção de título de Mestre em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Neiva Maria Machado Soares – UEA

Prof. Dr. Otávio Rios Portela – UEA

Prof. Dr. Victor Leandro da Silva – UFAM e UEA

SUPLENTE

Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle – UEA

Profa. Dr. Adelson Florêncio de Barros – UFAM

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me agraciado com a vida, perseverança, entendimento e o tanto mais que direi a seguir:

Esposa e amiga – Mitsi Moisés, que me incentivou com seu exemplo e se mostrou presente quando sorri e quando chorei. Você é meu melhor motivo para continuar...

Família – representada pelos homens da minha vida: Adailton (pai) e Adjeryan (irmão). Vocês me apresentaram o cristianismo através da Bíblia e também de forma prática.

PPGICH/UEA – Representado por minha orientadora Neiva Maria Machado Soares. Você quebrou minha cabeça para abrir meu coração aos estudos da Linguística. Que eu seja como pastor, o que a senhora é como professora. Obrigado por acreditar em mim.

Ciência – Representada pela Thais Souza. Com seu profissionalismo e fé, você tem me ensinado a usar uma tempestade para regar flores.

Igreja Adventista do 7º Dia – Representada pelos meus líderes sucessivos Gideon Basílio, Sérgio Alan e Waldony Fiuza que me apoiaram e incentivaram aos estudos.

Diversas outras pessoas queridas que se envolveram diretamente, através de mensagens de incentivo, conversas pessoais e orações.

“É preciso que eu suporte duas ou três lagartas
se eu quiser conhecer a beleza das borboletas”
(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

A população brasileira, do ponto de vista da profissão de credo religioso, é composta por maioria cristã. Porém, no censo demográfico de 2010 foi identificado um aumento na quantidade de pessoas que se declaram "sem religião", mas ao contrário do que se pode parecer, esse grupo se mostra avesso à religião, mas não à espiritualidade. Essa condição é uma das formas da fé emergentes na pós-modernidade (HALL, 2006; LYOTARD, 2009). Esse fato fez por indicar a necessidade de uma análise do discurso religioso contemporâneo de maneira crítica e perceber de que forma tem se comunicado com o público atual. Local de culto e postagens na internet são textos que devem ser considerados para isso. Através de uma pesquisa qualitativa, por acessibilidade foi encontrada a Comunidade Viva e a Comunidade Adventista de Adrianópolis, igrejas cristãs de confissão tradicionalmente histórica que, pelo fato de realizarem seus cultos num shopping de Manaus, já demonstram sua intenção de prestar um serviço religioso historicamente descontinuado. Esta investigação recai do diálogo que promove entre a Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2016) com a Multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), em um meio de comunicação contemporâneo: quatro convites de culto dessas igrejas (que ficam disponíveis de maneira pública numa plataforma de rede social online). Após sua análise, percebeu-se por um lado que as igrejas têm utilizado um lugar físico (shopping center) e um ambiente virtual (internet) para se comunicar de maneira proposital com o público contemporâneo, visto descaracterizar aspectos estruturais e de formalidade; por outro, por meio do conteúdo desses textos publicados, percebe-se o uso de termos absolutistas, bem como da introdução de expressões que promovem afetividade e informalidade. Isso demonstra que diversas características da Modernidade estão presentes no discurso religioso contemporâneo.

Palavras-chave: Discurso Religioso; Pós-modernidade; Análise do Discurso Crítica; Multimodalidade; Contextualização.

ABSTRACT

The Brazilian population, from the point of view of the profession of religious creed, is composed of a Christian majority. However, in the 2010 demographic census, an increase in the number of people who declared themselves to be "without religion" was identified, but contrary to what may seem, this group is averse to religion, but not to spirituality. This is a form of faith emerging in postmodernity (HALL, 2006; LYOTARD, 2009). This fact indicated the need for an analysis of contemporary religious discourse in a critical way and to understand how it has been communicating with the current public. Place of worship and posts on the internet are texts that through qualitative research, accessibility found the Alive Community and the Adventist Community of Adrianópolis, Christian churches of traditionally historical confession provide a historically discontinued religious service. This investigation falls within the dialogue it promotes between Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2016) with Multimodality (KRESS; van LEEUWEN, 2006), in a contemporary medium of communication: four worship invitations from these churches (which are publicly available on an online social networking platform). After its analysis, it was perceived on the one hand that the churches have used a physical place (shopping center) and a virtual environment (internet) to communicate purposefully with the contemporary public, as it distorts structural and formal aspects; on the other, through the content of these published texts, the use of absolutist terms is noticed, as well as the introduction of expressions that promote affection and informality. This demonstrates that several characteristics of Modernity are present in contemporary religious discourse.

Keywords: Religious Discourse; Postmodernity; Religion; Critical Discourse Analysis; Multimodality; Contextualization.

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiritualidade Institucionalizada	20
Figura 2 – As Religiões do Mundo.....	22
Figura 3 – A Primeira Missa no Brasil	28
Figura 4 – Religião da população do Amazonas	32
Figura 5 – Composição do Cristianismo	33
Figura 6 – Igreja no Shopping “a”.....	34
Figura 7 – Igreja no Shopping “b”	35
Figura 8 – Igreja no rio Amazonas “a”	36
Figura 9 – Igreja no rio Amazonas “b”.....	36
Figura 10 – Pontos de vista	46
Figura 11 – Concepção Tridimensional do Discurso	48
Figura 12 – Concepção Tridimensional do Discurso com Dimensões de Análise.....	54
Figura 13 – Teatro Manauara	71
Figura 14 – CMAdv.....	71
Figura 15 – CMViva.....	72
Figura 16 – Convite 1 - Como andar de bicicleta (Série de março/2018 da CMViva).....	75
Figura 17 – Convite 2 - Missão Presente (Série de dezembro/2018 da CMViva)	76
Figura 18 – Convite 3 - Metamorfose (Série de abril da CMAdv).....	77
Figura 19 – Convite 4 - O Brasil que eu faço (Série de outubro/2018 da CMAdv).....	78
Figura 20 – Recorte do Convite 1.....	85
Figura 21 – Recorte do Convite 2.....	92
Figura 22 – Recorte do Convite 3.....	100
Figura 23 – Campanha “O Brasil que eu quero”	105
Figura 24 – Recorte do Convite 4.....	109

SUMÁRIO

1	INTROITO	11
2	HOMILIA	19
2.1	História da religiosidade cristã – contextualização do tema de pesquisa.....	19
2.1.1	O cristianismo no contexto brasileiro	26
2.1.2	O cristianismo no Amazonas	31
2.1.3	Novas igrejas cristãs no Brasil	37
2.2	O pensamento pós-moderno.....	43
2.3	Análise de Discurso Crítica.....	47
2.3.1	Prática Textual.....	49
2.3.2	Prática Discursiva.....	51
2.3.3	Prática Social	52
2.4	Teoria da Multimodalidade	58
2.4.1	Metafunção Representacional.....	60
2.4.2	Metafunção Interativa.....	61
2.4.3	Metafunção Composicional.....	64
3	LITURGIA.....	70
3.1	Cenário do estudo.....	70
3.2	Análise dos objetos de estudo	79
3.2.1	Convite 1 – Como andar de bicicleta (Série de março/2018 - CMViva)	80
3.2.2	Convite 2 – Missão Presente (Série de dezembro/2018 da CMViva)	87
3.2.3	Convite 3 – Metamorfose (Série de abril da CMAAdv)	95
3.2.4	Convite 4 – O Brasil que eu faço (Série de outubro/2018 da CMAAdv).....	103
4	AMÉM.....	114
5	PASSAGENS	119

1 INTROITO

É comum o desejo pela experiência da paz, da segurança e da tranquilidade e, por isso, diversos pensamentos, mesmo com diferentes vieses ideológicos, educacionais, políticos ou religiosos, são defendidos a partir de pressupostos que promovem o bem-estar social, que agradando ou melhorando a vida de seus idealizadores, promotores e/ou adeptos. Normalmente, mesmo que sua aplicação seja proposta a partir de contextos socioculturais, as raízes da ideia são construídas com intenções de expansão.

Heritage Park, por exemplo, é o nome de uma cidade planejada por George Hazeldon (um arquiteto inglês) e é apresentada por Bauman (2001) como um projeto diferente de habitação. A proposta envolve a construção de uma urbe protegida dos riscos e perigos do mundo. Como se esta intenção fosse uma novidade, Hazeldon propõe que a fortificação simulasse uma fortaleza segura de qualquer forma de ataque externo e, ao mesmo tempo, um claustro de sufocamento interno. Além disso, essa seria "uma cidade feita sob medida para indivíduos que querem administrar e monitorar seu estar juntos" (BAUMAN, 2001, p. 117). O claustro mais parece com a Thélème de Rabelais, por causa do espírito livre com que os moradores convivem em harmonia, paz e amor mútuo; a fortaleza como um projeto original, se diferencia das demais cidades por causa de seus fortes muros, cercas elétricas, vigilância eletrônica e guardas por todos os lados. Sua ideia com isso é demonstrar que o espaço tem sua prioridade a partir de um aspecto singular: a segurança.

Essa experiência é apresentada a partir de uma forma prática específica, de aplicação local, no entanto, a segurança está baseada em um princípio geral, que não é uma busca recente. Na Idade Média, por exemplo, uma das marcas era a condução da vida sob a perspectiva político-religiosa. Naqueles tempos, a Igreja cristã fazia entender que, sob seu direcionamento, haveria paz, segurança e unidade no mundo. Essa afirmação advém de conclusões estritamente teológicas quando, interpretando o período do milênio bíblico, gerou-se uma expectativa de que, sob a administração eclesiástica, haveria um progresso terrestre, ou seja, o mundo experimentaria um aprimoramento "na medida em que pode contribuir para melhor organizar a sociedade humana" (CNBB, 1998, p. 296).

Esse entendimento corrobora justamente com a perspectiva etimológica do termo religião (*religio* e/ou *religare* do latim), que aponta para a ligação ou religação no sentido de atar, apertar, ligar bem, deixar firme e seguro. Nas palavras de Azevedo (2010, p. 95), com a religião "estabelece-se uma relação passiva entre homem e Deus, que é determinada por um

laço de piedade”, ou seja, a religião se propõe a manter o ser humano ligado ao Divino (e por isso protegido, seguro, em paz).

No entanto, França (2010) explica que, sob a perspectiva político-religiosa, a humanidade presenciou um período de guerras sangrentas e intolerância que desencadeou atraso social, tecnológico e científico. Nesse momento, as relações de poder, como propostas por Dijk (2008), já podem ser percebidas, afinal, eram reproduzidas limitando a liberdade social de ação para o dominado, agindo de forma indireta e levando ao “controle mental”.

Ao viver um momento de grandes expectativas, a sociedade experimentou a frustração com as promessas ascendidas pela fé. Consequentemente, ideias e conceitos baseados em aspectos tangíveis, racionais e testáveis, começaram a despontar, em detrimento àqueles espirituais. Isso marca uma nova era da humanidade: a idade da razão.

Nicolau Copérnico, Johannes Kepler e, finalmente, Galileu Galilei mostraram que o modelo ptolomaico do universo estava errado e, de formas diferentes, desencadearam a continuidade do desenvolvimento do ensinamento cristão e os avanços científicos logo seguiram os da astronomia. Com essa perspectiva, pode-se fazer uma reflexão anacrônica e retórica, a partir da pergunta que Lyotard (2009, p. xvii) apresenta: "uma sociedade justa, será praticável segundo um paradoxo análogo ao da atividade científica?".

Finalmente, o que sucedeu foi "a vitória da descoberta racional e científica sobre o dogma cristão" (BUCKINGHAM et al., 2011, p. 100). Por isso, o advento da Modernidade está atrelado ao desenvolvimento científico em termos empíricos. Descartando a fé, o sobrenatural e o místico, o pensamento moderno valorizava a razão e entendia que a própria ciência que garantiria o progresso da humanidade.

Sabe-se que esse movimento científico também se valeu de diversas críticas pelo próprio teste racional. Paul Feyerabend (1977) é um dos autores que instiga uma reflexão que visa questionar o estabelecimento de regras fixas para o desenvolvimento de pesquisas empíricas. Isso lhe valeu o apelido de pior inimigo da ciência, quando apontado como um anarquista epistemológico ao defender que, se for para o progresso da ciência, todo método é válido, contrariando assim, o uso de metodologias pré-definidas nas pesquisas.

A justificativa disso é que, se os mesmos dados fossem analisados sob as mesmas regras metodológicas, independente da quantidade, do lugar e da época que fosse feita a análise, serão encontrados os mesmos resultados. Portanto, para se descobrir coisas novas, é necessário utilizar métodos igualmente novos. Não é porque o método é mais convencional e familiar que ele é correto; o pesquisador deve tentar novas formas e, nesse sentido, qualquer forma é válida – o que categoricamente propõe uma quebra aos padrões científicos.

Assim sendo, é possível perceber que o entendimento de Feyerabend (1977, p. 45) de que “a proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade lhe debilita o poder crítico. A uniformidade, além disso, ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo”.

A partir da perspectiva científica, mesmo com as críticas que ela recebeu, a religiosidade cristã foi ameaçada, no entanto, permaneceu recorrente nos tempos modernos uma vez que se contextualizou: as crenças estavam submissas às provas da Crítica Textual, Arqueologia e História e as estruturas funcionais das igrejas valorizavam a formalidade, a hierarquia, a liturgia, a ordem e o progresso – da mesma forma como prometia o cientificismo. González (2011c) aponta para a Igreja Católica, Metodista, Batista, Presbiteriana e Luterana, como principais denominações resistentes desse período.

Além disso, a imersão da razão no campo da fé gerou questionamentos às interpretações e ideias correntes da Teologia cristã. O desenvolvimento de estudos nessa área promoveu a variedade de conclusões. Essa diversidade (que, obviamente, não se trata de um fator exclusivo) originou o surgimento de denominações cristãs (ou igrejas) de diferentes confissões ou profissões de fé. Nas palavras de González (2011c, p. 387): “diversas igrejas (...). Várias denominações”.

Tendo percebido que a modernidade proporcionou uma evolução do pensamento humano, esse progresso foi questionado em diversos outros contextos, além do já citado religioso (LATOURET, 2009). Grenz (2008) exemplifica esse desenvolvimento a partir de variados contextos, por exemplo: a produção de alimentos em massa (que trouxe novas doenças por causa dos conservantes); o desenvolvimento de carros (que desencadeou a poluição); e a criação da pólvora (que proporcionou o assassinato em grande escala). Giddens (1991) aponta uma outra consequência da modernidade: o uso generalizado que a sociedade faz de produtos cuja procedência não é conhecida. Essa problemática pode ser evidenciada ao perceber o desconhecimento de informações cotidianas, como por exemplo: (1) quais materiais foram usados na construção do imóvel? (2) Que tipo de cuidados os alimentos servidos no restaurante recebeu? (3) A árvore que foi destruída para construir o móvel foi reflorestada? (4) O salário do mecânico que fez a revisão do carro foi pago? Dessa forma, percebe-se que, ao trazer diversas inovações, a modernidade provocou o surgimento de novos questionamentos e, muitos deles, sem uma resposta plausível.

Neste momento, as proposições de Feyerabend (1977) são novamente consideradas, uma vez que se percebe a provocação do surgimento de perguntas que ainda não foram feitas e, também, o desenvolvimento de perguntas que, por causa de sua originalidade ou

complexidade, não se apresentam ladeadas por uma resposta. Isso, de alguma forma, desperta o seu conceito de incomensurabilidade, no entanto, é bom destacar que isso não significa impossibilidade de comparação.

Para a análise do desempenho das teorias em diferentes situações experimentais, os critérios podem ser admitidos a partir da linearidade ou não-linearidade, coerência ou incoerência, ousadia ou segurança. Feyerabend (1977) dizia que a definição do critério mais relevante é subjetiva, com preferências conflitantes e mesmo propaganda. Com a incomensurabilidade, o que permanece são os julgamentos estéticos, julgamentos de gosto, preconceitos metafísicos, desejos religiosos - fatores subjetivos.

Outrossim, a frustração com a modernidade não necessitou passar por uma prova experimental, ela passou por uma prova experiencial. Cada vez que uma evolução científica é reconhecida como geradora de prejuízos à humanidade, a pós-modernidade é considerada. Sob a perspectiva de Lyotard (2009, p. xvi), a pós-modernidade "é, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências". Por isso, quando o autor define a condição pós-moderna, ele sugere um "estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência" (p. xv). Isso sugere que o processo de construção do pensamento em tempos contemporâneos é diferente daquele utilizado em séculos anteriores e, principalmente, que versar numa conclusão, não omite o surgimento de outras conclusões.

É válido reconhecer, no entanto, que essa não é uma opinião generalizada, afinal, autores como Latour (2009), questionam a evolução do pensamento na modernidade. Um dos seus argumentos é apresentado a partir das sobreposições de informações que, por exemplo, em alguns momentos narra grandes descobertas tecnológicas e a este fato contrasta com culturas que não aceitam a utilização de alguns desses avanços tecnológicos. Assim, apesar do tempo em que se vive, as tradições são imperantes em relação ao desenvolvimento tecnológico ou científico.

Um questionamento semelhante é visto em Foucault (1999, p. 230) ao dissertar sobre as três epistemes que percorrem o Renascimento e a Idade Moderna, passando pela Idade Clássica; sua afirmação é categórica ao sugerir que "numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática".

Apontamentos semelhantes são vistos na obra de Nietzsche (2001), no entanto, ele difere dos demais autores ao considerar a consciência do sujeito presente a partir de suas

experiências passadas, ou seja, o sujeito de hoje é um reflexo do sujeito passado – o que elimina a ruptura entre eles e conseqüentemente o lapso no tempo.

De qualquer forma, quando o sociólogo britânico Anthony Giddens (1991, p. 91) discute o conceito de modernidade ele reconhece que "a perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado". Assim, parece que a variedade de pensamento é uma característica de ambos os períodos. No entanto, a diferença está por a modernidade favorecer diferentes ideias que se digladiam entre si, reivindicando ser a verdade absoluta.

Retomando os estudos de Dijk (2008), a disputa pelo poder e pela verdade no período moderno, resultou em guerras e intolerância, dessa vez, de proporção mundial. Esses conflitos, também puderam ser percebidos no âmbito religioso. Assim, a Modernidade não trouxe a ordem, o progresso, a paz ou a harmonia que prometeu (BUCKINGHAM et al., 2011). Esse fato, definitivamente, provocou uma nova forma de pensar e com isso um novo movimento cultural: a Pós-modernidade – que não somente surge após a Modernidade, mas também se apresenta oposta a diversos pressupostos dela. Tal momento é tão considerado que autores como Lipovetsky (2004) já sugerem uma experiência de hipermodernidade legitimada por uma eficiência que não precisa de justificativa político-ideológica e caracterizada por expectativas de encurtamento do tempo e do espaço, como a cultura do imediato, onde as distâncias são diminuídas pela celeridade da comunicação por vias tecnológicas.

O evento que categoriza a origem da pós-modernidade é discutível. No entanto, como visto anteriormente, a construção dessa identidade contemporânea tem raízes com a frustração do absolutismo (JAMESON, 2006). Esse desapontamento desencadeou o desprezo pela busca da verdade única, das estruturas das formas, da liderança hierárquica, da centralização do poder e das metanarrativas (LYOTARD, 2009). Sendo assim, aquelas denominações cristãs caracteristicamente modernas têm discursado numa nova conjuntura e, por isso, carecem de contextualização metodológica. Assim, a estrutura eclesiástica contemporânea irá (re)construir as formas de pregar do século XX, os acentos em forma de banco do século XIX, os templos do século XVIII e as músicas do século XVII.

De qualquer forma, deve-se reconhecer que estudar as características da pós-modernidade tem sido cenário de variadas pesquisas científicas da atualidade que reconhecem alguns aspectos que a identificam, tais como: valorização das emoções, autenticidade, pluralidade de pensamentos, velocidade de informações (atrelada à informatização), progresso e relativismo. Elas são relevantes para a compreensão de suas inter-relações com os discursos

socialmente construídos. Nesse contexto, pode-se afirmar que o discurso religioso também tem sofrido influências oriundas da condição pós-moderna

O interesse desta pesquisa surgiu a partir da inserção do seu autor num contexto profissional e ideológico cristão, voltado ao desenvolvimento da espiritualidade de um grupo social contemporâneo específico. Isso possibilitou a imersão na temática de forma conceitual e prática. A partir dos padrões metodológicos, o assunto foi tratado de maneira científico-acadêmica e as considerações feitas com base nos diversos teóricos sociais e não unicamente em opiniões populares de natureza individual ou de tradições anacrônicas.

Dessa forma, com a escassez de estudos relacionando pós-modernidade e religiosidade, os resultados dessa pesquisa irão contribuir para atuais e futuros religiosos como fonte de reflexão quanto às práticas discursivas adotadas por diferentes segmentos religiosos, ao atingirem as novas demandas do público contemporâneo.

Como este estudo analisa os elementos da pós-modernidade no discurso religioso, selecionou-se uma instituição de cultos em locais alternativos (como *shoppings centers*, os chamados "templos do consumo"¹), que corresponde a uma iniciativa de evangelização ao público contemporâneo. E a isso se detém o objeto de estudo desta pesquisa. Este fato provocou a seguinte indagação: "Como a pós-modernidade apresenta-se no discurso religioso de igrejas em um *shopping* de Manaus?".

A pós-modernidade tem sido considerada em estudos acadêmicos como este a partir de suas implicações comportamentais na sociedade. Uma leitura atual dessa abordagem, promove a discussão da realidade vivida com as ideias e expectativas dos seus primeiros teóricos. Quando isso é feito sob a perspectiva de um grupo delimitado, há uma tendência para o aumento da profundidade do estudo prático-teórico, o que contribui diretamente para a ampliação e atualização do acervo acadêmico.

Nesta pesquisa, objetiva-se analisar, sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica e da Multimodalidade, os elementos da pós-modernidade presentes no discurso de igrejas que cultuam em um shopping localizado na cidade de Manaus/AM chamado Manauara Shopping, percebendo de que forma elas têm se comunicado com o público contemporâneo. Para isso, de maneira específica, irá (1) contextualizar a religião do ponto de vista histórico, (2) identificar no gênero textual "convites de igrejas" a constituição do discurso religioso, e (3) investigar quais são as características da pós-modernidade presentes nos convites de igrejas que cultuam no Manauara Shopping, quanto à prática social, discursiva e textual.

¹ Termo utilizado por Bauman (2001), o que inspirou a expressão "templo" no título deste trabalho.

Esta Dissertação está alicerçada na Linguística Sistêmico Funcional, quando considera a Análise de Discurso Crítica e a Multimodalidade, na Pós-Modernidade e na Religiosidade Contemporânea. Cada uma dessas bases teóricas tem abordagens diferentes que, no decorrer do trabalho, irão convergir e demonstrar o cunho transdisciplinar desta pesquisa.

A **Análise de Discurso Crítica (ADC²)** é uma abordagem científica inter e transdisciplinar que promove estudos críticos da linguagem como prática social, discursiva e textual, podendo ser percebida na estrutura e conteúdo dos diferentes gêneros textuais (e vice-versa). Ela começou a se desenvolver como um campo acadêmico distinto desde 1980 e tem em Norman Fairclough (1992, p. 3) um dos seus principais teóricos, quando defende que “os discursos não somente refletem ou representam instituições e relações sociais, eles as constroem/constituem”³. Sua teoria, no Brasil, já desenvolve pesquisas desde os anos 1990.

A **Multimodalidade** constitui-se em outra teoria que se soma a ADC para realização desta análise. Tem sido o termo utilizado para nomear textos constituídos por múltiplos recursos de escrita, imagens, sons, gestos e outros. Ela está inserida na semiótica social e, proposta como gramática visual, em 1996, por Gunther Kress e Theo van Leeuwen, (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Os autores demonstram como os produtores são influenciados e tentam influenciar ações sociais, através da seleção, organização, estrutura, cores e diversos outros aspectos semióticos.

Os múltiplos conceitos relacionados à **Pós-Modernidade** são correspondentes ao período de um movimento cultural que, como o nome indica, está situado depois da modernidade. Os principais autores que discorrem acerca desse período são de difícil determinação, no entanto, como sugere Kress (2008) há proeminência de Michel Foucault, Jacques Derrida e Richard Rorty. O marco desse período está relacionado com a frustração da modernidade (simbolizada pela indústria) e a expansão da produção de informações (simbolizada pelo computador) o que tornou o mundo uma aldeia global interconectada e descentralizada. Foucault (1999, p. xii) é quem designa esse universo sem centro com o termo “heterotopia” para ressaltar o afastamento da modernidade a partir de uma visão utópica de seus pressupostos relacionados ao alcance da paz, justiça e amor. Em vez disso, a filosofia pós-moderna oferece a diversidade de opções que pode satisfazer cada indivíduo de maneira

² Como o termo em inglês é "*Critical Discourse Analysis*", alguns autores preferem utilizar a sigla ACD, pois traduzem a expressão como "Análise Crítica de Discurso" – o que também é correto do ponto de vista da tradução. Utilizando as considerações de Magalhães (2005) ao discutir essa terminologia, este trabalho utilizará sempre aquela proposta pela autora: "Análise de Discurso Crítica – ADC".

³ Tradução livre de "*Discourses do not just reflect or represent social entities and relations, they construct or 'constitute' them*".

diferente. O absolutismo dá lugar ao relativismo; a verdade única dá lugar ao a pluralidade, o universo dá lugar ao multiverso.

Outrossim, teorias que versam sobre a **Religiosidade Contemporânea** se refere à experiência religiosa em tempos pós-modernos. Eddie Gibbs e Ryan Bolger (2005), utilizando o termo “Igrejas Emergentes” são responsáveis por uma das obras mais completas sobre o assunto, afinal, se trata de um projeto de pesquisa que durou cinco anos e abrange os Estados Unidos da América e o Reino Unido. A temática está relacionada à contextualização missionária em relação ao lugar e, principalmente, à época. Se o cristianismo conseguiu construir uma mensagem compreensível do ponto de visto moderno, agora está desafiado a contextualizar seus processos ao público pós-moderno.

Finalmente, a capitulação deste trabalho seguirá a nomenclatura paralela a um ritual de culto cristão ortodoxo, por isso, depois desta primeira parte introdutória – chamada de Introito –, se seguirá a segunda parte, Homilia, onde é feita uma fundamentação teórica dos conceitos que envolvem a Análise de Discurso Crítica e o pensamento pós-moderno, além de um histórico a respeito da religiosidade. A terceira parte é a Liturgia, e se ocupa em apresentar a metodologia obedecida para a construção desta pesquisa bem como os dados e sua análise para considerações finais desta pesquisa. A quinta parte é chamada de Amém, ela se ocupa em apresentar as variadas considerações finais desta Dissertação. Por fim, a última parte nomeada de Passagens, onde são apresentadas as referências utilizadas nesta pesquisa.

2 HOMILIA

Ao viajar por outros estados e países, neste mesmo continente americano ou nas terras de além mar, tem-se muito a conhecer, a experimentar, a admirar e aprender. Seja uma rápida viagem de férias ou mesmo a trabalho, conhecer novos lugares sempre vai envolver a história e a cultura do povo nativo. Talvez, seja por isso que Burke (1995, p.31) diz que “as ilustrações mais marcantes das novas atitudes em relação ao povo talvez provenham dos viajantes”.

Ao conhecer os valores e atitudes de artesãos e camponeses (classes subalternas, “donas” da cultura não-oficial), juntamente com os princípios da elite, aprende-se com a dicotomia da cultura popular e da cultura erudita no seio da mesma sociedade. Nessas descobertas é comum a apreciação da música, do idioma, dos sabores, da fauna, da flora e um elemento também está presente é a religião, a fé, a espiritualidade vista nos anais da história daquele povo. Isso se destaca nas palavras de Sahlins (2003) por considerar que essas ações percebidas numa sociedade são um reflexo de sua cultura e não somente daquela que é imediata, mas também daquela que é histórica. Por isso, a seguir, serão apresentados aspectos históricos da religiosidade.

2.1 História da religiosidade cristã – contextualização do tema de pesquisa

Talvez, uma das perguntas existenciais mais repetidas pela humanidade seja a seguinte: “Por que existe algo em vez de nada?”. Questões relacionadas à existência da vida, à capacidade de raciocinar dos humanos e à existência organizada do universo compõe a reflexão. A existência do que podemos chamar de divindade é algo tão histórico como a humanidade. E isso é dito, não com intenção de confirmar a historicidade ou existência de um Deus, mas sim de reconhecer a discussão: Deus existe por causa da humanidade ou a humanidade existe por causa de um Deus.

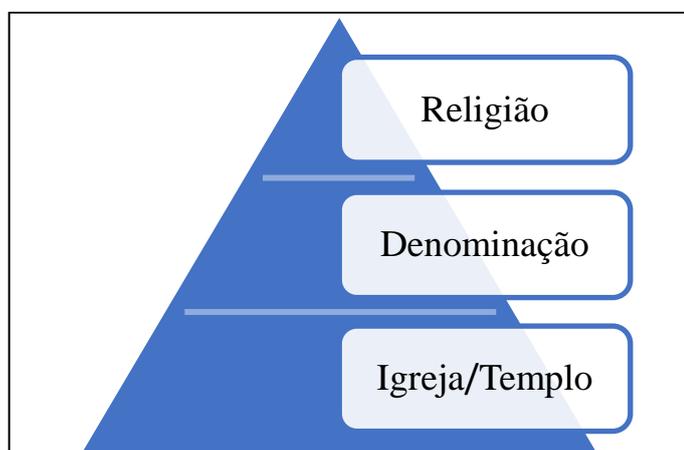
Mircea Eliade (1983) percebe essa reflexão chamando-a de profunda insatisfação e afirma que a espiritualidade é uma condição humana. O autor inaugura a expressão “ontologia arcaica” no sentido técnico do termo, ou seja, aquilo que é princípio e principal (e não aquilo que é antigo, como o coloquial poderia sugerir); seu trabalho analisa as manifestações do sagrado nas diferentes sociedades humanas iniciando na pré-história e seguindo até o florescimento do culto de Dioniso na Grécia (passando pelas religiões mesopotâmicas, o Egito

Antigo, Israel, a Índia antes de Buda, Grécia e Irã). Seus estudos reconhecem a crença no “extra-humano” mesmo em contextos tribais – o que sugere que a espiritualidade se apresenta para o ser humano como parte da sua constituição.

Seja de maneira única (monoteísmo) ou em uma forma plural (politeísmo), a existência desse “ser superior” é um pressuposto na cultura dos povos antigos orientais. Walton, Matthews e Chavalas (2018) explicam que a literatura do antigo Oriente Próximo é carregada de aspectos mitológicos, por isso, "tanto a mitologia mesopotâmica como a egípcia fornecem uma quantidade de material referente às perspectivas contemporâneas da criação do mundo e dos seres humanos" (p. 25). Assim, a origem da vida introduz os diversos assuntos desencadeados pelos mitos sumérios da região da Mesopotâmia, apontando o aspecto religioso. Por isso, Buckingham *et al* (2011, p. 15) afirmam na introdução de sua obra que "fé e crença se integram na filosofia oriental de um modo que não encontra paralelo no Ocidente".

Por causa da pluralidade de religiões e a forma como essas expressões de espiritualidade se mostram institucionalizadas, como em pilares; a Figura 1 ilustra um correto uso de termos e o parágrafo seguinte os descreve.

Figura 1 – Espiritualidade Institucionalizada



Fonte: Autoria própria.

González (2011b) ajuda a definir os conceitos de espiritualidade, religião, denominação e igreja, reconhecendo que a espiritualidade, é a condição que reconhece, por vias racionais ou emocionais, que existe uma força superior aos seres humanos e, seja ela um ser ou uma energia, é soberana à humanidade; essa espiritualidade pode ser percebida a partir da (1) religião, que são sistemas classificados a partir das tradições espirituais de cada povo (ao que pode-se citar o islamismo, budismo, hinduísmo, judaísmo, cristianismo enfim, as

expressões macro da espiritualidade, que se diferenciam a partir de sua respectiva cosmovisão). Por vezes a religião também se vê dividida em (2) denominações, que são as representações da fé a partir das diversas interpretações do conteúdo sagrado, como a Bíblia, no caso do cristianismo (a Igreja Católica Apostólica Romana, Batista, Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo Dia e Metodista, são alguns dos exemplos de denominações dessa religião). Por fim, (3) as igrejas, são os vários prédios, edifícios ou comunidades locais de cada denominação.

O Quadro 1 demonstra a reprodução das principais religiões do mundo na atualidade, que sobreviveram a uma história milenar.

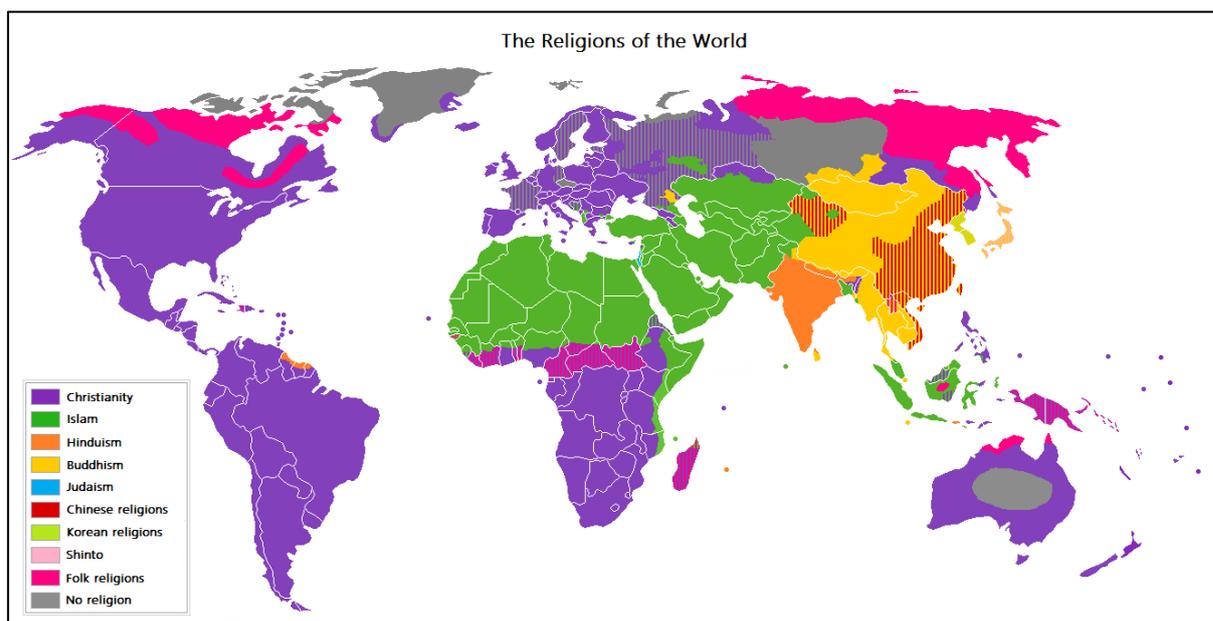
Quadro 1 – Religiões do mundo

RELIGIÃO	ANO DE FUNDAÇÃO	TEXTO SAGRADO	DENOMINAÇÕES
Judaísmo	1.700 a.C.	Torah e Talmude	Ortodoxo Reformista Conservador
Hinduísmo	1.500 a.C.	Livro dos Vedas	Vaisesika Nyaya Sankhyan Mimamsa Vedanta Bhakti
Budismo	624 a.C.	Cânone sulista de Pali e o cânone nortista sânscrito Sutra de Lótus	Theravada Mahayana Zen Terra Pura Nichiren Tibetano
Islamismo	622 a.C.	Qu'ran (Corão) e Hadith	Sunitas Xiitas Sufismo Fundamentalismo Islâmico
Xintoísmo	400 a.C.	Shinten	Xintoísmo dos santuários Xintoísmo doméstico Xintoísmo imperial Xintoísmo folclórico Xintoísmo das seitas
Cristianismo	30 d.C.	Bíblia	Católica Assembleia de Deus Congregação Cristã Universal Quadrangular Batista Adventista Presbiteriana

Fonte: Próprio autor. Compilado de Flor *et al* (2009).

Como visto, o cristianismo é a mais recente das grandes religiões do mundo e, atualmente, é a maior em número de adeptos o que, possivelmente, se deu pelo fato de ser a única que conseguiu alcançar expansão territorial em relação a sua geografia original, ou seja, como basicamente cada religião, por serem nacionais, tem na quantidade de fiéis um número não muito superior ao de habitantes de seu país/território de origem, o cristianismo (que surgiu em Israel), conforme pode-se ver na Figura 2, expandiu sua atuação amplamente.

Figura 2 – As Religiões do Mundo



Fonte: Disponível em: <<https://tumoutounews.com/2017/09/10/jumlah-pemeluk-agama-terbanyak-di-dunia/>>. Acesso em: 07 de agosto, 2019.

González (2011b) destaca que no primeiro século desta era o império romano (que durou, de forma unificada, de 27 a.C. à 330 d.C. – e de forma dividida até 476 a.C. através do império do ocidente) promovia conflitos com os judeus, principalmente por motivações religiosas, uma vez que permitia os povos dominados exercerem sua religião, no entanto, insistia que aspectos relacionados ao paganismo como o culto aos deuses do império (e ao próprio imperador), fossem formas de aceitar a subordinação a Roma. Os israelitas, em suas diversas denominações/seitas, insistentemente rejeitavam o politeísmo proposto e, pelo fato de adorarem um deus invisível, eram considerados uma colônia atea, rebelde, vivendo em conflitos com Roma toda vez que surgia um novo governador.

Como o cristianismo surgiu de uma cisma com o judaísmo no ano 33 d.C., mantinha condutas semelhantes a eles (monoteísmo, monogamia, não trabalhar aos sábados e não comer carnes de animais específicos) e, por quase um século, os dois grupos ainda eram

confundidos como um só. No entanto, entre si, havia diferenças destacadas (a obrigatoriedade da circuncisão, a vida missionária e, principalmente, a aceitação de Jesus como messias), o que causava perseguição da liderança judaica para com os cristãos (PAROSCHI, 2018).

Comentando a respeito dos vários aspectos relacionados à estrutura dos locais de culto dos cristãos do primeiro século, Paroschi (2018) afirma que ocorriam no templo e nas sinagogas com os compatriotas judeus, exceto para realizações das cerimônias distintivas da devoção cristã – como batismo e santa ceia – que eram realizados no lar dos fieis. O autor continua dizendo que “nos anos seguintes à destruição do templo de Jerusalém (70 d.C.), as medidas tomadas pelos líderes rabínicos para excluir os cristãos judeus de suas sinagogas fizeram com que as igrejas nas casas permanecessem como os únicos lugares cristãos para cultos religiosos” (p. 34).

Na intenção de se diferenciar frente ao Império, por vezes, a liderança judaica promovia calúnias e vandalismos e culpavam os cristãos. Por isso, Justo L. González, um reconhecido historiador cubano especialista em história da igreja cristã, informa que:

Ainda que, a princípio, os cristãos fossem acusados de incendiários, tudo parece indicar que logo começou a haver perseguição pelo simples fato de serem cristãos - e por todas as supostas abominações que iam unidas a esse nome. O próprio Nero deve ter se apercebido de que o povo sabia que se perseguia os cristãos não pelo incêndio, mas por outras razões. (...) Em vista de tudo isto, e a fim de justificar sua conduta, Nero promulgou contra os cristãos um édito que infelizmente não chegou a nossos dias. Provavelmente, os planos de Nero incluíam estender a perseguição nas províncias, se não para destruir os cristãos nelas, ao menos para conseguir novas fontes de vítimas (GONZÁLEZ, 2011b, p. 42).

Existem alguns documentos dos fins do século I e do II que recordam com terror aqueles dias de perseguição. Se o governo de Nero agiu dessa forma, Vespasiano e seu filho Tito (sucessores de Nero) tiveram posturas pacíficas em relação aos judeus e cristãos. Com reinado de Domiciano (81 d.C.), no entanto, a rotina de perseguição foi irrompida. Não se tem certeza do que motivou a postura do novo imperador; uma suposição é que, por não existir mais um templo judaico em Jerusalém, ele exigiu que as ofertas que comumente eram levadas ali agora fossem dadas a Roma. Alguns se negaram a fazer isto, outros pagavam o tributo expressando que Roma não havia ocupado o lugar de Jerusalém e, por isso, todos aqueles que mantinham costumes judaizantes enfrentaram perseguição de Domiciano (GONZÁLEZ, 2011b).

Esse preconceito, adicionado ao fato de ter surgido num país onde já existia uma religião predominante, certamente, forçou os primeiros cristãos a alargarem suas fronteiras, não por uma estratégia de expansão, mas sim como tática de sobrevivência. Josefo (2004)

adiciona o fato de que à época, aspectos da cultura helenista como a língua e a mobilidade facilitada pelas estradas do império romano também contribuíram para o cristianismo alcançar esse objetivo.

O papel do imperador Trajano, no início do século II estabeleceu a política de perseguição contra os cristãos durante os próximos séculos, com períodos de paz, é verdade, mas que não poderiam ser generalizados. No entanto, quando o imperador romano Constantino se converteu ao cristianismo, no século IV, mudou essa forma de governo para uma atitude favorável e de alguma forma até impositiva do novo credo. Por isso que Stetzer e Queiroz (2017, p. 18) lembram que "a união da Igreja com o Estado no século 4º, sob as 'bênçãos' do imperador Constantino, livrou os cristão de perseguições e muitos dissabores" e findou por popularizar a religião cristã no mundo europeu e, finalmente, no ocidente – como permanece até os dias atuais.

A conversão de Constantino (e também de sua mãe) causou um impacto tão grande na igreja, cujos reflexos são vistos em cada capítulo da história do cristianismo até hoje. O fim das perseguições foi um dos impactos imediatos; mas também outros podem ser citados, a saber: a transformação dos templos pagãos em igrejas cristãs; a promoção do turismo religioso para a terra santa; a busca dos lugares sagrados/históricos do cristianismo; a sofisticação dos lugares de culto, bem como das roupas de culto; a imersão dos mais variados elementos cristãos na cultura romana, pois esta passou a ser a religião oficial do império. González (2011b, p. 133) destaca que o favorecimento de Constantino foi tão expressivo que “não faltaram cristãos que se empenharam em provar que Constantino era o eleito de Deus, e que sua obra era a consumação da história da igreja”.

Destacando os aspectos relacionados à estrutura dos locais de culto primitivo dos cristãos, Paroschi (2018, p. 34) afirma que ocorriam nos lares dos fieis e se manteve assim até a conversão de Constantino, quando se estabeleceram “as grandes congregações com uma arquitetura típica – conhecidas como basílicas”.

Se a figura do imperador foi logo comparada pelos cristãos como um personagem divino, um “bispo dos bispos”, logo essa proposta foi recusada e colocada sobre a liderança da igreja cristã. Essa figura e suas sucessões, passaram a exercer tanta influência e domínio que, de alguma forma, passaram a exercer maior poder que o próprio imperador. Por isso que González (2011b, p. 121) afirma “que até o século XX a igreja viveu na era constantiniana”. O autor destaca ainda que, mesmo com a queda do império romano político pela invasões bárbaras, o poder religioso se manteve de pé, afinal, aqueles povos não tinham a intenção de destruir o império mas de participar dele. Agora, imersos na cultura do império romano (ou,

finalmente, da Igreja romana), através de seus costumes, de sua língua e também de sua religião, a Igreja Católica Apostólica Romana ia em direção ao seu apogeu, transpondo fronteiras étnicas e geográficas.

O período da Idade Média, realmente, foi o mais expressivo uma vez que, basicamente, qualquer referência ao cristianismo nessa época era uma referência a "Igreja" que, basicamente, era composta por uma única denominação cristã. Esse período também ficou conhecido como Era ou Idade das Trevas, e assim nomeado por causa do regime obscuro com que a Igreja exerceu poder.

Esse período também comportou o “descobrimento” da América que, embora não seja comumente associado a história da igreja, tem vínculo próximo, afinal, proporcionou que num período de menos de cem 100 anos, as nações europeias se expandiram pelo restante do mundo, especialmente pelo continente americano e veio a causar uma multiplicação enorme do número dos cristãos, uma vez que os povos tradicionais foram submetidos a esta religião (BRANDÃO, 1990; HOORNAERT, 1991)

A escuridão desse período também pode ser percebida com a exclusividade do livro sagrado ao clero; em algumas circunstâncias, percebeu-se o favorecimento fiscal e administrativo do império a partir de interesses religiosos. Esse relacionamento político com a fé contribuiu de alguma forma para o agravamento das divisões religiosas. A primeira grande delas foi um cisma, em 1.054 d.C., "em decorrência de uma recusa de reconhecimento mútuo entre os legados do papa e o patriarca Miguel Cerulário" (FLOR et al., 2009, p. 96). Mutuamente, os envolvidos excluíram o outro de suas perspectivas religiosas.

Foram variados os cismas que aconteceram na história do cristianismo. Possivelmente, a Reforma Protestante, ocorrida a partir dos anos 1.500 d.C., foi um dos mais expressivos. Com início despontado a partir de interpretações bíblicas diferentes, o evento culminou com a discussão relacional e, em vez de "reformatar" a Igreja, findou por "fundar" uma outra chamada de Igreja Protestante.

Esse fato continuou ocorrendo em diversas outras instituições, no entanto, com o desenvolvimento da imprensa e o advento da modernidade (o que valorizou o estudo acadêmico) facilitou o surgimento de uma diversidade de outras denominações cristãs - tantas quantas são as interpretações diferentes de um respectivo assunto. O convívio delas não foi pacífico, afinal, as relações de poder eram enfraquecidas cada vez que um adepto desistia de seu credo ou que uma nova pessoa era adicionada as outras fileiras. Menor quantidade de adeptos, ocasionava menor entrada de recursos e, finalmente, menor influência.

González (2011c, p. 560) afirma que “originaram-se não apenas as guerras (...), mas também uma série de intermináveis contendas” em busca do correto entendimento, da defesa da fé. Se existiam grupos diferentes é porque existiam diferentes ideias e isso, de alguma forma, contribuiu para a formação do racionalismo, ideal do protestantismo. Isso levou muitas pessoas a pensar que somente uma fé estritamente racional seria compatível com o mundo agora chamado de moderno. Os protestantes agiram abertos às inovações do mundo moderno, enquanto os católicos se mantiveram em caminho oposto: “praticamente tudo quanto era moderno – a democracia, a liberdade de consciência, as escolas públicas – parecia-lhes heresia” (GONZÁLEZ, 2011c, p. 560). De qualquer forma, é válido destacar que este período foi quando a fé cristã se tornou verdadeiramente uma religião mundial, pois atingiu sua maior expansão geográfica. A atitude missionária, expandiu sua influência na Ásia, Oceania, África, no mundo muçulmano e na América Latina.

O advento da Revolução Francesa destacou o cientificismo e, como os aspectos ligados à fé não podiam ser testados em laboratório, variadas pessoas consideravam o cristianismo algo ultrapassado e que entraria em declínio. O capítulo “O pensamento pós-moderno” vai dissertar sobre essa continuidade, no entanto, por hora, já pode-se dizer que os princípios racionalistas alcançaram resultados inesperados (BUCKINGHAM et al., 2011).

Em relação ao cristianismo, sua expansão foi tão generalizada que, autores como Flor *et al* (2009) indicam que, atualmente, as denominações cristãs se apresentam numa quantidade incontável em nível mundial. O cristianismo encontra-se tão dividido que, basicamente, pode ser apresentado a partir de três grupos distintos: católicos, protestantes e anglicanos.

O território nacional que hoje é chamado de Brasil, tendo sido declarado em 1.500 como uma colônia portuguesa, findou por reproduzir diversos aspectos daquela cultura, inclusive a religião – tema base do subcapítulo a seguir.

2.1.1 O cristianismo no contexto brasileiro

No Brasil, diversas manifestações religiosas podem ser percebidas. Casamentos e velórios, por exemplo, são rituais amplamente vinculados à perspectiva religiosa, mesmo que submissos a aspectos legais. Flor et al (2009) adicionam os exemplos a partir de relações sociais mais amplas: no esporte (o levantar das mãos para o céu), na música (a menção de

personagens e sentimentos da fé) e no calendário (ciclo semanal de sete dias e feriados de cunho estritamente cristão).

Entendendo que a história do território que hoje é conhecido como Brasil não começa na Europa, mas sim no próprio Brasil, deve-se reconhecer que o país era povoado por diversos povos originais que, em meio a uma fé com características politeístas, sofreram influência das missões jesuítas, anunciando um Deus só, majoritário (BRANDÃO, 1990). González (2011c, p. 240) revela que existem relatos afirmando que cada povo indígena à época “tratava-se de uma nobre raça de selvagens, incrivelmente inocentes, sem religião nem governo”. No entanto, o autor já se ocupa em explicar que esses relatos eram fruto de algum “descontentamento que começava a aparecer na Europa com respeito à igreja e aos governos” e tinham a intenção de sugerir que, se os *brasileiros* eram felizes sem religião, “o mesmo poderia ocorrer da velha Europa”.

Com mais de duzentos milhões de pessoas, o Brasil é o quinto país mais populoso do mundo e seu espaço geográfico também desponta como quinto maior do planeta. Sua história é considerada “recente”, afinal, comumente é escrita a partir de 500 anos atrás quando o território foi encontrado pelo mundo europeu, que não se esqueceu dos aspectos religiosos em sua colonização (CONCEIÇÃO, 2014). Esse relato é exaustivo a partir do branco dominador, inclusive, é aquele que majoritariamente é ensinado nas escolas, no entanto, trabalhos como o de Hoornaert (1991), se ocupam em dar voz a história do povo a partir do relato do próprio povo.

O catolicismo brasileiro, de acordo Hoornaert (1991, p. 13), “assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório. Era praticamente impossível viver integrado no Brasil sem seguir ou pelo menos respeitar a religião católica”. Prestes (2011) parece sugerir que é uma influência política e cultural como essa que o artista plástico Victor Meirelles sofreu ao pintar a obra *A Primeira Missa no Brasil* (1861), apresentada na Figura 3 – A Primeira Missa no Brasil, a seguir:

Figura 3 – A Primeira Missa no Brasil



Fonte: MEIRELLES, Victor. **Primeira Missa no Brasil**. 1861. Tinta óleo sobre tela, 268x356cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Essa imagem se tornou emblemática na história do Brasil e pertence ao imaginário da sociedade brasileira como sendo o registro real da fundação da nação. O próprio trabalho de Prestes (2011) e também de (González, 2011c) revelam a crítica desse posicionamento ao mesmo tempo que, através de apropriações, reproduções, reutilizações e releituras do quadro de Meirelles, evidenciam: (1) o fato histórico da missa, (2) a intenção europeia de catequisar os brasileiros, (3) a tentativa de inibir qualquer relato de coação na evangelização colonial e (4) a aceitação em massa das tradições do catolicismo. Tal representação é tema em inúmeras outras reproduções que fazem parte da história brasileira.

Além da pauta indígena, Hoornaert (1991) também destaca que, como boa parte dos imigrantes no Brasil eram de origem africana, sua espiritualidade também foi praticada nas terras brasileiras. A religiosidade desenvolvida em tons sincréticos, também foi tolhida pelo catolicismo ainda mais que, por não terem matrizes cristãs, essas experiências religiosas africanas eram consideradas satânicas e, finalmente, pagãs. Ressalta-se que atualmente tais

manifestações estão cada vez mais em evidência e sendo resgatadas, inclusive com intuito de desfazer certas representações a elas atribuídas.

O catolicismo mostrou sua face guerreira contra o sincretismo religioso e também contra a liberdade religiosa. “Os efeitos do espírito guerreiro católico não demoraram a se manifestar: índios e africanos responderam logo ao desafio da violência sagrada, transformando seus espíritos e orixás em deuses vingativos e violentos” (HOORNAERT, 1991, p. 52).

Com relação aos povos tradicionais, diversas guerras foram travadas evocando deuses guerreiros da mitologia indígena; o confronto com os europeus foi justificado por uma suposta disputa entre seres celestes. Fernandes (1972) explica que a resistência não buscava a destruição do inimigo, mas unicamente o restabelecimento da paz. No caso dos africanos, Hoornaert (1991, p. 53) adiciona que sua mitologia guerreira “não chegou a provocar verdadeiras guerras no Brasil”, pois o negro não podia se defender materialmente contra um regime em que todos os direitos pertenciam aos brancos. Sua batalha foi travada a partir da força mística. Assim, o catolicismo religioso, em sua força bélica, ideológica e estatal se manteve predominante no Brasil.

Com o advento da modernidade, o surgimento das diversas denominações cristãs (relacionadas ao protestantismo e o espiritismo) e as ações missionárias desses grupos no país, a resistência, por vezes, tentou estratégias de paz “mas a coroa portuguesa nunca aceitou (...) e continuou a compactuar com a inquisição que garantia a homogeneidade católica na luta contra índios e quilombolas” (HOORNAERT, 1991, p. 17). O autor continua descrevendo as estratégias para isso e aponta “as numerosas confrarias, irmandades, ordens terceiras e especialmente as confrarias denominadas ‘Santa Casa de misericórdia’” (p. 18) como métodos de popularização e solidificação ideológica que perduraram séculos e ainda podem ser vistos na contemporaneidade através de benefícios fiscais, privilégios/auxílios do Estado e ocorrência de feriados nacionais a partir do calendário eclesiástico católico. Segundo Carvalho (2008), isso não fere a laicidade do Estado, afinal, seu estabelecimento seguiu apenas a tradição vigente no país ao se inaugurar a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891.

Esses aspectos históricos ajudam a entender a pluralidade cultural da nação brasileira, especialmente, pelos aspectos religiosos (BRANDÃO, 1990). Como a pós-modernidade se desenvolveu em consonância a nova era, findou por promover a diversidade da razão, a não uniformidade de pensamento e a religião valorizada pelos sentidos e emoções, o que findou por dar espaço ao esoterismo na diversidade religiosa brasileira vista na contemporaneidade.

É bem verdade o que Guerriero (2003, p. 137) afirma que a nova era desponta de forma destacada na pluralidade e na pós-modernidade "tornando cada vez mais rico e complexo o campo religioso brasileiro". O autor valoriza essa pluralidade do ponto de vista científico, mostrando o Brasil como um laboratório da espiritualidade; do ponto de vista da liberdade religiosa, visto a operação legal da expressão de fé (uma vez que o Estado brasileiro é laico, conforme artigo 5º, VI, da Constituição Federal); e do ponto de vista societal, visto a interação possível e real entre essas diferentes religiosidades.

No viés dos papéis da Igreja no Brasil, a Tabela 1 – Influência do cristianismo no Brasil, a seguir, apresenta os momentos de entrada do cristianismo em diversos contextos da sociedade e, além de ratificar a proeminência da Igreja Católica em relação às outras, pode também ser útil para sugerir tanto o favorecimento político indicado por Feitosa (2013) e quanto o conservadorismo da instituição em estratégias evangelísticas inovadoras, como referido por Silva e Nalini (2015).

Tabela 1 – Influência do cristianismo no Brasil⁴

ÁREA/DENOMINAÇÃO	CATÓLICA	EVANGÉLICA
Política⁵	1898 ⁶	1929 ⁷
Escola	1549 ⁸	1870 ⁹
Universidade	1946 ⁷	1976 ¹⁰
Rádio	1942 ¹¹	1943 ¹²
Televisão	1983 ¹³	1962 ¹⁴

Fonte: Autoria própria (a partir da conceituação teórica dos autores referidos nas notas de rodapé).

⁴ Outros dados relacionados à inserção do cristianismo (em sua forma católica e evangélica/protestante) complementariam esta Tabela 1, no entanto, por uma datação imprecisa e/ou controversa, não foram utilizados.

⁵ Considerando a partir do período do Estado Novo, cargos de parlamentares eleitos em qualquer nível.

⁶ CUNHA, Tiago Donizette da. Igreja e política durante a primeira república: o caso do cônego José Valois de Castro. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, mai., 2010.

⁷ FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil** – da constituinte ao impeachment. 308p. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

⁸ MESQUITA, Peri; BERTOLIN, Alinne Fernanda; DANTAS, Rosilania da Rocha. **A educação como missão: presença da igreja Católica na educação brasileira (1978-2010) – um projeto missionário?** EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação (PUC-PR). Paraná. Anais do Evento, 2015.

⁹ MARTINS, Antônio Carlos Pereira. **Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais**. **Acta Cir. Bras.** vol.17 (suppl.3): São Paulo, 2002.

¹⁰ TAVARES, Sergio Marcus Nogueira. Governança em universidades confessionais no Brasil: modelo em construção. **Educação & Linguagem**. 12(19): p. 219-238, jan.-jun., 2009

¹¹ VIEIRA, Beatriz Trezzi. **Radiojornalismo em emissoras católicas: a evangelização pela notícia**. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2013.

¹² PRATA, Nair; LOPEZ, Debora Cristina; CAMPELO, Wanir. **Panorama do rádio religioso no Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Foz do Iguaçu, PR. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014.

Ainda como forma de análise, Feitosa (2013, p. 211) justifica a tardança do catolicismo por ingressar no ambiente televisivo pelo fato de que “o catolicismo sempre foi a religião predominante no Brasil desde a colonização portuguesa. Esse fato fez com que a evangelização através dos meios de comunicação de massa não fosse tarefa primordial em um país quase totalmente católico”. A internet, como indicam Silva e Nalini (2015), é a mídia atual mais pertinente a essa imersão. Seja como for o formato, atualmente, já é utilizada pelas diversas denominações para transmissão de missas e cultos, informações institucionais, estudos bíblicos, doações, vendas e compartilhamento de textos escritos, músicas e vídeos em forma de meditação. É possível que algumas das igrejas ocupem espaços em redes sociais em uma tentativa de aproximação com o público religioso ou não que se encontra nesse ambiente virtual, inclusive buscando práticas de autoconhecimento, ajuda espiritual e outros temas que as vezes passam também a ser utilizados a título de evangelização ou reaproximação de fieis.

De qualquer forma, Stetzer e Queiroz (2017) destacam a existência de algum vínculo político que o catolicismo mantém em sua relação com o Estado, que extrapola os aspectos culturais da sociedade brasileira.

Além de considerar o contexto do cristianismo no Brasil, também é pertinente o estudo a partir das variadas partes que compõe a nação, afinal, quando estão apresentadas no todo, diversas particularidades podem não ser percebidas. Assim, a seguir, serão tratados aspectos religiosos de um dos estados do país: o Amazonas.

2.1.2 O cristianismo no Amazonas

Em conformidade com a variedade cultural que o Amazonas agrega, encontra-se a diversidade das manifestações religiosas professadas por sua população. Eduardo Galvão (1955) explica esse fenômeno por meio do entendimento que o aspecto religioso é característico da sociedade humana, inclusive, daquela primitiva. O autor também afirma que “o ambiente geográfico, as técnicas de sua exploração pelo homem, o forte contingente

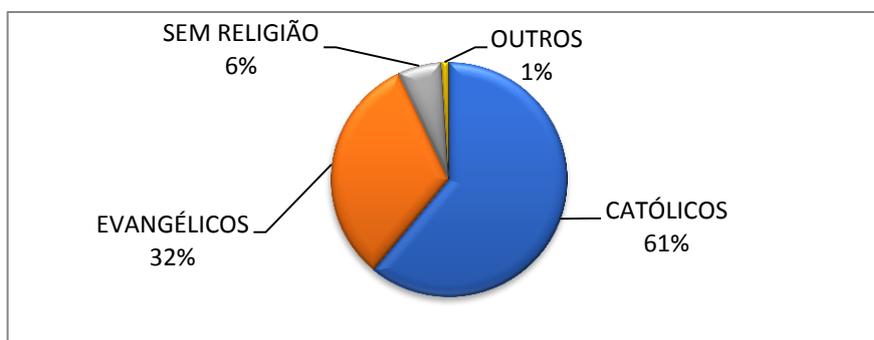
¹³ FACHINI, Fabiano. **Programa Anunciamos Jesus completa 35 anos de história**. 2018. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/noticias/programa-anunciamos-jesus-celebra-35-anos-de-historia/>>. Acesso em: 19 de maio de 2019.

¹⁴ FONTELES, Heinrich A. **Programa show da fé: um retrato da construção midiática de imagem religiosa evangélica**. 178p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista São Paulo, 2007. Apud FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco (EDUSF), 2003.

ameríndio, cultural e biológico, emprestaram á Amazônia uma feição muito característica [que, somada às] dificuldades de comunicações com as demais regiões do país” (p. 174), têm desde os tempos ditos coloniais, marcado uma condição tradicional e estável aos costumes tradicionais vividos pelo(s) povo(s) dessa região.

Segundo o último Censo Demográfico realizado no Brasil, a população do Amazonas está composta, a partir de sua declaração religiosa, por 93% de cristãos¹⁵, como exposto na Figura 4, a seguir:

Figura 4 – Religião da população do Amazonas



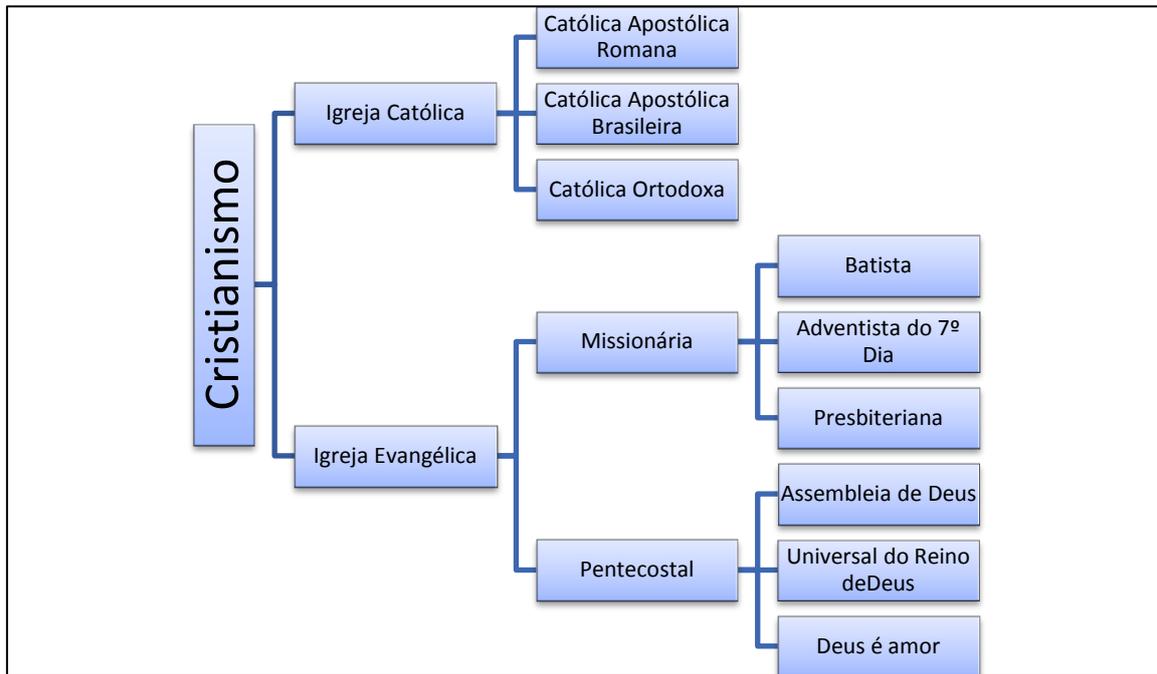
Fonte: IBGE (2010)

Flor *et al* (2009) explicam que o cristianismo é uma religião que compreende diversas denominações; elas se dividem, basicamente a partir das diferentes interpretações do seu livro sagrado chamado Bíblia. Além disso, é possível reconhecer que evangélicos (as vezes denominados como protestantes) são os fiéis das denominações originadas a partir do século XV, que não reconhecem o sistema papal como sendo a continuidade da igreja cristã primitiva, do primeiro século.

Com maioria absoluta em quantidade de fiéis declarados, o IBGE (2010) apresenta os católicos com três denominações: Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira e Católica Ortodoxa. A variedade de denominações evangélicas é mais extensa e pode ser exemplificada pelas três mais populosas, respectivamente: Assembleia de Deus, Batista e Adventista do Sétimo Dia. Os evangélicos são divididos em dois grupos: missionários e pentecostais (como ilustrado na Figura 5, a seguir) e essa diferença tem que ver com sua origem – a partir do século XV – e sua forma de culto – espiritualmente extravagante –, respectivamente (FLOR *et al.*, 2009).

¹⁵ Católicos e evangélicos (também conhecidos como protestantes) compreendem uma só religião: o cristianismo (FLOR *et al.*, 2009; GONZÁLEZ, 2011b).

Figura 5 – Composição do Cristianismo¹⁶



Fonte: IBGE (2010).

Apesar de o catolicismo ser uma denominação tradicional e, atualmente, ocupar mais da metade dos cristãos professos do Amazonas, superstições e credences fazem parte do cotidiano amazonense. A respeito disso, Galvão (1955, p. 3) explica que o território “era habitado por considerável massa indígena, a que se mesclaram portugueses e um pequeno contingente africano. Dessa amálgama resultou uma cultura regional, em que repontam com mais intensidade do que em outras regiões brasileiras, as tradições ameríndias”. Com essa perspectiva e reconhecendo que o pensamento contemporâneo tem “demonstrado um desejo de permitir que existam, lado a lado, construções concorrentes e aparentemente conflitantes” (GRENS, 2008, p. 69), há motivos para perceber características favoráveis a pós-modernidade no Estado do Amazonas, pelo menos, do ponto de vista da pluralidade cultural, inclusive, religiosa.

Ribas (2018) critica diversas estratégias evangelizadoras apontando a influência cultural da religiosidade cristã em povos indígenas no Amazonas, sobretudo através de distúrbios ideológicos, persuasão a partir de presentes e coação, além das relações de poder.

O Amazonas é também identificado como um dos estados brasileiros com menor incidência de pessoas que se declaram “sem religião” (6%) e o IBGE (2010) justifica o

¹⁶ Denominações apresentadas por ordem de quantidade de fiéis declarados e conforme nomenclatura da Fonte.

afloramento dessa forma de profissão de credo a partir do avanço de frentes ocupacionais "acompanhados por diversos segmentos evangélicos pentecostais, e a crescente urbanização" (p. 93) destacando a pluralidade de denominações religiosas.

Diante desse quadro de expressão da realidade, se o processo evangelizador tem a intenção de ser relevante para o público contemporâneo, deve refletir acerca das formas da evangelização na sociedade pós-moderna que, para ser pertinente, precisa atuar a partir de ações que levem em conta as peculiaridades da geração da modernidade tardia.

Para alcançar esse objetivo de manutenção e expansão, Santos Júnior (2007) ensina as comunidades religiosas a não insistirem em formatos de culto anacrônicos que já não encontram mais recepção na atualidade e passem a investir em ações eficazes de evangelização pós-moderna, como não priorizando a racionalidade e enfatizando o relacionamento interpessoal. A seguir, as Figuras 6, 7, 8 e 9, ilustram a diversidade dos locais de culto no Amazonas.

Figura 6 – Igreja no Shopping “a”



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Comunidade.adrianopolis/photos/pcb.1973965589331208/1973965552664545/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 de jun., 2019.

Figura 7 – Igreja no Shopping “b”



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/cm viva/photos/a.268801976469587/1529916217024817/?type=3&theater>. Acesso em: 30 de jun., 2019.

As Figuras 6 e 7 se referem ao culto que ocorre dentro de um shopping de grande circulação da cidade de Manaus e é realizado por duas igrejas distintas. Junto à praça de alimentação, existe uma sala de teatro com 550 lugares que é alugado pelas respectivas denominações para realização de cultos no sábado e no domingo – ambos, pela manhã. Nas imagens pode-se ver o aparato tecnológico e banda, bem como os trajés dos participantes que apresentam o sermão e/ou música da programação.

As Figuras 8 e 9, que podem ser vistas a seguir, também se referem a cultos distintos de igrejas no Amazonas, dessa vez em barcos flutuantes que, dessa vez, vão apresentar características mais simples de vestuário e conforto, como é a vivência das comunidades ribeirinhas, público-alvo dessas estações características da configuração geográfica interiorana do estado.

Figura 8 – Igreja no rio Amazonas “a”



Fonte: Disponível em: <<https://terratributabr.files.wordpress.com/2012/11/6-dsc03273.jpg>>. Acesso em: 30 de jun., 2019.

Figura 9 – Igreja no rio Amazonas “b”



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/UniversalAmazonas/photos/pcb.890629004429412/890625701096409/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 de jun., 2019.

Assim, pode-se perceber que o Amazonas possui espaços que abrigam diferentes formatos de culto religioso cristão. Seja em grandes shoppings centers da metrópole ou mesmo em meio aos ambientes rústicos da floresta e dos rios, o cristianismo se apresenta em variadas facetas.

Um dos elementos que caracterizam as sociedades da modernidade tardia é a diferença, no entanto, a simples pluralidade das denominações religiosas não é o atrativo para o público atual, afinal, essa diversidade pode sugerir rigidez de pensamento, inclusive, nos detalhes menos relevantes da fé. Dessa forma, conforme atestado por González (2011c), a cada pensamento divergente num grupo religioso, uma nova denominação é formada e assim, a variedade teria sua origem na multiplicidade de conclusões cognitivas, em detrimento do que realmente seria atrativo para o público pós-moderno: a variedade de experiências do ponto de vista emocional e espiritual. Talvez, essa possibilidade seja explicada através do fato de que "as pessoas se tornam mais religiosas à medida que se aproximam do final de suas vidas" (NERI, 2011, p. 18).

No território brasileiro, como Queiroz e Stetzer (2017) indicam, há diversas igrejas que são relevantes em seu discurso na pós-modernidade. Antes de avançar no estudo específico da Amazônia, pode-se conhecer as características dessas experiências a fim de utilizá-las como parâmetro para o estudo local, o que será feito a seguir.

2.1.3 Novas igrejas cristãs no Brasil

Há vários termos para descrever a condição do cristianismo em diversos períodos de sua história: "não era fácil", "desafiador", "abandonados", "perseguições", "resistentes" (QUEIROZ; STETZER, 2017). A intenção deles em destacar isso é demonstrar que na contemporaneidade a percepção é a mesma, afinal, quando não há um desafio físico (como a perseguição, em países africanos e orientais), tem-se um desafio ideológico-cultural (como tornar um sistema de culto moderno relevante para uma sociedade pós-moderna). Isso é o que motivou González (2011a, p. 33) a tratar sobre "que relação existe entre fé cristã e as culturas em que ela tem se arraigado por séculos".

Autores como Queiroz e Stetzer (2017, p. 20) afirmam que "o declínio da influência do cristianismo e o enfraquecimento de muitas denominações cristãs em várias partes do mundo contemporâneo tornaram-se uma realidade, especialmente após o Iluminismo". Marinho (2008, p. 49) explica que isso aconteceu com a autopercepção de cada indivíduo em ser "o ponto de referência para o seu próprio padrão de conduta ou crença". Giddens (1991, p. 98-99) reforça esse entendimento ao argumentar que "a cosmologia religiosa é suplantada pelo conhecimento reflexivamente organizado, governado pela observação empírica e pelo pensamento lógico, e focado sobre tecnologia material e códigos aplicados socialmente"; sua

argumentação também culpa as regras baseadas na tradição. Arendt (2010, p. 316) concorda, apontando para “a separação entre Igreja e Estado”, destacando que a “perda de fé não é de origem religiosa”!

“Em síntese, por uma grande variedade de razões, (...) a modernidade se declarou inimiga (...) de todo o cristianismo ou de toda crença no que não pudesse ser comprovado por meios empíricos e supostamente objetivos” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 25). Isso ameaçou a abrangência do cristianismo que precisou se reinventar em suas características metodológico-missionárias.

No entanto, de uma forma geral, o cristianismo percebeu essas mudanças contextuais de maneira tardia, afinal, somente nos últimos cinquenta anos, começaram a ser desenvolvidos estudos relacionados ao movimento de “Crescimento de Igrejas” e de “Evangelismo em Grandes Cidades”. O resultado disso é que diversas críticas foram feitas por teólogos e missiólogos ao pragmatismo extremo praticado nas igrejas. Queiroz e Stetzer (2017, p. 19), por exemplo, chegaram ao ponto de afirmar que “há igrejas locais (...) que estão profundamente enfermas (...) [e] não passam de monumentos egocêntricos, que até podem utilizar símbolos do cristianismo, mas não fariam falta na região onde estão localizadas caso fechassem as portas”.

Quanto às edificações, Peters (2000) defende que os aspectos estruturais e o funcionamento litúrgico das igrejas individualmente em cada bairro/região, deveriam se tornar a manifestação da denominação mundial, sendo operacionalizada a partir de cada realidade contextual. Com o desenvolvimento das Ciências Humanas na academia brasileira ações evangelizadoras foram e estão sendo despontadas em várias igrejas cristãs. Isso proporcionou a Queiroz e Stetzer (2017) realizarem um estudo destacando os resultados de uma das maiores pesquisas sobre o cristianismo no Brasil e seus desafios. Além desse livro, é válido reconhecer algumas outras obras em português que ganharam notoriedade ao fazer apontamentos com a mesma finalidade: “Uma igreja com propósito”, de Rick Warren; “O desenvolvimento natural da Igreja”, de Christian A. Schwartz; e, mais recentemente, “Nove marcas de uma igreja saudável”, de Mark Dever.

Com isso, percebeu-se que a forma utilizada para avaliação eclesial que estava centrada no aumento do número de fieis adeptos, no tamanho dos ganhos financeiros e na imponência dos templos era ineficaz. A solução proposta para a contemporaneidade passou a destacar o papel de quatro características específicas: o (1) **relacionamento afetivo** perceptível, sincero e profundo entre os fieis, o (2) **desuso de expressões absolutistas** nas mensagens e apelos transmitidos aos ouvintes, a (3) **descaracterização estrutural** do prédio

das igrejas e a (4) **informalidade** dos rituais e liturgias desenvolvidos (GONÇALVES, 2017. GRENZ, 2008. STETZER; QUEIROZ, 2017. MAFFESOLI, 2019) e serão discutidas separadamente nos quatro próximos subtítulos a seguir, iniciando pela afetividade transmitida por meio do relacionamento perceptível, sincero e profundo dos fieis.

a) *Ênfase relacional entre os fieis*

Pesquisa realizada por Wolter (2012) objetivava identificar o perfil dos “sem igreja”¹⁷ de Campinas, no interior do estado de São Paulo. Quando questionados a respeito de suas maiores necessidades, “paz” apareceu em primeiro lugar, seguida da “necessidade de pertencer” e “propósito para a vida”. Indagando também recém-conversos relataram a “paz” (também em primeiro) e “propósito para a vida” (os que vieram para a denominação em busca de conhecimento somaram apenas 4%). Isso revela que um evangelismo tradicionalmente moderno, que enfatiza o conhecimento da verdade, não é uma evangelização contextualizada para saciar as necessidades do receptor, conseqüentemente não obterá melhores resultados com os pós-modernos.

Certamente, estratégias de evangelismo relacional, que favoreçam a interação entre as pessoas e a formação de amizades, satisfaria eficazmente a necessidade de paz e de pertencer. Por isso que Gonçalves (2017, p. 153) afirma que “especialmente por causa da crescente indiferença à religião institucionalizada, os pós-modernos estão à procura de uma comunidade para pertencer antes de encontrar uma mensagem para acreditar”.

Nos termos de Queiroz e Stetzer (2017, p. 116) adiciona-se que “o ambiente relacional se torna seu melhor espaço para oferecer Cristo aos amigos” e eles apresentam isso em tom crítico pois afirmam que “os relacionamentos intencionais são o cerne do evangelho” (p. 126), ou seja, são práticas que não deveriam ter sido deixadas de lado em nenhum momento da história da igreja cristã, afinal, como destaca Paroschi (2018, p. 33), aqueles “cristãos se reuniam diariamente no templo, mas também nos lares, onde partilhavam refeições (...) chamadas de ‘festas de fraternidade’” e permaneceram assim durante séculos.

Adicionalmente, Santos Júnior (2007, p. 8) alerta que as novas igrejas cristãs não têm seu culto apresentado em formas de aulas apelando unicamente para a razão. Em seu ponto de vista, “o intuito do culto não é simplesmente proporcionar compreensão, mas

¹⁷ Tradução livre do termo inglês *unchurch*, relacionado às pessoas com crenças espirituais, no entanto, avessas à religião institucionalizada.

relacionamento”, o que transforma o grupo de membros em uma comunidade – que é o conselho de Arendt (2010) e o apelo de Grenz (2008). No mesmo sentido, o sociólogo francês Michel Maffesoli (2019), propõe que a volta ao sagrado (pressupondo a ausência dele com a racionalidade bruta da modernidade) está intrinsicamente ligada à necessidade coletiva de comunhão coletiva.

De qualquer forma, não somente os aspectos relacionais formam uma comunidade religiosa relevante ao público pós-moderno, a forma como as informações são expressas também deve ser considerada e, por isso, será discutida com mais profundidade a seguir.

b) Desuso de expressões absolutistas

Gosto não se discute. Essa é uma máxima popular, comumente aplicada no contexto da culinária, do vestuário, da estética e também das paixões. Evidente que essa expressão é cotidiana que pode ser utilizada para encerrar uma discussão, ou mesmo lembrar aos participantes do diálogo que diferentes pessoas terão diferentes opiniões em relação a diferentes assuntos.

Conhecer, aprender e descobrir são características presentes na humanidade em geral. O desconhecido, por vezes, é a motivação necessária para a busca pelo novo e, por isso, é visto há busca por saber o que ainda precisa ser revelado. O desenvolvimento científico favoreceu essa característica humana, no entanto, novas propostas têm demonstrado que, nem sempre a verdade descoberta precisa ser absoluta.

A obra de Grenz (2008) destaca que a filosofia pós-moderna não incentiva a busca por uma verdade, mas sim por interpretações da realidade, uma vez que em tempos contemporâneos, há uma verdade absoluta: não há verdade absoluta! Mais uma vez a discussão sobre a frustração com a modernidade é retomada, no entanto, não com a intenção de estabelecer uma metanarrativa, mas sim de descobrir uma informação que faça algum sentido para alguém.

Dessa forma, o relativismo ocupa função de destaque e desponta no ambiente eclesial de forma desafiadora, afinal, “a igreja tem sido acusada de arrogância religiosa, basicamente, porque Cristo é proclamado como o único Salvador e Senhor” (GONÇALVES, 2017, p. 129). Sob a perspectiva pós-moderna, um ambiente religioso deveria congrega diferentes povos, de diferentes crenças, aonde a pluralidade religiosa é dado lugar ao ecumenismo.

Essa percepção também pode ser vista nas informações transmitidas pelas comunidades de fé e, quando estão disponibilizadas num domínio público (como em páginas da internet e redes sociais), servem como uma demonstração que aquela igreja em específico, atende essa “exigência” do público contemporâneo. Assim, quando as igrejas utilizam diversas ações públicas para transmitir com prioridade, suas crenças e opiniões numa base aberta, ou disponíveis ao diálogo, ou pelo menos, tendo considerado outras opiniões, tendem a ser mais aceitas por pessoas de condição pós-moderna uma vez que atinge uma expectativa natural desse público (GONÇALVES, 2017).

De qualquer forma, outras características além das linguísticas tornam uma comunidade religiosa relevante ao público pós-moderno. Os aspectos arquitetônicos também devem ser considerados e, por isso, serão discutidos a seguir.

c) *Descaracterização estrutural do prédio*

O ditado popular incentiva a “não julgar um livro pela capa”, no entanto, a experiência vicária já demonstrou que o estereótipo tem sido entendido como uma imagem preconcebida de alguém ou de determinada coisa ou situação e por isso, é comum o seu uso definição (mesmo que limitada) a partir do ponto de vista externo.

Dessa forma, é importante ressaltar que, do ponto de vista estrutural, as igrejas têm um estereótipo relacionado à arquitetura gótica, renascentista e, mesmo aquelas construídas em tempos modernos, mantém sua estrutura em amplo comprimento, com corredor central, pé direito alto e com elementos imagéticos que caracterizam o cristianismo – como a cruz, por exemplo.

Observa-se que as transformações pelas quais as igrejas vêm sendo convidadas a fazer, são parte de sua engrenagem social e vêm na esteira de outras mudanças mais amplas que podem ser percebidas em diversos prédios comerciais, por exemplo, por meio da presença de estacionamento amplo e coberto e com serviço de *valet*, que se ocupam ainda em oferecer serviços de segurança, espaço *kids*, *wireless* e bar ou *coffee break*, como também, casas de shows cristãos. É como se o ambiente não pudesse oferecer unicamente (e às vezes, primeiramente) o que ele se propõe.

Por isso, Queiroz e Stetzer (2017) propõem a utilização de edifícios de igrejas descaricatos e, inclusive, em prédios que não têm uso exclusivo, como casas, teatros, restaurantes, galpões, cinemas, hotéis e shoppings centers, por exemplo, como local de culto

de igrejas contemporâneas. Remetendo aos ambientes comerciais (os shopping centers), Bauman (2001) os aponta como sendo lugares públicos, mas não civilizados. Seu entendimento se dá a partir da percepção de que nesses ambientes há grande aglomeração de pessoas, no entanto, não há (e parece que nem deve haver) interação social entre elas, podendo ser até mesmo considerada deselegante alguma tentativa de diálogo entre os transeuntes. O autor reconhece a diferença entre o ritmo do que acontece ali dentro e do que acontece fora, no entanto, destaca a falta de interação ali no "templo do consumo" (característica inimaginável para um ambiente religioso).

Ao se retomar outro estudioso da pós-modernidade, percebe-se que uma característica da pós-modernidade é a rejeição de narrativas consolidadas, que mesmo sendo tradicionais, são apresentadas em forma de regra ou lei sacra (LYOTARD, 2009), pode-se entender, em nível de hipótese, que igrejas que se propõem a desenvolver suas atividades em *shopping centers* podem estar dando um passo intencional para serem relevantes ao público contemporâneo.

Conforme Silva, Sousa e Xavier (2013) entendem, o discurso religioso precisa ser contextualizado a um público-alvo específico e, nesse sentido, defendem que ações planejadas trarão resultados crescentes ao número de fieis. O fato de cultuar num *shopping*, sugere que a respectiva igreja esteja se propondo a isso.

No entanto, não somente os aspectos estruturais formam uma comunidade religiosa relevante ao público pós-moderno, é também considerada a informalidade dos rituais e liturgias desenvolvidos nas missas e cultos, o que será discutido com mais profundidade a seguir.

d) Informalidade nos rituais e liturgias dos eventos religiosos

Por causa do descrédito com a modernidade, para se comunicar com pessoas pós-modernas, a informalidade deve ser uma característica do que lhes é apresentado, afinal, como sugere Gonçalves (2017, p. 46) a cosmovisão moderna deixou “uma lacuna entre a mente e o coração”, ao retirar a experiência pessoal do seu contexto. A respeito disso Turner (1990, p. 7) afirmou que “o racionalismo torna o mundo ordenado e confiável, mas é incapaz de torna-lo significativo”. Por mais óbvio que pareça, é relevante destacar que o contrário de informalidade é formalidade (e não organização). Assim, quando se fala de informalidade, também se requer organização, planejamento e objetividade (LIDÓRIO, 2011).

A obra de Gonçalves (2017) ajuda a demonstrar que isso vai ser percebido a partir da linguagem utilizada, com ausência de termos igrejeiros, cultos, excludentes ou de termos arcaicos e a valorização do palavreado informal e coloquial (como a expressão “que bom que você chegou” em vez de dizer “bem-vindo”, na recepção de pessoas à entrada do prédio). O vestuário também proporcionará esse aspecto, a partir de roupas ditas “da moda” e que não caracterizem os cristãos (como roupas sem estampas e o uso estrito de saias para as mulheres). A música também pode proporcionar um ambiente informal quando os ritmos e instrumentos contemporâneos são apresentados em lugar daqueles militarizantes (que favorecem a marcha), que rememoram os tempos modernos.

É pertinente retomar Giddens (1991, p. 99) quando propõe que “religião e tradição sempre tiveram uma vinculação íntima, e esta última é ainda mais solapada do que a primeira pela reflexividade da vida social moderna, que se coloca em oposição direta a ela”; assim, um ambiente religioso tradicional é repudiado pelo pensamento pós-moderno quando colocado num formato anacrônico. Em concordância, Maffesoli (2019) ironiza tal situação se referindo a uma teologia medieval.

Queiroz e Stetzer (2017, p. 218) destacam que uma igreja eficaz para o público contemporâneo precisa estar “edificada sobre um fundamento totalmente diferente do que em geral vê-se nas igrejas modernas” e por isso, defendem “que as igrejas devem ministrar ao mundo de uma maneira culturalmente compreensível e relevante”, o que torna a interdisciplinaridade essencial em qualquer estudo sério a respeito de métodos e técnicas missiológicos para um público contemporâneo, cuja forma de pensar será discutida no subcapítulo a seguir.

2.2 O pensamento pós-moderno

A obviedade dos termos permite entender, sem demais explicações, que a pós-modernidade foi precedida pela modernidade. O que não está claro é como isso se configurou. Imersa nessa discussão, Arendt (2010) entende que três eventos determinaram o caráter da modernidade: as grandes navegações ao continente americano (desencadeando ou incentivando a exploração de toda a terra), a Reforma (retirando a posse de várias propriedades eclesiásticas e desencadeando a expropriação individual e acúmulo de riqueza social) e a invenção do telescópio (que inseriu a terra no universo e vice-versa). A autora identifica os principais nomes (os grandes navegadores, Martinho Lutero e Galileu Galilei,

respectivamente) e lembra que, sem nenhuma pretensão, mesmo pertencendo a um período pré-moderno, foram os precursores de uma nova ciência revolucionária, com o advento da Revolução Francesa e do Iluminismo, ao final do século XVIII.

Ao discorrer acerca da construção da identidade da pós-modernidade, Hall (2006) afirma que ela superou a concepção do sujeito do Iluminismo (que enxergava cada pessoa como um indivíduo unificado, totalmente centrado, dotado das capacidades de consciência, ação e razão próprias) e do sujeito sociológico (que entendia o comportamento humano também a partir da relação com outras pessoas e ambientes de influência).

Essa superação é pertinente nos estudos de Fairclough (2016[1992]) por entender que os sujeitos estão posicionados ideologicamente a partir do equilíbrio entre a influência social e também das decisões próprias (sujeito efeito ideológico e sujeito agente ativo). Segundo o autor em questão, "as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para seus membros são um aspecto fundamental do modo como elas funcionam, como as relações de poder são impostas e exercidas, como as sociedades são reproduzidas e modificadas" (p. 219).

De qualquer forma, é peculiar descrever o comportamento de um motorista que foi surpreendido por uma lombada ao dirigir numa autoestrada. Reduzindo a velocidade e olhando no retrovisor, sua atenção se mostra curiosa, preocupada e/ou assustada, sem perceber que tudo já está novamente sob controle. Algo semelhante aconteceu na História quando, percorrendo tempos modernos, fomos surpreendidos pela pós-modernidade. Parece que ainda vivemos a instabilidade provocada por essa "lombada pós-moderna", no entanto, como nosso tempo é mais longo que o tempo do motorista, são construídas teorias explicando o fato e práticas que inibam sua instabilidade.

É recorrente a discussão do termo "pós-modernidade" ao se referir ao período da sociedade contemporânea, e existem outras propostas como "modernidade tardia" (GIDDENS, 1991), "terceiro capitalismo" (BOUTANG, 2011), "condição pós-moderna" (GONÇALVES, 2017) ou "modernidade líquida" (BAUMAN, 2001). Giddens (1991) é um deles que expressa seu incômodo com o termo "pós" por sua indicação de término, de finalização, de encerramento da modernidade. Para ele "muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle" (p. 9), mas insiste que, uma análise disso, não deveria simplesmente gerar novos termos.

Há ainda quem, de forma irônica e formal, use a expressão "sem definição" (SANTOS, 1986, p. 19) para conceituar o pós-modernismo, justificando isso a partir do

entendimento que ele se ocupa em definir grupos, mas não o todo. De qualquer forma, por mais vazia que a expressão “pós-modernidade” possa parecer, estará apontando para uma série de novas práticas.

De qualquer forma, há um entendimento expressivo admitindo que as características sociais e culturais, a forma de pensar e agir que representam o comportamento contemporâneo são diferentes daquelas de um século atrás. Neste trabalho, os termos da pós-modernidade serão usados como referência à contemporaneidade.

A pós-modernidade se diferencia dos demais períodos históricos quando enfatiza as sensações, em detrimento da produção de materiais e bens, como na era moderna, chamada de industrial (GRENZ, 2008). Para o autor "mais importante do que a capacidade moderna de viajar ao redor do mundo, de modo relativamente rápido e confortável, é a capacidade pós-moderna de obter informação de praticamente todos os lugares da terra quase que instantaneamente" (p. 34).

A "liberdade" é o fio condutor da perspectiva de Bauman (1998) para descrição dessa aldeia global, que despreza o controle, progresso e ordem predominantes, facilitando no indivíduo o pensamento próprio, seguro e inquieto. Dessa forma, a pós-modernidade é o resultado sócio-cultural que prevalece na contemporaneidade, inclusive, no capitalismo; se configura como um sistema que, rejeitando a modernidade filosófica, é reconhecido de maneira multifacetado.

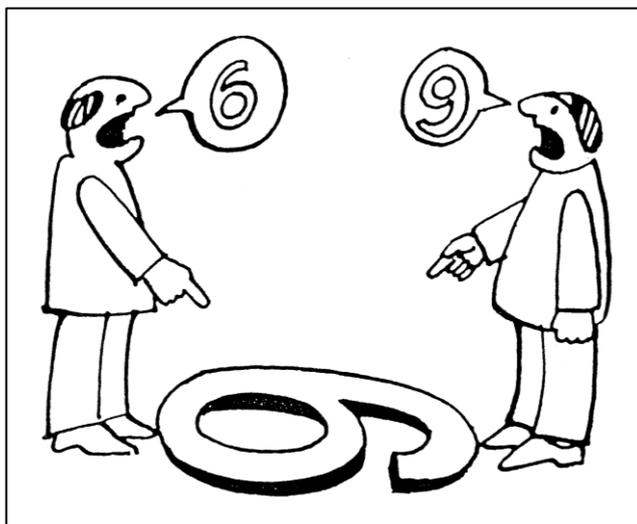
A condição pós-moderna se apresenta de forma aberta, plural, sem defender unidade de conclusões ou absolutismos. Apontamentos como esses ajudaram a construir a opinião de Giddens (1991) que entende a pós-modernidade como consequências da modernidade, ou seja, não seria vista como período/era da pós-modernidade – o que não exclui o entendimento da instabilidade do pensamento da sociedade contemporânea.

Em conseqüente, Lyotard (2009) desponta ao propor que a pós-modernidade traz complicações para a carreira científica, afinal, essa que é baseada numa metanarrativa absolutista, racional e puramente empírica que legitima o conhecimento mas perdeu sua credibilidade ao insistir em neutralizar uma avaliação sustentada de forma diversa, mutável, indefinida e carregada de experiências reais vividas pelo indivíduo.

A pós-modernidade encontrou no relativismo a busca pela convivência pacífica das opiniões divergentes; nela os diferentes pontos de vista convivem entre si e não têm a intenção de anular, substituir ou desconcertar o outro. A Figura 10 – Pontos de vista, ilustra essa possibilidade quando apresenta dois indivíduos dissertando sobre o mesmo objeto e

apresentado informações completamente diferentes, no entanto, ambos estão dando informações verdadeiras.

Figura 10 – Pontos de vista



Fonte: Disponível em: <<https://veronicaboletta.wordpress.com/2014/05/14/entente/>>. Acesso em: 11 de abr., 2019.

Dessa forma, faz sentido a afirmação de Giddens (1991, p. 9) ao dizer que "muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle". O autor afirma ainda que "existem indiscutivelmente descontinuidades em várias fases do desenvolvimento histórico" (p. 10). Por isso, é possível entender que a modernidade estava fadada a uma crise, inclusive, no campo da ciência. Isso culminou com a falta de diálogo entre as ciências e as especialidades (JAMESON, 2006) e demonstra a importância do diálogo como característica singular da interdisciplinaridade.

Além de considerar que o termo pode ser modificado e ressignificado, Lyotard (2009) usa a expressão metanarrativa para se referir ao conceito de história, seja ela micro ou macro, secular ou religiosa. "Nesse contexto, o Pós-Modernismo entende que não existe uma história única ou uma visão de mundo única, mas cada pessoa ou cultura possui a sua própria versão da história e da realidade, escolhendo a sua própria cosmovisão ou maneira de ver o mundo" (MARINHO, 2008, p. 50).

Se esse novo enfrentamento é percebido na ciência, nas organizações empresariais e nas relações sociais, também vê-se a relevância de aplicá-los na profissão de fé dos diversos grupos religiosos, afinal, como ensina Grenz (2008, p. 235), por causa de suas origens

históricas, há uma tendência ingênua em insistir com a "tentativa Iluminista de descobrir a verdade universal recorrendo tão somente à razão".

Outrossim, pode-se perceber que, como Hall (2006, p. 14) propôs, a mutabilidade "é a principal distinção entre as sociedades 'tradicionais' e as [pós-]'modernas'" e, portanto, o discurso religioso pertinente para esse público não deveria estar baseado em símbolos que veneram a experiência de gerações passadas, mas em viver emoções atuais.

Ao analisar isso, González (2011a) se ocupa em considerar a exposição da fé a partir da cultura, o que tornaria o método de ensino da doutrina cristã variável de acordo com cada lugar, época e povo. Para isso, percebe-se que seria necessária uma análise dos sentidos e significados produzidos durante as ações missionárias por meio da linguagem em contextos específicos.

Mesmo que a pós-modernidade possa ser entendida a partir de nossa experiência vicária contemporânea, o estudo teórico desse conceito traz elementos norteadores da história e da compreensão fundamentada. Inclusive, isso é requerido pela Análise de Discurso Crítica, afinal, se propõe a investigar a linguagem a partir de um contexto específico. Para elucidar essas e outras questões, norteados pelo objetivo deste trabalho, na sequência, apresenta-se a teoria que servirá também de sustentação, principalmente, na análise do corpus.

2.3 Análise de Discurso Crítica

Mesmo que a pós-modernidade possa ser entendida a partir da experiência vicária nos tempos contemporâneos, o estudo teórico desse conceito traz elementos norteadores da história e da compreensão fundamentada. Inclusive, isso é requerido pela Análise de Discurso Crítica, afinal, se propõe a investigar a linguagem a partir de um contexto específico; portanto, deve-se inteirar deste contexto, bem como um aprofundamento nos conceitos relacionados à ADC.

Entendendo a comunicação como a partilha, troca ou divulgação de uma informação, pode-se reconhecer uma música, mímica, poesia, palestra, filme, imagem, tato e conversa como exemplos de formas da comunicação ser efetivada, inclusive, através dos habituais textos escritos.

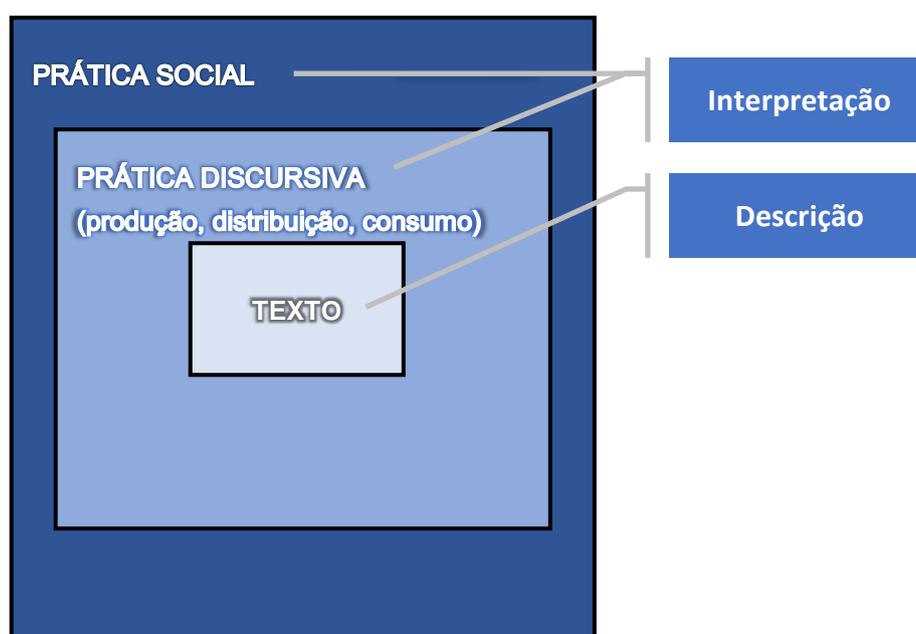
O texto é uma forma peculiar da comunicação e há décadas tem despertado o interesse de diversas pesquisas. Sua composição extrapola as frases ou palavras escritas (forma materializada do discurso que permite sua representação de maneira sistemática) e alcança o

contexto (uma vez que é utilizado para a escolha semântica). Assim, tudo pode vir a ser um texto, inclusive, o próprio ser humano por sua identidade representa um texto (SOARES, 2016a). Essa característica tem contribuído para o interesse de diversos estudos acadêmicos que têm o texto, como elemento de "Análise do Discurso" (AD).

De uma perspectiva histórica, a AD é reconhecida desde os tempos da retórica grega. Somente nos anos 1960, com o desenvolvimento científico, foi encontrada uma relação do discurso com as teorias sociais. Isso se deu a partir dos estudos de Michel Pêcheux e seus amigos, despontando a escola francesa de discurso. Nos anos 1980, sob o olhar de Norman Fairclough, o termo "Análise do Discurso Crítica" foi utilizado, "propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sociohistórico" (MAGALHÃES, 2005, p. 3). Nas palavras do próprio Norman Fairclough (2012[2005], p. 307), a ADC "é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua".

Suas raízes estão no estudo da linguagem como prática social, observando as mudanças e transformações que influenciam a vida social. Na realidade, Fairclough (2016[1992]) compreende a ADC como tridimensional, por isso, além da prática social, considera a prática discursiva e a prática textual, como ilustrado na Figura 11, a seguir.

Figura 11 – Conceção Tridimensional do Discurso



Fonte: Adaptado de Fairclough (2016[1992], p. 105).

Em sua definição de discurso Fairclough (2016 [1992]) considera o uso da linguagem em sua forma de prática social, como modo de ação e como modo de representação. Por isso, é natural que suas raízes estejam no estudo da linguagem como prática social, observando as mudanças e transformações que influenciam a vida social. Na concepção tridimensional, o autor contempla além da *prática social* (da mesma forma que o texto, é uma dimensão do evento discursivo e pode ser estruturada como mercado nas circunstâncias que os textos são produzidos, distribuídos e consumidos como se fossem mercadorias), considera a *prática discursiva* (reconhecendo como ela agrega na reprodução e transformação da sociedade manifestando-se, na forma linguística, como textos) e a *prática ou análise textual* propriamente dita (seja ele apresentado ou não de maneira escrita). Entender o discurso de forma tridimensional é uma tentativa de reunir a análise textual e linguística com a prática social e sua relação com as estruturas sociais. Assim, o texto é analisado sem considerá-lo de forma exclusiva, mas observando também o que está fora dele. Por existir uma centralidade dos seus estudos nessas três dimensões apresentadas na Figura 11 acima, entende-se que elas devem ser percorridas de maneira a aprofundar o seu entendimento. É isso que será feito a seguir:

2.3.1 Prática Textual

A prática textual é realizada em conformidade com quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual (FAIRCLOUGH, [1992]2016). Esses itens podem ser compreendidos como estando em uma escala ascendente, afinal, o vocabulário trata das palavras individuais; já a gramática diz respeito às palavras combinadas em orações e frases; a coesão, por sua vez, considera a ligação entre orações e frases; e, por fim, a estrutura textual se refere às propriedades organizacionais de larga escala dos textos. Por entender que um texto é uma unidade semântica, mas os significados são realizados pelas palavras, Halliday (1994) defende que a análise gramatical acompanha a análise textual. Amparada nessa concepção, a ADC adota a análise textualmente orientada. Cada aspecto da análise textual será analisado individualmente nos parágrafos a seguir.

Percebe-se que o **vocabulário** pode ser analisado de variadas maneiras. No entanto, é necessário esclarecer que o vocabulário que compõe uma língua não é exclusivamente aquele que é registrado ou de alguma forma documentado como em um dicionário, afinal, existe vários vocabulários inter e sobrepostos entre si nas diferentes interações sociais. Talvez seja

por isso que Fairclough ([1992]2016, p. 109) utiliza os termos “*wording*”, “lexicalização” e “significação” como num intercâmbio de palavras, afinal, parece que elas “captam isso melhor do que ‘vocabulário’, porque implicam processos de lexicalização (significação) do mundo, que ocorrem diferentemente em tempos e épocas diferentes e para grupos de pessoas diferentes”.

Além de entender que a forma como as palavras são combinadas em orações e frases compõe a definição da **gramática**, é necessário compreender o conjunto de regras que regem o uso da língua em que o texto é produzido. Uma vez que a combinação das menores unidades da língua forma as unidades maiores, sua compreensão irá compor a análise a ser realizada pelo pesquisador crítico (BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018).

Quando a **coesão** é considerada como critérios de análise do texto, ela é concebida a partir de como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores nos textos. Essa ligação pode acontecer de maneiras distintas, por exemplo: através do uso de vocabulário de um mesmo campo semântico, ou por meio da repetição de palavras ou mesmo utilizando sinônimos próximos; pronomes, demonstrativos, artigos definidos, elipse de palavras repetidas são exemplos dos vários mecanismos de referência e substituição; e como exemplo de conjunções pode-se citar termos como “portanto”, “e”, “entretanto” e “mas” (FAIRCLOUGH, [1992]2016). Em relação à ADC, o foco na coesão dá ao analista a possibilidade de reconhecer esquemas retóricos diferentes e combinação de enunciados. E é por isso que Fairclough ([1992]2016, p. 110) apresenta esse conceito defendendo que “esses esquemas e seus aspectos particulares, como a estrutura argumentativa dos textos, variam entre os tipos de discurso, e é interessante explorar tais variações como evidências de diferentes modos de racionalidade e modificações nos modos de racionalidade, a medida que mudam as práticas discursivas”.

O último conceito é chamado de **estrutura textual** e pode ser entendido no que diz respeito à arquitetura dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de texto. Um exemplo disso é a ordem em que os elementos de uma história são narrados em um trailer de filme, em uma reportagem ou em uma aula. Não é unicamente o conteúdo da informação que é planejado antes de ser exposto, mas também a ordem como ela é apresentada. Essa estruturação vai seguir alguma convenção e, ao ser identificada, poderá ampliar a percepção de variados aspectos como os sistemas de conhecimento e crença, os pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nos diversos tipos de texto (FAIRCLOUGH, [1992]2016).

2.3.2 Prática Discursiva

A prática discursiva, de alguma forma, faz parte da prática social e tem que ver com a produção, a distribuição e o consumo dos textos – e contextos. Um texto publicitário, por exemplo, será produzido a partir de dinâmicas, rotinas e ferramentas próprias da publicidade/propaganda que muitas vezes engloba uma corporação e, assim, um coletivo de pessoas atuando em sua produção (FAIRCLOUGH, [1992]2016). Esse texto será distribuído por meio de canais também específicos (o jornal, a televisão, a panfletagem e outdoors são exemplos que, somados as diversas outras possibilidades digitais, sustentam um sem número de canais de distribuição). Em relação ao consumo, também pode acontecer de maneiras diferentes, dependendo do contexto – o anúncio publicitário, para retomar o exemplo, não será lido da mesma forma que um artigo acadêmico; pode ocorrer de maneira individual ou coletiva, parcial ou completa, simples ou complexa.

A análise da prática discursiva vai percorrer os seguintes construtos: tipos de atos de fala ou força ilocucionária, coerência e intertextualidade e interdiscursividade, que serão explicitados a seguir. Cada texto, ao ser construído, pode apresentar componentes acionais através de ordens, perguntas, ameaças ou promessas feitas através de ato(s) de fala que indica(m) a **força** do texto. Ao reconhecer que o posicionamento sequencial no texto pode caracterizar um indicador de força, Fairclough ([1992]2016, p. 117) também destaca o papel das forças diretas e indiretas, bem como do contexto social. Isso porque, elementos como o gênero, a etnia, a idade e o local vão reinterpretar “uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando os elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes”. Um bom exemplo disso é que a interrupção de um diálogo numa sala de aula será considerada diferente da interrupção de uma conversa ocorrida durante um lance de iminente gol, durante uma partida de futebol. De qualquer forma, a percepção consciente da força exercida num texto “permite compreender o investimento político ideológico de um tipo de discurso” (FAIRCLOUGH, [1992]2016, p. 117).

Outra dimensão a ser considerada é a **coerência**, ou seja, o exercício feito através de conexões e inferências necessárias para que a leitura ocorra de maneira coerente e dotada de sentido. Como um texto coerente deve ser reconhecido tanto no seu próprio conteúdo, quanto da parte de sua interpretação, a ausência de marcadores explícitos, por mais que garantam a coesão no texto, podem não garanti-la na experiência de interpretação textual.

A **intertextualidade** é a que recebe maior destaque por Fairclough ([1992]2016) entre as dimensões de análise. É entendida a partir de quando um texto se apropria (ou se constitui) de vários fragmentos de outros textos, que podem até ser delimitados de maneira explícita ou mesclados, podendo assimilar, contradizer, ecoar ironicamente e assim por diante. Falando a respeito da existência contínua de acréscimos a cadeia de comunicação verbal, Bakhtin (2006) explica que cada texto responde a textos prévios. Isso pode ser percebido através de uma referência explícita de um texto a outro e, de maneira mais desafiadora, por meio de referência implícita (que exigirá a leitura atenta e/ou o conhecimento de causa). Neste ponto é válido destacar que este uso intertextual, vai ser construído a partir de outros textos (como dito), no entanto, que serão utilizados a partir da interpretação que será feita deles por parte do autor.

A intertextualidade também constitui dimensão textual que possibilita a **interdiscursividade** (ou intertextualidade constitutiva) que corresponde à constituição de um texto a partir de diversos discursos e gêneros discursivos. Ela se configura como uma extensão a intertextualidade em direção ao princípio da primazia da ordem do discurso. A diferenciação, nas palavras de Fairclough ([1992]2016, p. 119) pode ser vista quando, “por um lado temos a constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos (intertextualidade manifesta); por outro lado, a constituição heterogênea de textos por meio de elementos (tipos de convenção) das ordens do discurso (interdiscursividade)”.

Assim, a partir da força dos enunciados, da coerência dos textos e de sua intertextualidade percebe-se a prática discursiva dos textos. Como ensina Fairclough ([1992]2016, p. 108) Quando reunidos, esses “itens constituem um quadro para a análise textual que abrange aspectos de sua produção e interpretação, como também as propriedades formais dos textos”, cuja análise em específico será conceituada a seguir.

2.3.3 Prática Social

No exercício de compreender o processo social, tem-se como pressuposto a interação mútua de cada elemento: a prática social, discursiva e texto em si. Sob esta perspectiva, a estrutura mais ampla ou abstrata é a social e, de alguma forma, media as demais. Por isso, Batista JR., Sato e Melo (2018, p. 107 e 108) afirmam que “as línguas como estruturas sociais constituem possibilidades, selecionadas por uma rede de práticas sociais no aspecto linguístico, ou ordens de discurso, e se concretizam em textos”.

Com esse entendimento percebe-se que as práticas sociais, integradas a outros elementos não discursivos, articulam o discurso como linguagem. Esses elementos são compostos por áreas aleatórias da vida social. O ambiente político, escolar, esportivo e/ou medicinal, por exemplo, num diálogo entre os pares, vai articular o uso da linguagem entre os interessados (parlamentares e povo, professores e alunos, atletas e torcedores e médicos e pacientes, respectivamente) (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

Essa articulação destaca a perspectiva de Fairclough ([1992]2016, p. 121) da prática social a partir do “conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder [situando] o discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica”.

Em relação à **ideologia**, entende-se que pode estar presente no discurso e alcança eficácia quando está posicionada de maneira naturalizada, como que tendo alcançado um status de senso comum (ALTHUSSER, [1971]1987). No entanto, a presença delas no texto são formas de imposição unilateral ou reprodução autoritária de conceito e, por isso, na perspectiva da ADC, as ideologias são elementos representados de diversas formas que podem contribuir para sustentar as relações de poder, dominação e exploração. A esse respeito, Ramalho (2010) destaca a importância de perceber de forma consciente o senso comum sugerido no discurso a fim de desnaturalizar, nulificar ou coibir o conceito ideológico que deseja ser transmitido ao leitor.

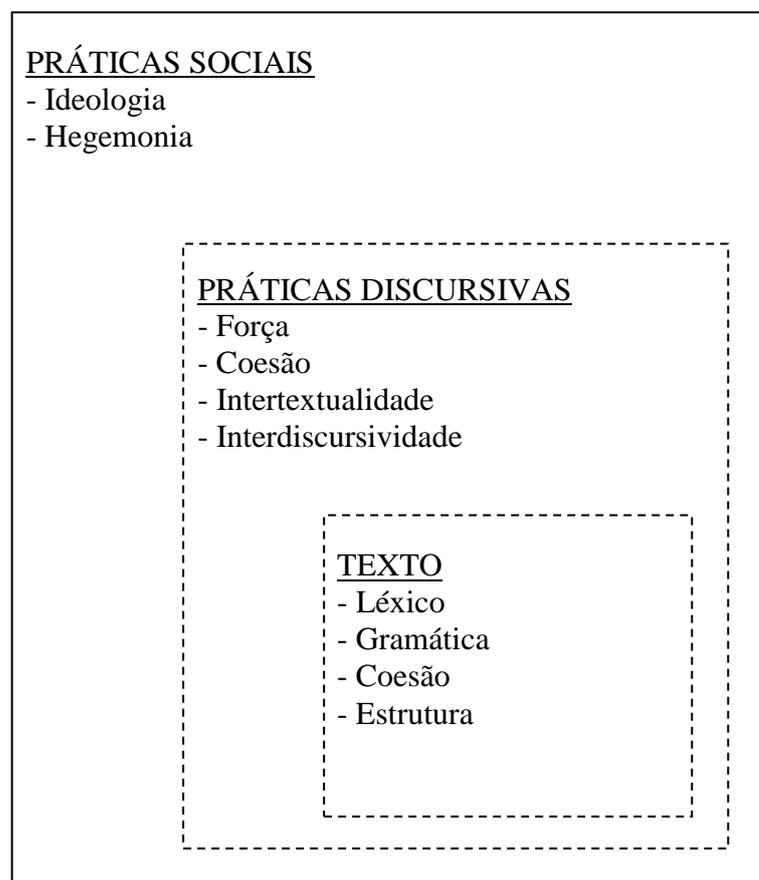
Essa consideração, de alguma forma, introduz o conceito de **hegemonia** que, sendo oriundo de Gramsci (1999), é entendido como a liderança tanto quanto dominação nas esferas econômica, política, cultural e ideológica, ou seja, se constitui na evolução das relações de poder e, por isso, foca constantemente na “luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação” (FAIRCLOUGH, [1992]2016, p. 127). Por isso, o autor apresenta que o conceito de hegemonia tem relação com o capitalismo ocidental e a estratégia revolucionária europeia, mesmo entendendo que grande parte do discurso hegemônico se sustenta em instituições particulares como a família, escolas, tribunais de justiça e religião. Na pós-modernidade, houve uma mudança de orientação institucional associada a uma descentralização de poder e, por isso, nas palavras do autor, um elemento hegemônico é “bastante difícil de apontar” (p. 131) no texto.

Assim, no desafio de analisar a prática social, o leitor deve considerar os conceitos de ideologia e hegemonia, a fim de reconhecer a matriz e as vozes representadas (direta e indiretamente, passiva ou ativamente, nominal ou impessoalmente) que foram utilizadas na

composição de um texto, identificando como a universalização pode ter sido utilizada como forma de legitimação (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

Como uma crítica construtiva à estrutura tridimensional ilustrada na Figura 11 como proposta por Fairclough (2016[1992], p. 105), a Figura 12 apresenta uma proposta que insere as dimensões de análise discutidas e separa as dimensões com linhas pontilhadas, a fim de destacar a relação entre essas dimensões (o que, por sinal, vai propor a reestruturação de Fairclough do seu próprio modelo, como descrito após a Figura 12).

Figura 12 – Concepção Tridimensional do Discurso com Dimensões de Análise



Fonte: Autoria própria, com base em Meurer, Bonini e Motta Roth (2005, p. 95).

Outrossim, como que tendo apresentado a conceituação dos variados aspectos do modelo tridimensional é pertinente destacar que Fairclough (2003) simplificou seu modelo inicial numa proposta bidimensional (deslocando a prática discursiva para junto da prática social), sendo esta a base de análise atual. Com esse entendimento, Batista Jr., Sato e Melo (2018, p. 9) se ocupam em afirmar que a ADC não considera apenas a articulação entre as palavras, da escolha dos termos num texto escrito ou mesmo dos aspectos gramaticais que revestem um discurso. “A ADC busca a explanação dos fenômenos sociais, desvelando o

modo como o discurso, enquanto linguagem em uso, participa dessa construção, estabilizando distorções sociais”.

Daí a importância de considerar o contexto autoral, suas funções e papel na sociedade e seu nível de influência onde atua para finalmente chegar a uma análise crítica (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018). Assim, fica demonstrado que um mesmo texto falado por pessoas diferentes, ou em lugares diferentes ou em tempos diferentes, possível e provavelmente, terá conotações distintas.

A ADC deve então ser descrita não apenas como um modelo de método científico, mas sim a partir da visão de semiose social que, engloba todos os aspectos relacionados à construção dos sentidos (imagens, linguagem corporal e a própria língua). Dessa forma, percebe-se que a intenção Fairclough (2012[2005]) é demonstrar a ADC enquanto uma teoria científica que dialoga e mantém transdisciplinaridade com outras teorias e modelos sociais.

Fairclough (2012[2005]) apresentada três formas de atuação da semiose nos contextos sociais, sendo a primeira integrante das atividades sociais de práticas de um grupo de indivíduos; exemplo disso é um vendedor que se utiliza de uma forma de linguagem particular em seu processo de venda. A segunda se refere às representações que os atores sociais fazem de um determinado contexto, sendo essas representações fruto de suas práticas sociais, as quais são incorporadas práticas sociais de outros contextos que os influenciam. Em terceiro lugar, se encontra a semiose que atua no desempenho de posições particulares, ou seja, o que um determinado ator social reproduz é também fruto da posição social que ele ocupa. A junção dos dois primeiros aspectos constituem os gêneros discursivos que formam o discurso das várias representações sociais. O terceiro aspecto, as semioses das posições, constituem os estilos dos atores sociais.

Quando as práticas sociais estão inter-relacionadas, tem-se a ordem social que, em seus aspectos de semiose, formam os discursos. Os discursos, por sua vez, podem ser representativos de uma dominância, ou seja, a maneira de construir sentido, estão em alta para certas ordens sociais, sendo considerados como hegemônicos ou, podem ser considerados como discursos marginalizados, quando representam a ordem social de uma minoria (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

Em outra obra, Fairclough (2006) apresenta a visão construtivista social acerca do discurso enquanto elemento da globalização; o autor faz isso por reconhecer o caráter socialmente construído da vida coletiva e suas formas de globalização particulares, além de ver o discurso com significantes efeitos causais no processo de construção social. O autor se ocupa em apresentar quatro posições relacionadas à globalização. Claro, são várias, no

entanto, Fairclough se ocupa em apontar aquelas que têm alguma orientação para o discurso, a saber:

- Hiperglobalista (*hyperglobalist*) – entendem que a globalização desencadeia um mercado global tão amplo e massificado que supera o estado-nação;
- Cético (*sceptical*) – argumentam que os níveis contemporâneos de independência econômica não são novos, que o nível de integração econômica global foi maior no final do século XIX e que a evidência contemporânea indica regionalização (sendo as três grandes forças são a Europa, Ásia Oriental e América do Norte);
- Trans-formacionalista (*trans-formationalist*) – concordam com os hiperglobalistas que a globalização contemporânea é sem precedentes, embora eles argumentem que é muito mais complexo e multidimensional do que o surgimento de um mercado global (tem, por exemplo, dimensões políticas, culturais, militares e econômicas).

Quanto à globalização, o linguista afirma que tem efeitos construtivistas sobre os processos e instituições da globalização. Mas isso ocorre a partir de duas condições: (1) nem toda narrativa será plausível para as pessoas e as narrativas estão sujeitas a uma verificação da realidade; (2) a realidade que eventualmente surge de tentativas de elaborar uma teoria pode ter pouca semelhança com o que (pessoas) realmente previram ou se prepararam para.

Nesse ponto Fairclough (2006) destaca o conceito da multicausalidade o que valoriza a Análise Crítica do Discurso (ADC), uma vez que "as narrativas de globalização que possuem pouca plausibilidade para os acadêmicos podem ser altamente plausíveis para empresários, políticos e outros agentes práticos e agências envolvidas em processos de globalização" (p. 17).

No artigo “Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica”, Fairclough (2012[2005]) também se ocupa em descrever a estrutura analítica da ADC. Ela é apresentada como sendo formada por 5 etapas que apresentam aspectos combinados de elementos relacionais com elementos dialéticos, a partir de uma apreciação positiva e negativa do diagnóstico de um problema para que se chegue a uma solução. Na estrutura da ADC, a primeira etapa é utilizada para identificar os problemas enfrentados pelos atores sociais em razão das formas particulares de vida social. A segunda etapa objetiva encontrar maneiras de superar os problemas encontrados na primeira etapa; para tanto, é necessário uma análise da maneira como as práticas sociais estão inter-relacionadas, formando e influenciando nas características do discurso em si. Na terceira, procura-se considerar se os problemas

identificados no discurso/ordem social são um problema ou não. A quarta etapa visa identificar maneiras razoáveis para superar os problemas encontrados. Isso é possível, desde que seja entendido o sentido do contexto social em que os discursos estão inseridos, sendo necessário entender sobre quais são os problemas sociais contemporâneos - utilizando-se para isso de fontes acadêmicas ou não. A última etapa da estrutura analítica da ADC seria a reflexão crítica propriamente dita sobre a análise.

O trabalho de Fairclough (2012[2005]) é peculiar ao concluir trazendo algumas indagações sobre como a ADC pode realmente contribuir para a minimização de obstáculos sociais. Questionando-se em relação à maneira como a pesquisa tem sido desenvolvida, Norman Fairclough propõe refletir acerca de quais os meios utilizados para a circulação das informações de pesquisa e como produzir textos de fácil compreensão e ao mesmo tempo profundos em sua essência teórica, de forma a aproximar a ciência do cotidiano dos atores sociais.

É nesse ponto que a proposta de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006[1996]), relacionada à Teoria da Multimodalidade, pode ser apresentada em sua dimensão da Semiótica Social. Para eles, os significados estão inseridos no meio e nas interações sociais, sendo o signo a união de uma forma e significado e existindo em vários modos que devem ser considerados como instrumentos para compor o significado de um texto. Os estudos multimodais são considerados pela ADC uma vez que seu principal autor afirma que “a análise do discurso está preocupada com várias modalidades semióticas das quais a linguagem é somente uma (as outras seriam as imagens visuais e a linguagem corporal)” (VIEIRA e SOARES (In: SOARES, 2017, p. 14 *apud* FAIRCLOUGH, 2012, p. 81)).

Portanto, um texto multimodal é, segundo Kress e van Leeuwen (2006[1996]), um texto que vai além da linguagem escrita, abrangendo outras formas de comunicação como imagens, gestos, o olhar, as expressões faciais, enfim, qualquer texto cujos significados são realizados através de mais de um código semiótico, é multimodal. Assim, percebe-se a importância dessa teoria para análise do *corpus* desta pesquisa.

Para análise, esta teoria e suas categorias analíticas também serão relacionadas. Logo na sequência, será apresentada a Teoria da Multimodalidade.

2.4 Teoria da Multimodalidade

Ao entender que as interações humanas se realizam a partir das mais diversas formas de linguagem, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) cunharam a Multimodalidade por meio da Gramática do Design Visual (inserida na Semiótica Social), reconhecendo que cada símbolo, cor, proporção, fonte e demais elementos utilizados para a formação de um símbolo, tem um interesse e motivação por parte do produtor. E cabe ao pesquisador descobrir e apresentar essas intenções, se valendo do maior número possível de informações, inclusive, do contexto social, afinal, como destacaram Vieira e Soares: (In: SOARES, 2017, p. 10 *apud* KRESS; van LEEUWEN, 2006 [1996], p. 8) “os signos são motivados e não arbitrários, pois são formulados seguindo escolhas dos seus produtores em contextos específicos de produção e não como atos de produção”.

Ao reconhecer que a linguagem está presente em todas as situações, suas variadas formas de ocorrer, sua influência exercida no contexto que se apresenta, bem como sua influência sofrida a partir de fatores socioculturais e ideológicos a tornam, metaforicamente, uma entidade viva. Por isso que Soares (2017) exemplifica os modos comunicativos e representacionais a partir de gestos, postura, olhar, imagem (e não somente a linguagem escrita ou falada), afinal, esses elementos possuem significados que são produzidos, distribuídos, recebidos, interpretados e reproduzidos.

Quando a linguagem é considerada apenas sob a perspectiva escrita e/ou oral, sua pluralidade já podia ser percebida, no entanto, a pós-modernidade trouxe consigo uma variedade ainda maior, afinal, “na contemporaneidade os textos não podem mais ser compreendidos apenas pelo modo verbal. Eles trazem cores, recursos visuais e até movimentos, onde a imagem tem tido papel de destaque” (AMOÊDO; SOARES, 2018, p. 131-132).

O conteúdo imagético pode ser percebido em formatos variados como jornais, revistas, internet, fotografias, livros, entre outros, como redes sociais e convites, no entanto, segundo Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) essa diversidade não altera os critérios de análise, desde que, o meio de produção em que as imagens forem produzidas seja o meio de distribuição em que são recebidas e consumidas.

Outrossim, os significados são encontrados no meio social e nas interações sociais, o que exigirá, para a interpretação de um signo, a consideração de sua forma e significado. Esse entendimento promove a percepção de que o processo de leitura ultrapassou a dimensão das letras e palavras e alcançou diferentes recursos semióticos. Por isso, a conhecida gramática

adentrou pelo campo do design visual e, tendo como seus principais autores Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), foi inaugurado o termo Gramática do Design Visual (GDV) – que é justamente o subtítulo do livro desses teóricos em questão. Sob essa perspectiva, sempre que uma linguagem, em qualquer meio, puder ser compreendida por alguém, ela estará se expressando por meio de um texto, ou seja, a multimodalidade alcança todo tipo de texto (e vice-versa).

De qualquer forma, é pertinente reconhecer que a GDV não é apresentada como atrelada a regras que se aplicam de maneira exclusiva ao texto visual (característica comum na elaboração de um texto verbal). Seu objetivo é proporcionar, aos diversos estudiosos da mídia, ferramentas que revelem os campos sintático-semânticos presentes no discurso multimodal (KRESS; van LEEUWEN, 2006[1996]).

Essa operacionalização vai ocorrer a partir de três metafunções com suas respectivas categorias de análise de imagens, chamadas por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) de Categorias Multimodais de análise que são melhor visualizadas através das informações presentes no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Categorias Multimodais de análise

CATEGORIAS MULTIMODAIS DE ANÁLISE – GDV		
METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL	METAFUNÇÃO INTERATIVA	METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL
<ul style="list-style-type: none"> • Participantes (PR-PI) • Estruturas representacionais: <ul style="list-style-type: none"> - Estrutura narrativa - Estrutura conceitual (classificacional, analítica, simbólica) 	<ul style="list-style-type: none"> • Contato <ul style="list-style-type: none"> Demanda Oferta • Distância <ul style="list-style-type: none"> Íntima Social Impessoal • Atitude <ul style="list-style-type: none"> Ângulo horizontal frontal Ângulo horizontal oblíquo Ângulo vertical alto Ângulo Vertical baixo Ângulo Equânime • Modalidade <ul style="list-style-type: none"> Naturalista Não-Naturalista Abstrata 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor informacional <ul style="list-style-type: none"> Novo-Dado Real-Ideal Centro Margem • Saliência <ul style="list-style-type: none"> Tamanho Cor Saturação Contraste Perspectiva • Enquadre <ul style="list-style-type: none"> Conexão/Desconexão

Fonte: Vieira e Soares (In: SOARES, 2017, p. 13 apud KRESS; van LEEUWEN ([1996]2006)).

Refletindo na prática analítica a partir dessas categorias de análise, Soares (2017, p. 14-15) afirma que “as imagens dialogam com o mundo (Metafunção Interativa), por meio dos participantes; dizem algo do que está acontecendo no mundo (Metafunção Representacional), em diferentes modos e formatos semióticos (Metafunção Composicional). Logo, todas as metafunções interagem, compondo a significação visual”, no entanto, é possível que, dependendo do foco de análise e até mesmo do corpus uma delas tome mais atenção que outra (TAMANINI-ADAMES, 2011). Como forma de facilitar a compreensão dessas metafunções, os próximos subtítulos irão compor uma explicação de cada uma delas. Na sequência, primeiramente, serão explorados os construtos da Teoria Multimodal de Análise relacionados à metafunção representacional.

2.4.1 Metafunção Representacional

A realização de uma análise sob a ótica do significado representacional vai responder a perguntas do tipo: O que foi feito? Quem fez? Para quem fez? Em que circunstâncias fez? Assim, percebe-se que esse aspecto, basicamente, considera as relações entre os participantes, os processos e as circunstâncias, dando suporte para a realização do sistema chamado de transitividade (SOARES, 2017).

Pelo que já foi visto até aqui, já se pode supor que todo sistema semiótico deve ser suficiente para representar diversos elementos textuais – sejam imagéticos ou não. Com isso em mente, a transmissão de determinadas informações perpassa a escolha, por parte do emissor, de diferentes caminhos e elementos semióticos (que podem se configurar a partir de vetores), até chegar ao receptor. Nessa teoria, os participantes são reconhecidos em dois tipos: o **Participante Representado (PR)**: aquelas pessoas, os lugares e coisas representadas/mostradas na composição; e o **Participante Interativo (PI)**: as pessoas que se comunicam através de imagens, seja produzindo ou consumindo as mensagens expostas (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006).

Ao reconhecer que, em GDV, sob o aspecto estrutural do significado representacional, as imagens podem ser analisadas a partir da composição de uma estrutura **narrativa** ou **conceitual**, Amoêdo e Soares (2018, p. 135) explicam que será:

Narrativa, quando os participantes estão conectados por um vetor e são representador de forma dinâmica “fazendo algo um para o outro” (1996, p. 56). Esse processo pode ser representado de várias formas: ‘transacional’ quando há dois participantes, ‘não transacional’ onde há apenas um participante e ‘bidirecional’ ocorrendo um movimento das funções dos participantes na composição ora Ator (agente) e Meta (paciente). (Ênfase do autor).

Por outro lado, quando se tratar de uma imagem estática, sem qualquer tipo de ação ou movimento dos participantes, sua estrutura é *conceitual*. Isso trará implicações em relação à ausência (ou pelo menos, não percepção) de vetor – o que vai gerar uma análise praticamente exclusiva a partir do participante representado (SOARES, 2017). A autora, explica ainda que, nesse formato, os processos podem se apresentar de três formas:

- Classificatório – quando uma imagem é composta por diversos participantes que são mostrados com traços e características em comum. Normalmente, um desses participantes é destacado, sendo os outros suplementares a ele;
- Analítico – quando dois ou mais participantes de uma imagem são mostrados como sendo partes fragmentadas de outro participante que, logicamente, é apresentado de maneira destacada. Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 87) vão denominar esse processo de “part-whole” (ou “parte-todo”, numa tradução livre);
- Simbólico – que diz respeito ao que o participante é ou simboliza. Dessa forma, esta parte da análise, se ocupa em identificar quais características estão sendo transmitidas com a utilização do participante em questão – atributos esses que podem ser intrínsecos a ele ou idealizados por meio de sua representação.

Na sequência, serão explorados os construtos da Categoria Multimodal de Análise relacionados à metafunção interativa.

2.4.2 Metafunção Interativa

Uma imagem também pode ser examinada através da metafunção interativa, que diz respeito às interações e relações sociais entre o(s) participante(s) representado(s) nas imagens, bem como o(s) seu(s) produtor(es) e espectador(es). Segundo Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 28) isso vai ocorrer através dos elementos que compõem a imagem, sejam eles animados ou inanimados e que, de alguma forma a ser percebida pelo pesquisador, interagem com o observador. Por isso, mais uma vez, é introduzido o conceito de Participante

Representado (PR) e Participante Interativo (PI), demonstrando que as diferentes metafunções mantêm relações de análise.

A partir da perspectiva da metafunção interativa, Soares (2017, p. 22) explica que, por meio das imagens, “não apenas se mantêm relações com os elementos que as formam como também como espectadores que as veem e observam, contribuindo para a interação entre o participante representado na imagem e aquele que está exterior a ela, chamado de “observador”. Por isso, Carvalho (2013, p. 38) destaca que “os participantes em interação são, portanto, indivíduos reais que produzem e atribuem sentido às imagens no contexto das instituições sociais que, em diferentes graus e formas, regulam o que pode ou não ser expresso através de imagens”.

Quando essa interação ocorre, diversas categorias de análise podem ser aplicadas como, por exemplo, **Contato**: percebida quando um vetor estabelece uma relação direta no olhar dos participantes representados com o observador; dessa forma, o contato é estabelecido, mesmo que em um nível imaginário. Isso pode ocorrer por Demanda (quando por meio do contato visual, por expressão facial ou gestos o produtor coloca o PR demandando algo diretamente para o PI) ou por Oferta (quando não há contato entre os participantes e o PR é colocado unicamente como item contemplativo do PI – sendo este último o sujeito do olhar) (CARVALHO, 2013).

Da mesma forma como os produtores de imagens, ao representar participantes, precisam optar por se vão fazê-los olhar ou não para o espectador, eles também precisam ao mesmo tempo, escolher qual a distância que estarão de quem visualiza a imagem (KRESS; van LEEUWEN, ([1996]2006, p. 124). Isso inaugura a segunda dimensão relacionada à **Distância**, como também sendo uma forma de relação interativa. A relação dos participantes do evento discursivo também é imaginária e pode ser íntima (plano fechado e o PR está mais próximo mostrando sua cabeça e ombros – claro que um close ainda maior pode ser feito e deve ser considerado como extremo), social (quando a imagem retrata o PR aproximadamente pela metade – se uma pessoa humana, seria algo como da cintura ou joelhos para cima –, como num plano médio) e impessoal (seguindo a mesma linha, seria uma retratação do PR em plano aberto, ou seja, quando a figura principal ocupando cerca da metade da altura do quadro - o que mostraria o corpo inteiro do PR bem como o cenário onde está inserido). A escolha da distância pode sugerir diferentes relações entre participantes representados e espectadores e, por isso ocorrer tanto literal quanto figurativamente, Carvalho (2013, p. 39) afirma que “tais enquadramentos situam-se em um contínuo e sugerem, respectivamente, relações de intimidade, amizade, e distanciamento com o espectador”.

Ao explicar essas categorias de análise, Amoêdo e Soares (2017, p. 136) afirmam que “o **Ângulo** [ou **Perspectiva**] é outra dimensão em que se pode atribuir algum tipo de relação entre os participantes. Esta perspectiva implica na possibilidade de expressar atitudes sociais e subjetivas do PR ao PI tais como, o grau de envolvimento (ângulo horizontal) ou a relação de poder entre eles (ângulo vertical)” (grifo do autor). Assim, a seleção de um ângulo ou “ponto de vista” por parte do produtor da imagem, pode transmitir atitudes mais ou menos subjetivas quanto à apresentação dos participantes representados. “Ao dizer 'atitudes subjetivas', não queremos dizer que essas atitudes sejam sempre individuais e únicas. Veremos que elas geralmente são atitudes determinadas socialmente. Mas eles são sempre codificados como se fossem subjetivos, individuais e únicos” (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 129¹⁸). Os autores indicam ainda que a imagem pode ter um ponto de vista frontal ou oblíquo, diferenciando-os em relação ao envolvimento que o produtor deseja que o PI tenha com o PR “o ângulo frontal diz, por assim dizer: 'O que você vê aqui faz parte do nosso mundo, algo com o qual estamos envolvidos'. O ângulo oblíquo diz: 'O que você vê aqui não faz parte do nosso mundo; é o mundo deles, algo com o qual não estamos envolvidos” (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 136¹⁹).

Por fim, a categoria de análise chamada de **Modalidade** permite enquadrar a imagem estudada a partir do grau de congruência ou veracidade entre a representação visual de um objeto e aquilo que normalmente visualizamos dele (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 158). Carvalho (2013) explica que esse exame ocorre sob um de três aspectos, a saber: naturalista (podendo se referir a quando se trata de retratos e fotos, pois, o que se pode observar na imagem, também poderia ser observado na realidade, a olho nu); abstrata (tida como sendo de baixa modalidade, tornam visível o que é normalmente invisível e mostram o que comumente poderia apenas ser ouvido – processos mentais, ondas sonoras –. Para isso, recorrem à linguagem e a elementos gráficos abstratos como linhas pontilhadas e contínuas, setas); e não naturalista (representadas com as tecnologias da atualidade como 3D, prevalecendo a saturação de cores e sombras nas imagens, ou cenários de fundo sutilmente desfocados – muitas vezes não correspondendo, portanto, à realidade).

Na sequência, serão explorados os construtos da Categoria Multimodal de Análise relacionados à metafunção composicional.

¹⁸ Tradução livre de: “By saying ‘subjective attitudes’, we do not mean that these attitudes are always individual and unique. We will see that they are often socially determined attitudes. But they are always encoded as though they were subjective, individual and unique”

¹⁹ Tradução livre de: “The frontal angle says, as it were, ‘What you see here is part of our world, something we are involved with.’ The oblique angle says, ‘What you see here is not part of our world; it is their world, something we are not involved with.’”

2.4.3 Metafunção Composicional

Como o próprio nome indica, a metafunção composicional se relaciona com os elementos linguísticos e visuais que compõem o texto (o que, de alguma forma, incorpora significados interativos e representacionais). Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 177) reconhecem a importância do “posicionamento dos elementos [da imagem que] confere a eles os valores informativos específicos associados às várias 'zonas' da imagem: esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem”²⁰. Na visão dos autores, a posição, a saliência e o enquadre de cada elemento de uma imagem relaciona os seus significados representacionais e interativos (a partir dos participantes e dos sintagmas que formam a conexão entre si e com o espectador), conferindo a eles valores de informações específicas entre si.

Como visto no Quadro 2, esta categoria está agrupada em três aspectos. O primeiro deles é chamado de **Valor da Informação**, que também pode ser chamado de “Posição”. Durante a análise imagética, ao traçar um eixo horizontal observa-se que, em geral, o posicionamento dos elementos que compõem a imagem segue uma espécie de padrão intencional: “os elementos colocados à esquerda são apresentados como dados, os elementos colocados à direita como novos” (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 181²¹). Os autores explicam que os elementos que são apresentados como algo que já foi **Dado**, são colocados como informações que o espectador já conhece, como algo que lhe é familiar e que, portanto, não exige discussão, é autoevidente, sabido e óbvio e está no campo do senso comum. Por outro lado, aquilo que é apresentado como sendo **Novo**, transmite o significado de que é algo que ainda não é conhecido pelo espectador ou que talvez ainda não tenha sido percebido por ele, portanto, como algo ao qual deve prestar atenção especial – o que, em termos gerais, o significado do Novo é contestável, questionável, inovador, diferente.

Dessa forma, entende-se que alguns produtores de imagens, quando fazem uso das “zonas” ou “regiões” baseadas no eixo horizontal, posicionam alguns de objetos à esquerda e outros à direita do centro (o que, obviamente, não acontece em todas as composições), se valendo desse modelo de significados. De qualquer maneira, isso parece transmitir uma sensação de complementaridade ou movimento contínuo da esquerda para a direita (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 180).

²⁰ Tradução livre de: “The placement of elements (participants and syntagms that relate them to each other and to the viewer) endows them with the specific informational values attached to the various ‘zones’ of the image: left and right, top and bottom, centre and margin”.

²¹ Tradução livre de: “The elements placed on the left are presented as Given, the elements placed on the right as New”.

Algo semelhante ocorre na língua portuguesa quando em sua forma escrita, uma vez que, no processo de construção, a escrita do texto é realizada da esquerda para a direita, transmitindo uma ideia semelhante de que, o que ficou para trás (esquerda) já é conhecido, já foi revelado, dado; por outro lado, o que está à direita, ainda será escrito, ou seja, é um conhecimento novo, a ser descoberto. Na perspectiva do leitor do texto, o que ele já leu, lhe é conhecido e está à esquerda (dado); o que ele ainda lerá, não lhe é conhecido e, portanto, está à direita (novo).

A percepção desse aspecto do Valor Informacional pode estimular o questionamento se existe alguma relação de significados no eixo vertical. Tal reflexão também foi feita por Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 186 – ênfase do autor)²² que concluíram que “se, em uma composição visual, alguns dos elementos constituintes forem colocados na parte superior e outros elementos diferentes na parte inferior do espaço da imagem ou da página, o que foi colocado na parte superior será apresentado como **Ideal**, e o que foi colocado no fundo é apresentado como o **Real**”. Os autores explicam o significado dos termos afirmando que, na posição ideal, normalmente, é transmitido algo do tipo abstrato, desejável, projetado como um objetivo, uma essência almejada que, portanto, por vezes, pode estar em maior destaque. Em oposição, o Real apresenta informações mais específicas ou informações mais práticas (por exemplo, alguma descrição, instrução, detalhes que, também são mostrados em formato de texto escrito ou imagético).

Num uso comercial através da estruturação ao longo do eixo vertical o produtor, por exemplo, colocaria na parte superior, a promessa do produto, o status de glamour que ele pode conceder aos usuários ou a satisfação sensorial que ele pode trazer; na parte inferior, seria colocado o produto em si, sua composição, marca e pontos de venda.

Kress e van Leeuwen ([1996]2006) também vão notar que o campo do eixo superior também pode se mostrar como a parte ostensivamente mais saliente. Nesse sentido, ao reconhecer uma associação cultural, Soares (2016b, p. 10) afirma que “as metáforas de orientação vertical *Ideal-Acima* e *Real-Abaixo* são responsáveis pelas manifestações de poder, porque o indivíduo que detém o poder, socialmente, é visto como estando acima, ao contrário de quem não o possui, posicionando-se abaixo ou à margem”. Essa condição transmite uma sensação de contraste, de oposição entre os dois setores ou regiões da imagem.

²² Tradução livre de: “If, in a visual composition, some of the constituent elements are placed in the upper part, and other different elements in the lower part of the picture space or the page, then what has been placed on the top is presented as the Ideal, and what has been placed at the bottom is put forward as the Real”.

No ambiente esportivo, por exemplo, isso pode ser visto num pódio. Seu desenho arquitetônico, geralmente, sempre coloca o campeão, o primeiro lugar, o vitorioso numa posição cujo destaque se percebe por estar superior, acima dos demais, criando por vezes a expressão sinonímica ao 1º lugar àquela que indica ao que *subiu ao degrau mais alto do pódio*.

O terceiro e último plano do Valor Informacional tem que ver com a divisão Centro-Margem, aonde, como o próprio nome sugere, ocorre quando a composição visual faz uso significativo do **Centro** da imagem e os demais elementos ao seu redor, estão colocados na chamada **Margem** – de forma que não é apresentado um padrão de proporção que defina quão à margem está a margem (isso vai depender do tamanho do Centro). Na visão de Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 197) “a divisão do espaço visual de acordo com essas dimensões resulta na figura da cruz”²³. Para eles, na análise imagética, os elementos que estão ao meio são apresentados como o “núcleo da informação à qual todos os outros elementos são, em certo sentido, subservientes. As margens são esses elementos auxiliares e dependentes” (p. 196)²⁴. Os autores afirmam ainda que, normalmente, as margens mantêm algum grau de semelhança (às vezes sendo até idênticas), de modo que, sob a perspectiva Centro-Margem, a relação entre elementos Dado-Novo e/ou Ideal-Real é inexistente ou praticamente nula.

De qualquer forma, a Manifestação Centro-Margem é vista como incomum na sociedade ocidental contemporânea, mas seu uso pode ser comumente percebido em desenhos infantis e também em artes bizantinas, principalmente, em ambientes eclesiásticos que, de alguma forma, utilizam o centro imagético como uma demonstração de controle, poder, hierarquia e dominação (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 197)²⁵; eles destacam isso ao reconhecer que a relação “Dado-Novo e Ideal-Real pode combinar-se com Centro-Margem”.

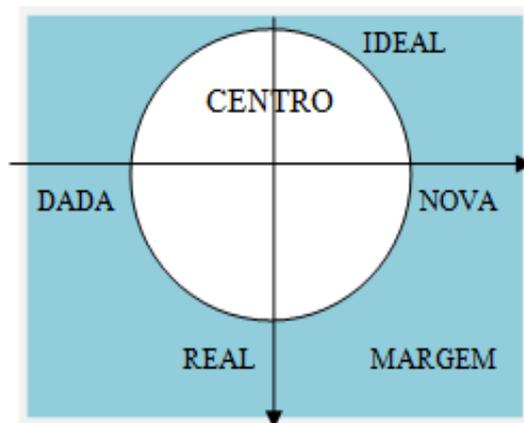
O Quadro 3, a seguir, ilustra os diversos aspectos vistos na categoria do Valor Informacional:

²³ Tradução livre de: “Dividing visual space according to these dimensions results in the figure of the Cross”

²⁴ Tradução livre de: “The nucleus of the information to which all the other elements are in some sense subservient. The Margins are these ancillary, dependent elements”

²⁵ Tradução livre de: “Given–New and Ideal–Real can combine with Centre and Margin”

Quadro 3 – As dimensões dos valores de informação no espaço virtual



Fonte: Amoêdo e Soares (2017, p. 137, “adaptado de Kress e van Leeuwen (1996, p. 208, com ajustes)”).

Até aqui, a discussão se ocupou em demonstrar como a composição determina o posicionamento e a localização dos diversos elementos em uma imagem, o que confere a esses dados, valores e informações diferentes em relação a outros elementos. A metafunção composicional, no entanto, também considera diferentes graus de relevância para seus elementos, o que insere um segundo fator de análise: a **Saliência**. Essa análise se mostra essencial uma vez que, na visão dos principais autores da GDV:

Independente de onde eles [os elementos que compõe a imagem] são colocados, a saliência pode criar uma hierarquia de importância entre os elementos, selecionando alguns como mais importantes e mais dignos de atenção do que outros. O Dado pode ser mais saliente que o Novo, por exemplo, ou o Novo mais saliente que o Dado, ou ambos podem ser igualmente salientes. E o mesmo se aplica ao Ideal e Real e ao Centro e Margem (KRESS e van LEEUWEN, [1996]2006, p. 201²⁶).

A percepção da saliência revela hierarquia entre os elementos visuais como mais ou menos salientes em relação ao tamanho da imagem, a saturação (diferenças no nitidez), a modalidade das cores (preto e branco), campo visual (esquerda e direita – os elementos não ganham destaque apenas quando são movidos em direção ao topo, mas também parecem mais destacados à medida que são movidos para a esquerda, devido a uma assimetria no campo visual), a perspectiva (objetos em primeiro plano são mais salientes que objetos em segundo plano e elementos que se sobrepõem a outros elementos são mais salientes do que os elementos sobrepostos), o contraste (claro e escuro) e os fatores culturais (como a aparência de uma figura humana ou um símbolo cultural específico de algum contexto). Assim, “o peso

²⁶ Tradução livre de: “Regardless of where they are placed, salience can create a hierarchy of importance among the elements, selecting some as more important, more worthy of attention than others. The Given may be more salient than the New, for instance, or the New more salient than the Given, or both may be equally salient. And the same applies to Ideal and Real and to Centre and Margin”.

visual [deles] cria uma hierarquia de importância entre os elementos dos textos espacialmente integrados, fazendo com que alguns chamem mais atenção para si do que outros” (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 202²⁷).

Por hora, sabe-se que os elementos são escolhidos, criados e usados com a intenção de atrair a atenção para si mesmo. Isso vai ocorrer em diferentes graus, conforme é percebido pelos pesquisadores e/ou espectadores dessas composições espaciais. Dependendo da sua capacidade de perceber o peso ou a hierarquia dos vários elementos imagem, identificarão o papel dos variados elementos, bem como sua maior sua relevância em relação aos outros. Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 202) lembram que esse é uma análise difícil, uma vez que “não é objetivamente mensurável, mas resulta de uma interação complexa, de uma complexa relação de troca entre vários fatores”²⁸ citados acima.

A capacidade de julgar o poder hierárquico que um objeto ocupa numa composição imagética é ser capaz de perceber o quão equilibrado ele está, ao ponto de transmitir um tipo de prazer estético. No campo da arte, a estética e harmonia terão uma menção destacada na análise imagética; na prática do layout de jornais e revistas, isso é discutido com mais frequência em termos de identificar o que mais chama a atenção dos leitores. Na opinião de Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 203) “esses dois aspectos estão intrinsecamente entrelaçados com a função semiótica da composição”²⁹. Assim, independentemente de algum elemento estar ou não no centro real da imagem, ele pode estar ocupando a função de transmitir a mensagem central da composição.

O terceiro e último fator de análise a ser apresentado é o **Enquadre (*framing*)** realizado por elementos que criam linhas divisórias ou por linhas de molduras reais. Segundo Vieira e Soares (In: SOARES, 2017), esse constructo tem a ver com a coesão e a coerência visual. Isso porque, a presença ou ausência de dispositivos de enquadramento, indica uma conexão ou desconexão entre os elementos da imagem significando que, em algum sentido, eles fazem parte (ou não) da composição. Quanto mais um elemento é visualmente unido a outro elemento, mais conectada é a imagem (o que se dá pela ausência de dispositivos de enquadramento, por vetores e por continuidades ou semelhanças de cores e outras formas visuais). A desconexão, obviamente, será o oposto disso.

²⁷ Tradução livre de: “So visual weight creates a hierarchy of importance among the elements of spatially integrated texts, causing some to draw more attention to themselves than others”.

²⁸ Tradução livre: “Is not objectively measurable, but results from complex interaction, a complex trading-off relationship between a number of factors”

²⁹ Tradução livre de: “These two aspects are inextricably intertwined with the semiotic function of composition”

Em relação ao enquadramento, van Leeuwen (2005, p. 277) explica que “os elementos desconectados serão entendidos como, em certo sentido, separados e independentes, talvez até contrastantes, enquanto os elementos conectados serão entendidos como, em algum sentido, pertencendo um ao outro”³⁰. Isso dá sentido a afirmação que ele fez juntamente com Kress:

Quanto mais os elementos da composição espacial estão conectados, mais eles são apresentados como pertencentes um ao outro, como uma única unidade de informação. [Isso demonstra que existe] várias maneiras pelas quais o enquadramento pode ser alcançado - pelas linhas de quadro reais, pelo espaço em branco entre os elementos, pelas discontinuidades de cores (...). Pode ser enfatizada por vetores, por elementos representados (...) ou por elementos gráficos abstratos, levando o olho de um elemento para outro, começando com o elemento mais saliente, o elemento que primeiro chama a atenção do espectador (KRESS; van LEEUWEN, [1996]2006, p. 203-204³¹).

Dessa forma, se percebe que quanto mais forte a estrutura de um elemento, mais ele é apresentado como uma unidade de informação distinta. A implicação disso é natural: a ausência de enquadramento enfatiza a identidade do grupo e, conseqüentemente, sua presença aponta para a individualidade e diferenciação dentro da composição imagética.

Por fim, é válido destacar que, esses três princípios de composição (Valor Informacional, Saliência e Enquadre) não se aplicam apenas a imagens isoladas; eles se aplicam também a imagens compostas, ou seja, textos que combinam imagem e escrita, ou seja, multimodais (como já dito, qualquer texto cujos significados são realizados através de mais de um código semiótico, é multimodal). Por isso que Kress e van Leeuwen ([1996]2006, p. 177) alertam que na análise desses textos “surge a questão de saber se os produtos dos vários modos devem ser analisados separadamente ou de maneira integrada; se os significados do todo devem ser tratados como a soma dos significados das partes ou se as partes devem ser vistas como interagindo e afetando umas às outras”.

Ao discutir as três categorias multimodais de análise através das metafunções da GDV, percebe-se como essa teoria é essencial para a análise imagética. Como a seguir, será apresentada a metodologia utilizada neste estudo, a importância dessa teoria também será percebida ao reconhecer o *corpus* desta pesquisa.

³⁰ Tradução livre de: “The disconnected elements will be understood as in some sense separate and independent, perhaps even contrasting, while connected elements will be understood as in some sense belonging together”.

³¹ Tradução livre de: “The more the elements of the spatial composition are connected, the more they are presented as belonging together, as a single unit of information. [...] The many ways in which framing can be achieved – by actual frame lines, by white space between elements, by discontinuities of colour (...). It can be emphasized by vectors, by depicted elements (...) or by abstract graphic elements, leading the eye from one element to another, beginning with the most salient element, the element that first draws the viewer’s attention”.

3 LITURGIA

O desenvolvimento de uma pesquisa pode ser realizado de diversas formas específicas, porém, todas elas devem seguir uma direção metodológica que viabilize a obtenção de informações necessárias para a conclusão de determinados problemas, em adquirir dados para decidir o curso de ação que deve ser adotado e ainda para aproveitamento de oportunidades (GONSALVES, 2003). Esse entendimento leva a considerar este estudo como descritivo de natureza qualitativa que foi realizado no cenário de igrejas do município de Manaus que atuam no Manauara Shopping.

A escolha por esse tipo de estudo relaciona-se com seu objetivo de pesquisa, uma vez que se propôs a analisar significados originados da interpretação dos fenômenos sociais (discurso religioso contemporâneo sob o viés da ADC e Multimodalidade), a partir da perspectiva dos participantes da pesquisa (convites na internet de igrejas de um shopping center de Manaus) da situação estudada (TURATO, 2011). Visando apresentar outros aspectos metodológicos, a seguir, serão mostrados os componentes do cenário desta dissertação, bem como a análise dos objetos.

3.1 Cenário do estudo

O estudo foi desenvolvido em igrejas cristãs do município de Manaus, capital do estado do Amazonas que, intencionalmente, desenvolvem um projeto evangelístico contextualizado para o público contemporâneo no Manauara Shopping. Foram encontradas duas com este perfil: a Comunidade Viva (CMViva) e Comunidade Adrianópolis (CMAdv), de confissão Batista e Adventista do Sétimo Dia, respectivamente, que atuam no referido shopping center num espaço comercial chamado de Teatro Manauara. Sua localização ocupa uma área privativa, de grande circulação junto ao acesso do estacionamento e à praça de alimentação, como mostra a Figura 13, a seguir.

Figura 13 – Teatro Manauara

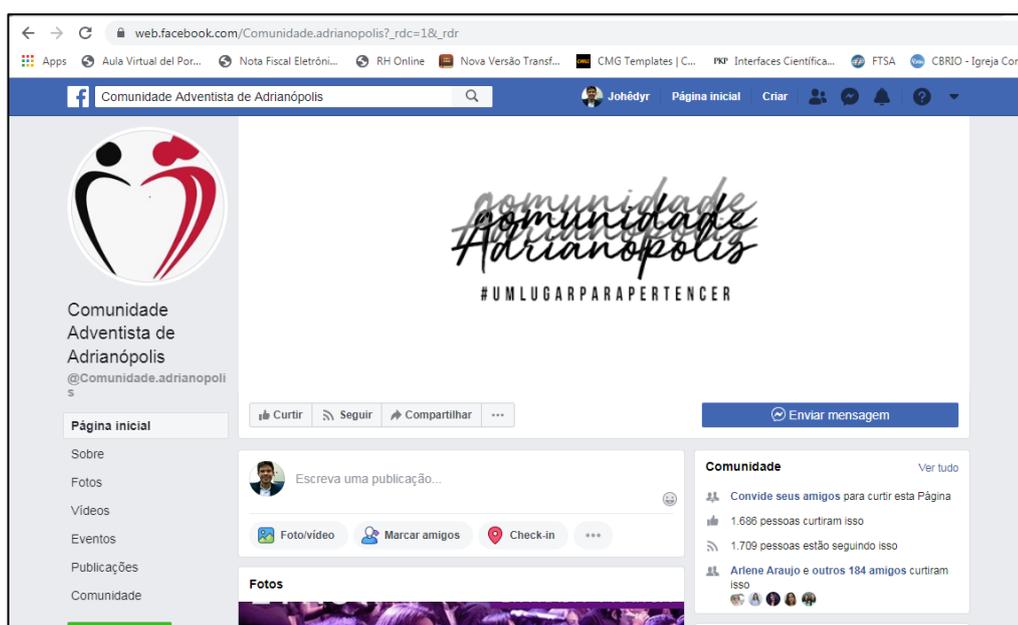


Fonte: Disponível em: <http://www.teatrodirecional.com.br/tour/flash/TourWeaver_Project10.html>. Acesso em: 14 de janeiro, 2020.

Esta pesquisa analisou o discurso dessas igrejas ao reconhecer sua tentativa de atuar de maneira intencionalmente contextualizada para alcançar pessoas vinculadas a condição pós-moderna, o que pode ser percebido pelo local incomum que foi escolhido para sua atuação: um Shopping Center (SILVA; SOUSA; XAVIER, 2013; WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009).

Quanto ao corpus, diz respeito ao texto dos convites eletrônicos desenvolvidos por essas igrejas, que são utilizados como meio de informação e atração aos seus cultos. Eles são disponibilizados em meio digital através da página de internet das respectivas igrejas. Essas respectivas páginas são apresentadas nas Figuras 14 e 15, a seguir:

Figura 14 – CMAdv



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Comunidade.adrianopolis/>>. Acesso em: 13 de abril, 2019.

Figura 15 – CMViva



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cmviva/>>. Acesso em: 13 de abril, 2019.

A população deste estudo foi composta por textos divulgados por duas igrejas cristãs envolvidas em ações evangelizadoras contextualizadas para o público contemporâneo num *shopping center* de Manaus, capital do Amazonas. Essas igrejas desenvolvem convites em meio digital e esses materiais representativos, divulgados no ano de 2018, compõe a amostra da pesquisa.

Socialmente, existem algumas convenções relativamente estáveis de tipos de atividades. Norman Fairclough, discutindo o conceito de Mikhail Bakhtin, as chama de gênero. Aos considerar os exemplos que ele propõe (como um bate-papo, compra de mercadorias em uma loja, entrevista de emprego, documentário na televisão, um poema ou um artigo científico), logo se percebe que “um gênero implica não apenas um tipo de texto específico, mas também em processos específicos de produção, distribuição e consumo de textos” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 126) – numa tradução livre.

Com esse entendimento, concluiu-se que o gênero utilizado neste estudo se configura como um *convite online*. A partir dele, foi possível obter os dados necessários para pesquisa, uma vez que são disponibilizados na página de internet oficial das respectivas igrejas, localizada em plataforma digital que compõe a rede social *Facebook*. Esse fato viabilizou o acesso, uma vez que o conteúdo é apresentado em domínio público. Apesar das referidas denominações, à época, terem atuação em outras plataformas digitais, o Facebook era um canal de transmissão dos cultos (cujo conteúdo em vídeo era, inicialmente, objeto de interesse deste estudo), no entanto, ao considerar os aspectos éticos e legais, preferiu-se não utilizar tal material para análise e, visto a coleta já realizada, manteve-se o uso do conteúdo a partir dessa rede social que já estava sendo avaliava em relação às demais.

É válido considerar ainda que cada igreja identificada foi encontrada pelo pesquisador com facilidade, visto o seu envolvimento profissional com esta área religiosa cristã. Mesmo assim, sua seleção observou dois critérios de inclusão, a saber:

- A igreja possuir existência mínima de 12 meses;
- A igreja atuar, intencionalmente, de maneira contextualizada.

Nesta pesquisa, para a completa consideração dos dados da amostra de cada convite das igrejas especificadas anteriormente, a instituição atendeu os dois critérios de inclusão de maneira simultânea, sob pena de não serem consideradas como participantes da pesquisa em questão.

Da mesma forma, é válido destacar que cada igreja identificada foi selecionada observando dois critérios de exclusão da igreja, que foram:

- A igreja não possuir página/perfil de internet ou aplicativo oficial;
- Os convites não serem divulgados em meio on-line.

Cada igreja especificada anteriormente, foi submetida a esses dois critérios de exclusão simultaneamente, sob pena de não ser considerada como participante desta pesquisa. Ambas cumpriram as prescrições e, por isso, foram consideradas no estudo.

No que diz respeito à coleta de dados bem como aos instrumentas de coleta, é pertinente destacar que os dados empíricos foram produzidos mediante a leitura e análise do texto dos convites disponibilizados em meio *online*, e selecionados por acessibilidade e/ou disponibilidade do mesmo para análise por meio de referencial teórico-metodológico. Todo conteúdo datado do ano de 2018 foi consultado, selecionado e utilizado a partir da respectiva página de internet da Comunidade Adrianópolis, bem como da Comunidade Viva, no dia 13 de abril de 2019, a partir dos seguintes critérios de inclusão:

- O convite estar disponibilizado em meio online;
- O convite deve ser para uma série de pregações/meditações/palestras.

Assim sendo, para a completa consideração nesta pesquisa dos convites de cada igreja especificada anteriormente, os convites atenderam os dois critérios de inclusão simultaneamente, sob pena de não serem considerados como participantes da pesquisa em questão.

Para este estudo, também foram admitidos alguns critérios de exclusão dos dados, a saber:

- O convite não ter sido divulgado em meio on-line;
- O convite ser para uma única visita;
- O número de convites de uma igreja, não pode superar o da outra.

Da mesma forma como nos critérios de inclusão, cada convite especificado anteriormente, cumpriu esses dois critérios de exclusão simultaneamente, sob pena de não ser considerado como participante desta pesquisa. Como a Comunidade Adventista de Adrianópolis só disponibilizou virtualmente 2 convites , para manter a igualdade numérica, a mesma quantidade foi selecionada aleatoriamente da Comunidade Viva.

Os materiais selecionados estão apresentados através da **Figura 16** (Convite 1 – Série Como andar de bicicleta da CMViva), **Figura 17** (Convite 2 - Série Missão Presente da CMViva), **Figura 18** (Convite 1 – Série Metamorfose da CMAAdv) e **Figura 19** (Convite 2 - Série A Igreja que eu faço, da CMAAdv), a seguir:

Figura 16 – Convite 1 - Como andar de bicicleta (Série de março/2018 da CMViva)

The image shows a screenshot of a Facebook event page. The browser address bar at the top displays the URL: [web.facebook.com/events/192222001544770/?active_tab=about](https://www.facebook.com/events/192222001544770/?active_tab=about). The page features a navigation menu on the left with options like 'Eventos', 'Calendário', 'Aniversários', 'Descobrir', and 'Organizando'. The main content area includes a banner for the event 'Como andar de Bicicleta' with the subtitle 'SÉRIE DE PALESTRAS' and 'PRÁTICAS COTIDIANAS PARA UMA VIDA ABUNDANTE'. The event is scheduled for '4, 11, 18 e 25 de março | 10h | Teatro Manaus' and is organized by 'Comunidade Viva'. Below the banner, the event title is 'Como Andar de Bicicleta - Pt. 01 - Rodinhas', and it is categorized as 'Público - Organizado por Comunidade Viva'. The page shows that 57 people have compared and 28 are interested. The 'Detalhes' section contains a motivational text about learning to ride a bicycle and a call to action: 'Vem pedalar com a gente!'.

web.facebook.com/events/192222001544770/?active_tab=about

Apps Aula Virtual del Por... Nota Fiscal Eletrôni... RH Online Nova Versão Transf... CMG Templates | C.

Pesquisar

Johêdyr Pág

Eventos

Eventos
Calendário 1
Aniversários
Descobrir
Organizando

+ Criar evento ▾

Eventos

Eventos
Calendário 1
Aniversários
Descobrir
Organizando

+ Criar evento ▾

SÉRIE DE PALESTRAS

Como andar de Bicicleta

PRÁTICAS COTIDIANAS PARA UMA VIDA ABUNDANTE

4, 11, 18 e 25 de março | 10h | Teatro Manaus

Comunidade Viva

MAR 4 Como Andar de Bicicleta - Pt. 01 - Rodinhas

Público - Organizado por Comunidade Viva

★ Tenho interesse ✓ Comparecerei ...

🕒 Domingo, 4 de março de 2018 de 10:00 a 12:00
Há mais de um ano

📍 Comunidade Viva
Teatro Manaus - Manaus Shopping, 69057 Manaus Exibir mapa

🗨️ Organizado por Comunidade Viva
Normalmente responde dentro de algumas horas Enviar uma mensagem ao organizador

Sobre Discussão

57 compareceram · 28 interessados
Compartilhe este evento com seus amigos

Detalhes

Você lembra como aprendeu a andar de bicicleta? E como aprendeu a nadar? Ou a falar? Hoje, se parar para pensar, você não precisa de muita concentração para falar até algumas besteiras. Outras vezes, de tão automático, você até acorda num lugar e nem sabe como andou até lá. Para nadar, é só estar imerso na água. Pedalar, ninguém jamais esquece.

Da mesma forma que um dia você precisou se esforçar e ter disciplina para aprender a fazer coisas que hoje são corriqueiras e que fazem parte de quem você é, se o seu desejo é viver tudo o que existe para ser vivido, você terá que se esforçar e ter disciplina para aprender práticas espirituais diárias. O resultado final... é como andar de bicicleta.

Vem pedalar com a gente!

Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Figura 17 – Convite 2 - Missão Presente (Série de dezembro/2018 da CMViva)

web.facebook.com/cmviva/photos/a.268801976469587/2505734476109648/?type=3&theater&_rdc=

Apps Aula Virtual del Por... Nota Fiscal Eletrôni... RH Online Nova Versão Transf... CMG Templates | C..

Comunidade Viva

Johédyr Pági

Curtiu Seguindo Compartilhar

Comunidade Viva
7 de dezembro de 2018 ·

Lembra daquela bicicleta que você ganhou de Natal quando era criança e que seus pais pagaram em muitas prestações só pra te deixar mais feliz? Com certeza foi um presente especial pra você e até hoje traz boas lembranças, não é? Os presentes mais especiais e memoráveis são os que ganhamos de pessoas a quem amamos muito e que colocaram todo o seu amor e carinho naquele embrulho que chegou até suas mãos.

Conta pra gente aí nos comentários qual foi o presente mais legal que você já ganhou até hoje? Aquele que te deixou tão feliz que você não consegue esquecer?

Nesta semana vamos começar uma nova série na Comunidade Viva sobre o presente mais incrível que já ganhamos, aquele feito sob medida pra nós. A gente te espera nesse domingo, às 10h, no Teatro Manauara.

SÉRIE DE PALESTRAS

missão presente

9. 16. 23 e 30/DEZ | 10h | TEATRO MANAUARA

43 3 comentários 10 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Todos os comentários

Escreva um comentário...

Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/cmviva/photos/a.268801976469587/2505734476109648/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Figura 18 – Convite 3 - Metamorfose (Série de abril da CMAAdv)

web.facebook.com/Comunidade.adrianopolis/?eid=ARDce9u6ocPM5xci7iUZpAloP0xwrtuC9R58t1UsH

Apps Aula Virtual del Por... Nota Fiscal Eletrôni... RH Online Nova Versão Transf... CMG Templates | C...

Comunidade Adventista de Adrianópolis

Johêdyr Pági

Curtir Seguir Compartilhar

Comunidade Adventista de Adrianópolis
5 de abril de 2018 · 🌐

Da lagarta à borboleta ocorre uma mudança evidente. O que raramente percebemos é que existe um processo longo, repleto de fases até chegar ao esperado estágio final.
Passamos por fases semelhantes em nossa vida e por vezes esse processo nos parece lento e doloroso.
Como adquirir resistência para passar por esses momentos?
Qual o caminho para uma autêntica e duradoura transformação espiritual?
Chegou a hora de experimentar uma verdadeira metamorfose!

É neste sábado, 7 de Abril, que iniciaremos uma série de Mensagens em nossa comunidade, participe conosco!

Temas:
07/04 - De dentro para fora.
14/04 - Deserto do casulo.
21/04 - Novo propósito.
28/04 - Maturidade
Palestrante @prpaulodelmondes .
Teatro Manauara, à partir das 9h30.
Entrada e estacionamento gratuitos.

série de mensagens
METAMORFOSE

11 1 compartilhamento 110 visualizações

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/593162081037951/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Figura 19 – Convite 4 - O Brasil que eu faço (Série de outubro/2018 da CMAAdv)

web.facebook.com/Comunidade.adrianopolis/?eid=ARDce9u6ocPM5xci7iUZpAloP0xwrtuC9R58t1UsH

Apps Aula Virtual del Por... Nota Fiscal Eletrôni... RH Online Nova Versão Transf... CMG Templates | C.

Comunidade Adventista de Adrianópolis

Johédyr Págu

Curtir Seguir Compartilhar

Comunidade Adventista de Adria atualizou a foto da capa dele. ...
5 de outubro de 2018 ·

Nova série iniciando este sábado às 18h, venha e traga amigos.

TÍTULO:
O BRASIL QUE EU FAÇO

SINOPSE:
As eleições nos levam a fazer escolhas tendo em vista um país melhor. No entanto, essa não precisa ser somente uma aspiração, mas também uma prática. Essa série de meditações tem a intenção de mostrar que nossa primeira atitude em busca de um Brasil melhor não está nas urnas, como cidadãos, mas sim nas cidades, como cristãos.

EPISÓDIOS:
Segurança (06/out)
Saúde (13/out)
Emprego (20/out)
Educação (27/out)

O BRASIL que eu FAÇO

15 2 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

Fonte: Disponível em endereço virtual atualizado: <https://www.facebook.com/pg/sercomunidade/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Assim, tendo sido discutido o cenário do estudo, bem como feita a coleta dos dados, apresentados anteriormente, vê-se como sequência a análise propriamente dita dessas informações. Tal conteúdo, está exposto a seguir.

3.2 Análise dos objetos de estudo

O *corpus* do estudo, como já mencionado, foi constituído por convites online de séries de pregações das igrejas citadas. Ao reconhecer que eles podem auxiliar na identificação de elementos que efetivam ou não a comunicação com pessoas de condição pós-moderna os mesmos serão analisados individualmente, sob a perspectiva teórica da ADC e da Multimodalidade.

Os dados foram analisados a partir da temática relacionada com a pós-modernidade. Como o olhar pós-moderno impõe barreiras a determinados aspectos, percebê-los foi uma forma de avaliar o discurso. Essa avaliação se deu a partir da percepção de fatores característicos da contemporaneidade. A variedade desses aspectos foi registrada, destacada e, finalmente, utilizada para tecer as considerações finais deste trabalho.

Dessa forma, esta pesquisa percorreu as devidas considerações metodológicas a fim de garantir seriedade e ética na coleta de dados e, finalmente, compor uma discussão eficaz dos dados. O pesquisador se empenhou com este ponto de vista e manteve o compromisso com as Ciências Humanas, inclusive, da perspectiva da Interdisciplinaridade, aspecto fundamental da formação e na elaboração deste trabalho, inclusive, por ser desenvolvido junto a um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar. Características

Como tratado anteriormente, aspectos como relacionamento afetivo, desuso de expressões absolutistas, descaracterização estrutural e informalidade podem ser essenciais para atrair pessoas na contemporaneidade (GONÇALVES, 2017. GRENZ, 2008. STETZER; QUEIROZ, 2017). Por isso, diversas vezes, a análise se valerá dessas características em suas considerações. De qualquer forma, percebe-se que a localização das igrejas investigadas neste estudo e também dos seus respectivos convites, atinge esses atributos uma vez que: (1) estão localizadas fisicamente num ambiente incomum para atuação de religiosa: o shopping; (2) de qualquer forma, esse local é reconhecido como um ponto de encontro social (mesmo tendo sua característica comercial destacada); e (3) as denominações estão presentes virtualmente num ambiente da internet chamado de rede “social”. É a partir das expressões textuais do conteúdo transmitido nessa rede que será empreendida a análise de cada convite virtual e logo em seguida é apresentado o exame sob o viés da Análise do Discurso Crítica bem como da Análise Multimodal.

3.2.1 Convite 1 – Como andar de bicicleta (Série de março/2018 - CMViva)

The screenshot shows a Facebook event page. At the top, the browser address bar displays the URL: [web.facebook.com/events/192222001544770/?active_tab=about](https://www.facebook.com/events/192222001544770/?active_tab=about). The page header includes a search bar with the text 'Pesquisar' and a user profile for 'Johédry'. On the left sidebar, the 'Eventos' menu is visible with options: 'Eventos', 'Calendário', 'Aniversários', 'Descobrir', and 'Organizando'. A blue button labeled '+ Criar evento' is also present.

The main content area features a large banner image with the text: 'SÉRIE DE PALESTRAS', 'Como andar de Bicicleta', 'PRÁTICAS COTIDIANAS PARA UMA VIDA ABUNDANTE', and '4, 11, 18 e 25 de março | 10h | Teatro Manauara'. Below the banner, the event title is 'Como Andar de Bicicleta - Pt. 01 - Rodinhas', organized by 'Comunidade Viva'. The event is public and scheduled for 'Domingo, 4 de março de 2018 de 10:00 a 12:00'. The location is 'Teatro Manauara - Manauara Shopping, 69057 Manaus'. The event has 57 attendees and 28 interested users. The 'Sobre' tab is selected, showing a detailed description of the event's purpose and a call to action: 'Vem pedalar com a gente!'.

Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Dentre os convites selecionados para análise, este relacionado com a Figura 16 se refere ao primeiro (seguindo ordem cronológica da postagem) da igreja de confissão batista chamada de Comunidade Viva. Analisando primeiramente essa nomenclatura, percebe-se que é composto de dois termos. O primeiro, *comunidade*, é definido como “qualidade do que é comum, que pertence a todos; paridade; comunhão, identidade. Conjunto das pessoas que habitam o mesmo lugar, dos que pertencem ao mesmo grupo social, com um mesmo governo, cultura e história”³². O segundo, *viva*, além de ser uma interjeição que exprime aplauso e alegria (como uma exclamação de aplauso ou felicitação, ao dar vivas a um vencedor), no contexto parece se referir à flexão do verbo viver na 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo. Logo, seu nome sugere uma aglomeração de gente que está bem, saudável, ou seja, que está viva – o que implica por entender que, quem não participar daquele grupo, está morto (o que se refere a uma apresentação absolutista da igreja, justamente em sua apresentação mais evidente: o nome).

Os convites em questão têm referência aos domingos do mês de março; neles mesmos, não há informação do ano de ocorrência. Outrossim, será realizada a seguir a análise de acordo com a Análise Crítica do Discurso relativa aos três elementos da configuração discursiva: prática discursiva, textual e social.

a) Análise Prática da ADC

O primeiro convite a ser analisado se refere à Figura 16; é composto por dados imagéticos e também por elementos textuais, quando é dado o título e o subtítulo da série de palestras: *Como andar de bicicleta – práticas cotidianas para uma vida abundante*.

Prática Discursiva

A prática discursiva tem que ver com a produção, a distribuição e o consumo dos textos. Esta análise se deu a partir da postagem na plataforma digital Facebook³³. Considerando as condições de recepção desse texto, elemento importante no cenário contemporâneo porque as pessoas e empresas buscam um feedback de suas práticas,

³² Dicionário Online de Português. Comunidade. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/comunidade/>>. Acesso em: 07, fev., 2020.

³³ Como já indicado, disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 de ago., 2019.

observou-se neste caso que não gerou comentários ou reações pela rede social uma vez que ela foi inserida no módulo “Evento” (que não possibilita esse tipo de reação). Mesmo assim, o nível de envolvimento ali registrado pode ser considerado baixo, afinal, dos 3.769 usuários que seguem a referida página, apenas 28 se ocuparam em demonstrar interesse e/ou disponibilidade em atender o convite. Por outro lado, esse não parece ser um instrumento de avaliação eficaz, afinal, em meio aos dados estatísticos gerados pela plataforma, também é dito que 57 pessoas compareceram, o que destaca a inconsistência no uso da ferramenta (já que houve mais pessoas que prestigiaram o evento do que pessoas interessadas estar no evento).

As perguntas são frequentes na introdução do convite em questão e partem do pressuposto de que o leitor sabe fazer o que se está perguntando. O texto corre o risco de constranger o leitor ao perguntar de maneira ativa: “Você lembra como aprendeu a andar de bicicleta?”. Se o leitor não souber andar de bicicleta, é automaticamente excluído do diálogo, ou seja, a pergunta destaca uma ameaça. Os atos de fala percebidos destacam um pedido: “Vem pedalar com a gente” e ao mesmo tempo uma força ilocucionária. O texto termina com uma promessa (se esforçar e ter disciplina para práticas espirituais é inesquecível – esse parece ser um pressuposto – “como andar de bicicleta”).

Em relação à coerência, percebe-se uma harmonia entre os fatos e as ideias das apresentadas ali. É claro que o texto supõe vários aspectos do dia a dia do leitor que, certamente errou, por exemplo: *de tão automático, você até acorda num lugar e nem sabe como andou até lá*. Essa experiência não irá necessariamente expressar uma verdade absoluta para todos os leitores e, nisso, se descaracteriza com a condição pós-moderna.

No que diz respeito à intertextualidade, a composição imagética é constituída numa base com configuração diferente do texto escrito. São muitas fontes diferentes (à olho nu, é possível identificar, pelo menos, quatro delas). Percebeu-se também que há interdiscursividade, pois o texto é constituído a partir de outros discursos e gêneros discursivos relacionados ao esporte e lazer, por exemplo. Os elementos da prática da Educação Física são colocados em justaposição aos elementos da prática da Educação Religiosa.

Prática Textual

Na parte frontal do convite são utilizadas duas palavras formais: “cotidianas” e “abundante” e de comunicação impessoal, característica que não ineficiente ao público pós-

moderno. Por outro lado, o texto escrito em anexo é todo colocado em segunda pessoa, o que promove um diálogo com o leitor que pode ser percebido tanto pelas perguntas iniciais (objetivas e também subjetivas), quando pelo léxico informal (“você” – com 6 ocorrências –, “besteiras”, “vem pedalar com a gente” são os termos que apontam para isso). O vocabulário utilizado é coloquial e parte do específico (aprender a andar de bicicleta) indo até ao geral (aprender a falar).

Analisando pelo viés da gramática percebe-se uma tentativa de que as palavras sejam combinadas nas orações e frases, através de um quiasma falho, afinal, as expressões ‘andar de bicicleta, “nadar e “falar são colocadas em relação a ‘falar, “dormir, “nadar e “pedalar) e, pela adição do termo “dormir”, percebe-se o equívoco.

Quanto à coesão, o título “Como andar de bicicleta” pode ser apresentado como sinônimo da expressão “Simples e inesquecível”, uma vez que é colocado no texto escrito do convite a expressão: “Pedalar, ninguém jamais esquece” e “O resultado final... é como andar de bicicleta”.

Em relação à estrutura textual, percebe-se uma arquitetura e organização textual e nos seus modos de apresentação. O texto inicia com uma interação, continua com uma argumentação e conclui com um apelo.

O texto em questão pertence ao gênero convite, mas não nos moldes dos convites que se distribuíam impressos, neste caso, ele está em uma página da internet que pode ou não ser impresso. O seu alcance não pode ser medido em “pés de carteiro”, mas na velocidade da rede digital, em que o fiel mais longínquo pode ser conectado. De alguma forma, isso caracteriza um aspecto da pós-modernidade, uma vez que a igreja objetiva se mostrar envolvida em práticas contemporâneas e está imersa num ambiente global através de sua atividade no ambiente virtual, cenário que diversas pessoas usam seu tempo.

Prática Social

Ideologicamente, o texto é apresentado com o sentido de ajudar alguém a viver uma vida simples e parte do pressuposto que o leitor não vive assim. Ou seja, o convite tem um viés de que o leitor precisa aprender algo e é incapaz de aprender sozinho. A metáfora da bicicleta é bastante destacada: se andar de bicicleta é simples, as sugestões dadas nas palestras também serão; se ninguém se esquece de andar de bicicleta, ninguém esquecerá o que irá ouvir naquela série. Assim, concluem transmitindo a ideia de que seu conteúdo está associado à durabilidade, eternidade, legado e continuidade da experiência.

A relação de hegemonia (que tem a ver com uma evolução das relações de poder, se constituindo num sistema de dominação) é de poder sapiencial. O(s) produtor(es) da série se apresenta(m) como tendo esse poder e como se o leitor não fosse como ele(s). Também se pressupõe que o receptor do texto não tem práticas espirituais diárias, o que pode gerar algum tipo de constrangimento. Por fim, é pertinente mencionar que a hegemonia do contexto pós-moderno, impinge às pessoas a estarem sempre em movimento, compromissadas com alguma tarefa. Logo, percebe-se a aplicação desse conceito às igrejas e aos fieis, uma vez que, mesmo transmitindo uma sensação de quietude, a proposta da imagem indica a necessidade de não ficar parado. O fato de o convite direcionar o leitor para uma programação no shopping center proporciona uma reflexão pertinente, afinal, esse local transmite uma ideia semelhante de movimento contínuo de quem está ali.

Em sua relação com conjunto de signos textuais, vê-se ainda como o produtor se vale elementos incorporados de uma linguagem instituída e cristalizada através dos mecanismos de propaganda. Com isso, há não somente uma hibridização das ações missionárias com as ações mercadológicas, mas também a submissão à um discurso hegemônico que perpassa a linguagem cotidiana na apresentação teológica.

A seguir, será apresentada a análise imagética sob a perspectiva multimodal.

b) Análise Multimodal

Ao entender que as interações humanas se realizam a partir das mais diversas formas de linguagem, Kress e van Leeuwen ([1996]2006) cunharam a Multimodalidade por meio da Gramática do Design Visual (inserida na Semiótica Social), que irá analisar um recorte da Figura 16 (presente no Convite 1 e apresentado na Figura 20, a seguir).

Figura 20 – Recorte do Convite 1



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/192222001544770/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

A análise ocorrerá a partir de três metanarrativas a seguir:

Metafunção Representacional

Na imagem em questão, o Participante é do tipo Representado (PR) e sua estrutura representacional se destaca ao perceber que existem dois PRs estabelecendo algo relacionamento entre si, compondo uma estrutura narrativa transacional, afinal, a postura corporal dos personagens parece sugerir um pai e um filho passeando de bicicleta, juntos, apontando para o status.

Também há elementos conceituais: a árvore na marca da Igreja, o infinito e o ato de andar em direção a ele de bicicleta. Tais elementos com a árvore podem sugerir vida, renovação e prosperidade, o infinito remete ao novo, inesperado e desconhecido. O ato de andar de bicicleta, além do exercício físico e mental, também pode sugerir a mobilidade e liberdade humana em busca desse desconhecido.

Convém ainda mencionar que as representações são construídas na sociedade por meio de valores, crenças e imagens que são registradas paulatinamente perpassando o viés cognitivo, mas também social, se consideramos as orientações de Serge Moscovici (2003). Logo, as imagens também mobilizam representações. No caso analisado, observamos que a instituição religiosa tomou como referência elementos simples do cotidiano das pessoas para,

a partir disso, construir um significado que poderia ser mais facilmente assimilado por meio de conceitos e narrativas peculiares aos indivíduos em qualquer classe social.

Metafunção Interativa

Ao considerar o aspecto interacional (que diz respeito às interações e relações sociais entre os participantes representados nas imagens, bem como o seu produtor e espectador), percebe-se que o Contato estabelecido se dá por Oferta, pois ambos PRs estão ali para serem observados. O aspecto relacionado à Distância também é reconhecido, desta vez, através do plano aberto e, por isso, Impessoal – até porque, nem mesmo se vê algum vetor de olhar e, parece haver uma ilusão de ótica que não permite identificar se os ciclistas estão de costas ou de frente para o leitor. Esse fato torna controverso o apontamento da Atitude dos PRs, no entanto, esse mesmo fator indica a Modalidade Naturalista da imagem.

Metafunção Composicional

Como a metafunção composicional se relaciona com os elementos linguísticos e visuais que compõem o texto, algumas questões interativas e representacionais podem ocorrer através de um processo de repetição dos pontos já analisados. Ao dividir as dimensões dos Valores de Informação no espaço virtual da Figura 20, logo se identifica o suposto passeio de um pai com seu filho no plano Dado-Novo, o que favorece a proposta de que, o que é prometido não é imaginário e já existe.

Quanto à Saliência, que revela hierarquia entre os elementos visuais como mais ou menos salientes, os elementos de análise são tamanho médio da imagem, saturada, e modalidade das cores bilocor (preto e laranja, simulando um pôr-do-sol); como já percebido, o campo visual do convite está à Esquerda e a perspectiva coloca os PRs no primeiro plano, no entanto, pela ausência de vetores de personalidade, é possível que eles se encontrem no segundo plano, com o intuito de fazer com que o leitor se veja, ou se identifique, com os PRs. O contraste escuro destaca o aspecto cultural de certa forma machista que descarta a mãe no ambiente familiar e apresenta o pai como (a) personalidade da alegria, (b) força, (c) sustento e (d) ensino do lar, uma vez que é ele quem (a) passeia com o filho, (b) ele quem apoia o filho, (c) ele quem só pode passear ao final do dia em casa – depois do trabalho, e (d) ele quem ensina as “práticas cotidianas para uma vida abundante do filho”. O Enquadre aponta para Conexão.

Na sequência, será apresentada a análise do segundo convite (por ordem cronológica de postagem) desta mesma Comunidade Viva.

3.2.2 Convite 2 – Missão Presente (Série de dezembro/2018 da CMViva)

web.facebook.com/cm viva/photos/a.268801976469587/2505734476109648/?type=3&theater&_rdc=

Apps Aula Virtual del Por... Nota Fiscal Eletrôni... RH Online Nova Versão Transf... CMG Templates | C...

Comunidade Viva

Johēdyr Pági

Curtiu Seguindo Compartilhar ...

Comunidade Viva
7 de dezembro de 2018 ·

Lembra daquela bicicleta que você ganhou de Natal quando era criança e que seus pais pagaram em muitas prestações só pra te deixar mais feliz? Com certeza foi um presente especial pra você e até hoje traz boas lembranças, não é? Os presentes mais especiais e memoráveis são os que ganhamos de pessoas a quem amamos muito e que colocaram todo o seu amor e carinho naquele embrulho que chegou até suas mãos.

Conta pra gente aí nos comentários qual foi o presente mais legal que você já ganhou até hoje? Aquele que te deixou tão feliz que você não consegue esquecer?

Nesta semana vamos começar uma nova série na Comunidade Viva sobre o presente mais incrível que já ganhamos, aquele feito sob medida pra nós. A gente te espera nesse domingo, às 10h, no Teatro Manauara.

SÉRIE DE PALESTRAS

missão presente

9. 16. 23 e 30/DEZ | 10h | TEATRO MANAUARA

43 3 comentários 10 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Todos os comentários

Escreva um comentário...

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/cm viva/photos/a.268801976469587/2505734476109648/?type=3&theater>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Dentre os convites selecionados para análise, este se refere ao segundo da igreja anterior: a Comunidade Viva (segundo a mesma ordem cronológica da postagem). Com

referência aos domingos do mês de dezembro, nele mesmo, não há informação do ano de ocorrência – da mesma forma como ocorrido no Convite 1. A seguir, será apresentada sua análise sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica.

a) Análise Prática da ADC

O convite é composto por elementos imagéticos e também por elementos textuais, quando é dado o título da série de palestras: “Missão Presente”.

Prática discursiva

O convite analisado foi disponibilizado na rede social oficial da Comunidade Viva, dois dias antes do primeiro episódio da série em questão. Sua postagem gerou 03 comentários, 10 compartilhamentos e 43 reações positivas pela rede social. Esse nível de envolvimento ali registrado pode ser considerado baixo, afinal, dos 3.769 usuários que seguem a referida página no Facebook, menos de 60 se mostraram interessados em interagir com o convite ou com a Comunidade. Por outro lado, foi percebido um equívoco que pode, de alguma maneira, ter contribuído para essa baixa adesão: a postagem foi realizada na sexta-feira, dia 7 de dezembro de 2018 e o texto informa que “nesta semana vamos começar uma nova série”; como o convite indica que os encontros são aos domingos, supostamente, o convite foi transmitido para os internautas, depois do primeiro encontro. Esse atraso não ocorreu de fato (pois junto à imagem é dito que o primeiro episódio ocorrerá no segundo domingo do mês, dia 9), no entanto, pode ter interferido na interação.

Na postagem, não são dadas informações referente à produção do material. Em relação ao consumo do texto, a partir de seu contexto pode-se perceber que é uma série alusiva ao período natalino, não pelos elementos do texto escritos (que se mostram sutis), mas pela data (mês de dezembro) e pela alusão tão caricata aos presentes (que por sinal, sendo ele literal ou simbólico, está intimamente ligado ao local de culto, um shopping center). Certamente as cores também vão contribuir para isso e serão discutidas junto à análise multimodal que será realizada mais à frente.

O texto escrito, por sua vez, está repleto de elementos que destacam força, a saber: ordens (“a gente te espera”), perguntas (“lembra daquela bicicleta?”, “foi um presente especial?”, “qual foi o presente mais legal?”, “qual presente inesquecível?”), exigência

(“conta pra gente”), ameaças – inclusive em forma de promessas (“não é?”, “a gente te espera”, “vamos começar”). Uma outra força percebida está nos exageros apresentados; expressões como: “muitas prestações”, “mais feliz”, “com certeza”, “presentes mais especiais”, “memoráveis”, “pessoas que amamos muito”, “todo o seu amor”, “presente mais legal”, “não consegue esquecer”, “presente mais incrível”. O léxico generalista pode manter alguma relação com ideias absolutistas e, sendo este o caso, trás implicações negativas a pessoas de condição pós-moderna por causa do pressuposto relativista desse grupo (GONÇALVES, 2017).

Em relação à coerência, percebe-se uma harmonia entre os fatos e as ideias apresentada no convite em questão. É claro que o texto supõe aspectos do dia a dia do leitor que sugerem erro, por exemplo: “Lembra daquela bicicleta que você ganhou de Natal quando era criança e que seus pais pagaram em muitas prestações”. Essa experiência não irá necessariamente expressar uma verdade para todos, afinal, nem todo leitor ganhou uma bicicleta quando criança, nem todo mundo que ganhou vai lembrar disso, aqueles que ganharam, não necessariamente a receberam como presente de natal ou mesmo foi paga (ou sequer sabem que foi ou como foi) em muitas prestações. Assim, apesar de propor uma relação afetiva e, por isso, informal, uma característica significativa da condição pós-moderna não é atendida: desuso de expressões absolutistas.

O texto imagético é constituído numa base com configuração diferente do texto escrito (no convite existem pelo menos três delas que podem ser identificadas a olho nu). Ainda a respeito da intertextualidade, o tão falado presente de natal do texto pode ser percebido pelos que se apropriam dos elementos da cultura cristã. Isso porque quando o autor se refere ao “presente mais incrível que já ganhamos, aquele feito sob medida pra nós” há dois motivos para concluir que esse presente se refere a uma pessoa, a Jesus Cristo, fundador e personagem principal do cristianismo: (1) um trecho da Bíblia cristã se refere a ele como sendo um presente de Deus ao afirmar que “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho” para este mundo (BÍBLIA, João 3:16); um segundo motivo se dá (2) pelo formato que a letra “t” da palavra “presente” faz, simulando uma cruz, principal símbolo imagético do cristianismo.

Percebe-se ainda que há interdiscursividade, afinal, os elementos da prática de apresentar ou receber presentes são colocados em justaposição aos elementos do período festivo natalino que, na região, possui em uma de suas características, a troca ou doação de presentes.

Prática Textual

O convite, em sua parte imagética utiliza duas palavras: “missão” e “presente”. Ambas palavras têm múltiplos significados. A primeira, entendida como incumbência, dever e outras ligadas à religião (pregação, instituição missionária, casa de missionários e atividade dos missionários). A segunda, é dito do indivíduo que presencia fatos, está do lado de alguém, ou do que é dado a alguém, além, do tempo verbal atual, e período de tempo entre o passado e o futuro. O texto que acompanha o convite é todo apresentado em segunda pessoa, o que promove um diálogo com o leitor que pode ser percebido tanto pelas perguntas iniciais (objetivas e informais), quando pelo léxico informal (“você” – com 5 ocorrências –, “a gente”, “legal” são os termos que apontam para isso). O vocabulário utilizado é coloquial e vai do direto (um presente que o leitor ganhou de maneira exclusiva) ao geral (um presente que todos ganharam sem exclusividade). Outro aspecto a se pontuar é o fato de que, somente uma palavra do título se repete (“presente” – com 6 ocorrências) e a outra (missão), única de cunho religioso, não é citada nenhuma outra vez. Assim, a presente seleção lexical revela a necessidade de as igrejas apresentarem um discurso mais informal, mais próximo dos indivíduos que muitas vezes não frequentam esses locais por não se identificarem ou até não entenderem o que seus textos apresentam.

Analisando através do viés da gramática percebe-se uma tentativa de que as palavras sejam combinadas nas orações, no entanto, por vezes se utiliza a regra formal e informal simultaneamente. Isso sugere alguma desatenção do autor quando, por exemplo, utiliza o pronome de segunda pessoa de maneira formal “nós” (através de termos como “vamos”, “ganhamos”, “amamos”) e também de maneira informal “a gente” (através dos termos “pra gente”, “a gente”).

Quanto à coesão, o título “missão presente” não se repete no texto escrito, uma vez que o primeiro sugere algo que devemos doar, e o segundo aponta para algo que o leitor recebeu e receberá doação. No entanto, pode-se perceber coesão através dos termos isolados. “Presente”, é o principal deles porque, além de sua forma literal, é encontrado no texto com alguma relação sinonímica com “bicicleta”, “embrulho” e “aquele” (este último, obviamente, de maneira subentendida).

Em relação à estrutura textual, percebe-se uma arquitetura e organização no texto escrito e nos seus modos de organização. O texto inicia com uma interação (“Lembra daquela bicicleta que você ganhou...”), continua com uma argumentação (“Qual foi o presente mais legal que você já ganhou...?”) e conclui com um apelo (“A gente te espera...”). O autor parte

do conhecido para o desconhecido; de uma lembrança infantil e inocente, para uma descoberta adulta e madura.

Prática Social

Percebe-se que o texto é apresentado, do ponto de vista ideológico, em alguns sentidos, por exemplo, ao sugerir que existe uma relação de débito quando se é presenteado por algo; e esse débito é tão intenso que não se cogita a possibilidade de tê-lo esquecido. Uma outra relação de ideologia pode ser percebida supondo que todos os leitores receberam o mesmo presente de natal na infância, que todos foram doados mediante esforço financeiro o que, de alguma forma, é uma forma de caracterizar o público-alvo daquele convite, ou pelo menos da família onde nasceram/cresceram. Entendida como as ideias organizadas por um determinado grupo social (que caracterizam seus próprios interesses ou responsabilidades institucionais), a ideologia baseia-se em uma percepção cultural ou social entre pais e filhos destacada através da relação que os pais se esforçam e os filhos se divertem. Percebeu-se ainda uma estratégia dialógica no texto através da tentativa de ativar contato (“conta aí pra gente nos comentários”), estratégia que pode ser considerada ineficaz, uma vez que unicamente três leitores se prontificaram a atendê-la e vários outros preferiram reagir de uma forma que não havia sido sugerida no texto escrito (10 compartilhamentos e 43 reações de afeição, a saber: “curti” ou “amei”).

A hegemonia, entendida como a relação de supremacia, domínio ou poder que algo ou alguém exerce em relação a algo ou alguém é percebida no texto em questão como sendo de poder sapiencial. O(s) produtor(es) da série se apresenta(m) como tendo esse poder e como se ninguém fosse como ele(s). Também se pressupõe que, independente de qualquer presente que o leitor já tenha recebido, existe um “mais incrível”, o que pode gerar algum tipo de constrangimento. Uma vez que, inicialmente, o texto evocou as relações familiares e a infância do leitor, ao final do texto, isso é colocado em segundo plano.

A seguir, será apresentada a análise imagética sob a perspectiva multimodal.

b) Análise Multimodal

A Gramática do Design Visual (inserida na Semiótica Social) pode ser reconhecida como o berço da Multimodalidade, teoria cunhada por Kress e van Leeuwen ([1996]2006), ao

entenderem que as interações humanas se realizam a partir das mais diversas formas de linguagem. Ela foi utilizada para analisar um recorte da Figura 17 (presente no Convite 2 e apresentado na Figura 21, a seguir).

Figura 21 – Recorte do Convite 2



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/cm viva/photos/a.268801976469587/2505734476109648/?type=3&theater>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

A partir de cada uma das suas três metáfunções, o Convite 2, em questão, será analisado a seguir:

Metáfunção Representacional – o que este texto representa?

Na Figura 21, o Participante é do tipo Representado (PR) e sua estrutura representacional se destaca ao perceber que existem três PRs: um é o próprio presente embalado; os outros dois têm uma identificação especial: um está recebendo um o presente e o outro é aquele que está oferecendo o presente. Um deles está oculto, pois não aparece na imagem, no entanto, sua presença é percebida através do outro, afinal, como esse segundo PR

está recebendo um presente, é natural subentender que existe alguém a sua frente realizando a doação. Em relação ao presente, percebe-se que o mesmo é etiquetado por um papel sem nenhuma informação do destinatário, nem do emissor, no entanto, na etiqueta do presente existe uma marca que é a mesma do logotipo da igreja. Isso indica que aquele o presente em questão pode ser entendido de duas formas: é algo que foi dado exclusivamente para a respectiva igreja ou então que somente aquela igreja pode dar o referido presente. Ambas as propostas, ferem o princípio relativista da condição pós-moderna.

Deve-se reconhecer ainda que o convite compõe a estrutura conceitual simbólica, uma vez que o objeto em destaque (presente) faz parte da composição textual do título do convite, bem como a narrativa mais frequente dele – o que colabora para evidenciar seu caráter simbólico. Um pacote de presente representa uma dádiva, uma oferta e subentende uma relação afetiva que existe ou que se almeja entre as duas partes (quem doa e quem recebe). Além disso, as outras duas partes do processo conceitual podem ser percebidas, a saber: classificatório, quando ambos os participantes são vistos com o presente na mão (sendo válido lembrar que um dos PRs está presente, mas não é visível); e analítico, ao reconhecer que a imagem mostrada está incompleta, pois compõe um todo maior, que não está visível, mas faz parte da composição.

Metafunção Interativa

No aspecto interacional, percebe-se que o Contato estabelecido se dá por Oferta, uma vez que, mesmo que o doador e o receptor do presente fossem identificados, eles não estariam em contato, uma vez que a atenção estaria no presente doado. A Distância também é reconhecida através do plano fechado Íntimo, mesmo que não se veja algum vetor de olhar; isso se dá por um presente estar sendo mostrado como num close. Como a atitude está num ângulo vertical baixo, as mãos do desenho caracterizam a modalidade naturalista e parecem compor as mãos do leitor (o que será discutido na narrativa composicional), cria-se uma ilusão de ótica de que o leitor é quem está com o presente nas mãos ou, no mínimo, aquele convite é um presente. De qualquer forma, isso destaca uma relação afetiva entre o PR e o PI, característica específica da condição pós-moderna.

Metafunção Composicional

Como a metafunção composicional se relaciona com os elementos linguísticos e visuais que compõem o texto, algumas questões interativas e representacionais podem se repetir nesta análise do convite destacado na Figura 21. Ao dividir as dimensões dos Valores de Informação no espaço virtual, logo se identifica o recebimento de um presente no plano Central ou, como chamado, Centro-Margem. Essa conclusão é mais evidente ao perceber que à margem desse elemento central, não existe nenhum outro elemento que mereça destaque (a não ser, obviamente, o próprio título da série). Não foram identificados elementos nas laterais da imagem, por isso, não foi conferido o Valor informacional Dado-Novo.

Como o título da série de palestras (“Missão presente”) está centralizado na parte superior do convite, compõe o campo Ideal; como a imagem que o representa (do presente propriamente dito) está logo abaixo, na parte inferior da composição, compõe o campo Real. Por isso, fica destacado o favorecimento da proposta de que o ideal não somente *será*, mas *já é real*, está nas mãos do leitor e foi dado pela referida igreja (uma das implicações da interpretação de que, uma vez que o cartão anexo ao presente tem a logo da instituição eclesiástica).

Quanto à Saliência, que revela hierarquia entre os elementos visuais como mais ou menos salientes, os elementos de análise são de tamanho grande na composição da imagem, saturada, e modalidade das cores bilocor (amadeirado claro e vermelho – fazendo uma relação com a época natalina a que a série se refere e podendo também aludir à cor caricata do amor, representado por meio do desenho de um coração, na letra “o” da palavra “missão”). Como já percebido, o campo visual está ao Centro e a perspectiva coloca os PRs no primeiro plano, no entanto, pela ausência de vetores de personalidade, é possível que eles se encontrem no segundo plano, com o intuito de fazer com que o leitor se veja, ou se identifique, com um dos PRs, o que recebe e está com o presente nas mãos. O Enquadre aponta para Conexão, uma vez que os dois elementos da imagem (mãos e presente) estão visualmente unidos. O contraste destaca o aspecto cultural machista uma vez que as mãos representam unicamente alguém do sexo masculino, pelo menos a partir do estereótipo da camisa de manga longa e dos traços. A impressão é que, por mais que as mulheres sejam maioria da sociedade, elas não são colocadas e nem vistas como representantes do grupo social que frequenta a igreja em questão ou que se pretende convidar para cultuar. Vê-se uma hegemonia masculina no contexto das decisões religiosas a partir da imagem analisada. Essa proposta não compõe a condição pós-moderna por pelo menos dois motivos: o público contemporâneo valoriza o relacionamento

afetivo e essa posição favorece uma crítica social em massa, visto a expressão dos movimentos sociais relacionados a temática feminista.

Na sequência, será apresentada a análise do primeiro convite da Comunidade Adventista de Adrianópolis.

3.2.3 Convite 3 – Metamorfose (Série de abril da CMAAdv)



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/593162081037951/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Dentre os convites selecionados para análise, este relacionado com a Figura 18 se refere ao primeiro da igreja de confissão Adventista chamada Comunidade Adventista de

Adrianópolis³⁴, seguindo ordem cronológica da postagem. Com referência aos domingos do mês de abril, nele mesmo, não há informação do ano de ocorrência. Outrossim, será realizada a seguir a sua análise será apresentada de acordo com a Análise Crítica do Discurso.

a) Análise Prática da ADC

O convite é composto por elementos imagéticos e também por elementos textuais, quando é dado o título da série de mensagens: “Metamorfose”.

Prática Discursiva

A prática discursiva analisa a produção, distribuição e consumo dos textos. O convite em questão foi disponibilizado na rede social oficial da Comunidade Adventista de Adrianópolis, dois dias antes do primeiro episódio da série em questão. Sua postagem não gerou comentários, 01 compartilhamento e 11 reações positivas pela rede social, que também informa a quantidade de pessoas que visualizaram a postagem, a saber: 110. Esse nível de envolvimento ali registrado pode ser considerado baixo, afinal, dos 1.719 os usuários que seguem a referida página no Facebook, menos de 10% se mostraram interessados em interagir com o convite ou com a Comunidade.

Na postagem, não são dadas informações referente à produção do material. O conteúdo imagético, sequer possui algum selo de autoria ou procedência. É dito quem será o palestrante e, por isso, pode ser feita alguma relação do mesmo com a produção do convite, no entanto, isto está no campo das hipóteses. Talvez devesse existir alguma relação com o período pascoal (uma vez que esta é uma celebração puramente cristã), no entanto, não foram percebidos elementos alusivos a isso.

O texto escrito, por sua vez, está repleto de elementos que destacam força. Eles podem ser percebidos a partir do impacto que causam no campo emocional ao propor que se vive fases da vida que parecem envolver um processo “lento e doloroso”. Se essa for uma realidade vicária para o leitor, haverá uma identificação emocional com o texto que, provavelmente, continuará ou será conduzida para um crescente ao serem feitas duas

³⁴ Diferentemente da Comunidade anterior, esta se apresenta com o nome de sua ordem religiosa (Adventista). Esse fato pode indicar algum aspecto tradicional (quando se pretende manter características históricas da denominação), institucional (quando o objetivo é anunciar as características de submissão empresarial) ou comercial (quando se tem a intenção de utilizar uma marca mais conhecida, para facilitar identificação).

perguntas de cunho pessoal: “Como adquirir *resistência...*?” e “Qual caminho para *autêntica e duradoura* transformação...?” (ênfase do autor). Somando-se a isso também são utilizados outros termos que apontam para a força da prática discursiva, como “raramente”, “esperado estágio final”, “por vezes”, “transformação”, “chegou a hora”, “verdadeira metamorfose” e o convite no imperativo: “participe conosco” parece sofrer uma tentativa de neutralização com as palavras finais: “entrada e estacionamento gratuitos”. Assim, percebe-se a intenção de estabelecer algum relacionamento afetivo com o leitor, mesmo que não seja através de sensações que denotem felicidade.

Em relação à coerência, pode-se reconhecer uma harmonia entre os fatos e as ideias apresentadas no convite em questão. É possível que o texto suponha aspectos do dia a dia do leitor que sugerem erro, a não percepção do processo de metamorfose da lagarta é uma delas que é apresentada logo na segunda frase do texto escrito. De qualquer forma, ele é construído numa base linear lógica, de fácil compreensão, que não exige um conhecimento de mundo prévio – o que vai minimizar o uso de expressões absolutistas.

O aspecto metafórico indica a intertextualidade, afinal, um texto é transmitido por meio de outro. O aspecto biológico dá luz ao aspecto emocional que, por sua vez direciona ao aspecto espiritual. Finalmente, o aspecto pessoal é inserido quando se propõe os encontros presenciais. Tais aspectos contribuem para a característica da interdiscursividade no texto, afinal, além do exposto, o texto sugere indica uma gradação do ambiente psicoemocional para o ambiente eclesiástico, através da construção da necessidade de adquirir resistência, da reflexão de um caminho espiritual que proporcionará isso e, finalmente, que pode ser encontrado naquela igreja. Como essa proposta sugere exclusividade (somente ali é possível alcançar isso de forma “verdadeira”, “autêntica” e “duradoura”) e descarta outras experiências que o leitor possa já ter vivido, o texto é construído de uma maneira difícil de interagir com pessoas de condição pós-moderna, uma vez que utiliza diversas expressões absolutistas. Esses fatos podem, inclusive, contribuir para a citada baixa adesão de interatividade nas redes sociais.

Prática Textual

Um dos quatro construtos de análise da prática textual é o vocabulário que, mais do que entender a definição dos termos registrados, busca reconhecer o significado sensorial deles. Dessa forma, apesar de perceber que a parte do texto escrito do convite utiliza alguns termos formais (principalmente a primeira pessoa do plural “nós” em vez de “agente” – cinco

ocasiões, incluindo, as subentendidas), sua composição como um todo pode ser considerada informal, afinal, é construída a partir de um contexto social (metamorfose da lagarta à borboleta), perpassa uma interação com o leitor (ao fazê-lo perceber e refletir em diversas fases de sua vida) e finaliza com um convite (para participar da série de mensagens). O léxico utilizado não indica um culto cristão e, mesmo promovendo o leitor a perguntar “Qual o caminho para uma autêntica e duradoura transformação espiritual?”, não se conclui ser um convite para um ambiente eclesiástico. A proposta parece conduzir a mensagens motivacionais, de autoajuda e, não sendo, pode indicar uma estratégia que finda por iludir o receptor do convite – o que rompe com característica relacional exigida pela condição pós-moderna. Isso também pode ser percebido através do léxico usado ao que é direcionado o convite: uma “série de mensagens”. Na tentativa de inter-relacionar os dois convites anteriores, originários da Comunidade Viva, é fato que a indicação neles é para uma “série de palestras”. Não se sabe o que motiva a diferença lexical, no entanto, pode-se entender que o termo diferente no material de ambas as igrejas é unificado quando, na Comunidade Adventista de Adrianópolis, há uma indicação de quem irá conduzir a referida mensagem; esse personagem, em vez de receber o título de “mensageiro”, é chamado de “palestrante”, o que indica igualdade do que se refere o evento.

Sob a perspectiva do viés gramatical, observa-se que não houve uma correção ortográfica eficiente antes da publicação da postagem. Isso pode atender à expectativa pós-moderna por informalidade, no entanto, sendo grotescos, também podem indicar despreparo por parte de quem escreve e, conseqüentemente, despreparo por parte do palestrante. É válido destacar que na contemporaneidade, os erros gramaticais não são menos importantes, o caso é que, num ambiente virtual onde existe relacionamento afetivo, eles podem transmitir informalidade. A partir do convite em questão, nenhuma dessas duas características demandadas está presente.

As palavras utilizadas pertencem a um mesmo campo semântico relacionado a mudanças, fases, momentos, caminhos e metamorfoses que são estabelecidas num processo de início, meio e fim. Isso demonstra a coesão do texto. Não existem elementos de ligação entre as frases, no entanto, como demonstrado nos aspectos relacionados ao Vocabulário, cada frase está mais ligada por um sentido, que por um termo. Adiciona-se o fato de o texto do convite reconhece que o leitor já tenha vivido alguma experiência metamórfica, no entanto, propõe que a experiência realmente válida, ocorrerá com o que ele propõe: “experimentar uma *verdadeira* metamorfose” (ênfase do autor). Como a condição pós-moderna requer o desuso de expressões absolutistas, mais uma crítica é apontada.

Essa característica introduz a análise da estrutura textual e reconhece no convite em questão uma estrutura bem alinhada. Ao iniciar considerando as transformações incidentes sobre uma lagarta até se tornar uma borboleta o autor do convite destaca o processo que envolveu tais mudanças. Da mesma forma, ele continua tentando se identificar com o leitor através de algum ponto de contato afetivo: “passamos por fases semelhantes em nossa vida e por vezes esse processo nos parece lento e doloroso”. Feita essa identificação, o autor propõe algumas perguntas que buscam uma solução, não para resolver as dificuldades, mas sim para enfrentá-las, e soluciona: é necessária uma metamorfose. Entretanto, é curioso que, ao apresentar essa necessidade em forma de solução, o autor não mais se identifica com o leitor. Em vez de continuar se expressando através da primeira pessoa do plural, o autor utiliza o que parece ser a segunda pessoa do singular: “Chegou a hora de experimentar uma verdadeira metamorfose”. Parece que há um distanciamento, o que rompe com o relacionamento afetivo com o leitor.

Prática social

Como a prática social objetiva verificar os elementos não discursivos que estão presentes na linguagem, pode ser percebido um aspecto ideológico relacionado à biologia. O texto afirma que o processo de mudança da lagarta à borboleta é “evidente”. Essa expressão, já está no campo do senso comum, no entanto, é complementado pela indicação de que “raramente percebemos” as características desse processo. Outra expressão ideológica está na identificação afetiva que se tenta estabelecer com o leitor ao indicar que (1) as mudanças que passam na vida são “dolorosas” e (2) todos passam por mudanças evidentes como a da lagarta.

A questão hegemônica pode ser reconhecida, quando a questão espiritual é indicada no texto. Como já dito, as mensagens propostas estão no campo motivacional das emoções, num forma de autoajuda. A ajuda divina não é base da justificativa, mas é apresentada como sendo o único “caminho para uma autêntica e duradoura transformação”. Com a utilização de expressões absolutistas e o desinteresse por desenvolvimento afetivo percebido pela relação de poder da religião para com o leitor, a condição pós-moderna não parece ser uma preocupação dos produtores do convite.

A seguir, será apresentada a análise imagética sob a perspectiva multimodal.

b) Análise Multimodal

Ao entender que as interações humanas se realizam a partir das mais diversas formas de linguagem, Kress e van Leeuwen ([1996]2006) cunharam a Multimodalidade por meio da Gramática do Design Visual (inserida na Semiótica Social), que irá analisar um recorte da Figura 18 (presente no Convite 3 e apresentado na Figura 22, a seguir).

Figura 22 – Recorte do Convite 3



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/593162081037951/>>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

A análise ocorrerá a partir de três metanarrativas a seguir:

Metafunção Representacional

A análise sob a ótica do significado representacional pretende responder a perguntas do tipo: O que foi feito? Quem fez? Para quem fez? Em que circunstâncias fez? Isso ocorre por meio de alguns aspectos como em relação ao Participante, por exemplo, que no caso do convite em questão se configura como apenas um Participante Representado, um animal borboleta com as asas abertas, que é retratado de modo estático, não sendo possível identificar a presença de um vetor.

Em relação à estrutura representacional, percebe-se a característica conceitual, uma vez que se trata de uma imagem estática, sem qualquer tipo de ação ou movimento dos participantes. O PR está envolvido num processo conceitual simbólico do tipo Sugestivo, uma

vez que apresenta uma imagem com certa ênfase em um único participante – característica que, por não transmitir relacionamento afetivo, prejudica algum estabelecimento de vínculo com a comunidade pós-moderna.

Metafunção Interativa

Na tentativa de obter o significado interativo da Figura 22, percebeu-se que o Contato é estabelecido por meio de Oferta, pois o PR é colocado de maneira contemplativa. Por se referir ao animal borboleta, há dificuldade de estabelecer um contato visual com o PI, visto a especificidade dos seus olhos. Além disso, é possível que o animal retratado não esteja vivo. Há dificuldade de afirmar isso, no entanto, pode-se reconhecer que ele é apresentado num ângulo incomum para ser fotografado em seu habitat natural, sendo mais comum ser encontrado nesta posição numa exposição ou museu de borboletas.

Um dos aspectos da análise imagética diz respeito à Distância do PR. No caso retratado, apesar de ocupar todo o espaço, a borboleta é apresentada como um todo, num plano aberto, por isso, caracteriza alguma impessoalidade, o que destaca a suposição de sua condição sem vida.

A análise da Perspectiva vai perpassar a condição de vida no animal uma vez que, se estiver vivo, suas asas abertas demonstram a imponência, força, domínio – o que estabelece uma relação de poder. No entanto, a partir do mesmo ângulo, se a borboleta estiver morta (que é o pressuposto do autor), a relação de poder é retirada e dá lugar a uma relação de fraqueza, de um ser dominado. Em conversa com as outras metafunções, percebe-se uma implicação dessa conclusão: o resultado exposto de alguém que passa pela metamorfose/mudança proposta, é estar sob as mesmas circunstâncias da PR: sem vida.

Por fim, a categoria de análise chamada de Modalidade identifica o aspecto não naturalista da imagem, uma vez que, apesar de se referir a uma foto de um animal que poderia ser observada aproximadamente a visão em olho nu, é notório que existe algum trato tecnológico na imagem que satura a cor de tonalidade azul e destaca a sombra no espaço ao fundo, ao redor da borboleta.

Metafunção Composicional

Reconhecendo os participantes da imagem bem como sua composição, a busca pelo significado composicional, especialmente no que diz respeito ao Valor da Informação,

identifica que a posição do PR não considera os elementos dados e novos, uma vez que os componentes imagéticos não fazem uso do eixo horizontal, uma vez que o animal (borboleta) está centralizado, juntamente com seu respectivo título.

Dessa forma, percebe-se um estímulo do eixo vertical que considera o que é colocado no plano superior como conteúdo Ideal e os elementos abaixo são apresentados como Real. Como na composição a imagem da borboleta está na parte de cima, percebe-se que o produtor apresenta o resultado do processo final de metamorfose da lagarta como a promessa de um status de glamour a ser aspirado, que deve ser experimentado a partir das mudanças propostas. Apesar da crítica já feita pela apresentação de um animal morto, deve-se reconhecer que mesmo assim, ele transmite beleza estética. Na parte inferior, então, está colocado o produto em si: a informação de que se refere a uma série de mensagens e seu respectivo título.

O terceiro e último plano do Valor Informacional tem a ver com a divisão Centro-Margem. Percebe-se que todos os elementos que compõe a imagem estão ao centro do convite e, na sua margem, ausência de qualquer informação textual. O que é visto no centro é o poder: o resultado final da metamorfose de uma lagarta: a borboleta. Em diálogo com a ADC, percebe-se que o texto dá ênfase ao processo de transformação; a imagem, por outro lado, representa unicamente o resultado final. Em ambos os casos, o momento inicial onde supostamente o leitor está, não é considerado.

Quanto à Saliência, que revela hierarquia entre os elementos visuais como mais ou menos salientes, os elementos de análise são de tamanho grande na composição da imagem do animal que está em perspectiva; é saturada, e se apresenta com modalidade das cores bilocor, a saber: a monotonia do cinza e a vivacidade do azul. De acordo com a demonstração do aspecto científico da cor proposta por Farina, Perez e Bastos (2011) “o azul tem uma representação, de fechamento, de vazio” (p. 17); outrossim, “o cinza geralmente não apresenta muita visibilidade, mesmo quando aplicamos sobre ele uma tipografia de tamanho grande” (v. 24). Embora os autores indiquem que a atitude de um indivíduo em relação a uma cor é variável, dependendo de suas influências psicológicas e culturais, pode-se reconhecer que o azul e o cinzento dão a sensação de absorção do calor, ou seja, indicam um ambiente frio. A conexão da imagem é percebida unicamente através da harmonia do significado das cores da borboleta com o fundo, no entanto, o animal está desconectado de qualquer outro objeto da composição. Mesmo reconhecendo o destaque visual que o azul ocupa na borboleta, através das cores selecionadas para a composição e da desconexão de elementos, percebe-se que as escolhas da composição não parecem favorecer a atração de quem prioriza a informalidade e o desenvolvimento de relações afetivas.

Na sequência, será apresentada a análise do segundo convite da Comunidade Adventista de Adrianópolis.

3.2.4 Convite 4 – O Brasil que eu faço (Série de outubro/2018 da CMAAdv)

web.facebook.com/Comunidade.adrianopolis/?eid=ARDce9u6ocPM5xci7iUZpAIoP0xwrtuC9R58t1UsH

Comunidade Adventista de Adrianópolis

Johêdyr

Curtir Seguir Compartilhar

Comunidade Adventista de Adria atualizou a foto da capa dele. ...
5 de outubro de 2018 ·

Nova série iniciando este sábado às 18h, venha e traga amigos.

TÍTULO:
O BRASIL QUE EU FAÇO

SINOPSE:
As eleições nos levam a fazer escolhas tendo em vista um país melhor. No entanto, essa não precisa ser somente uma aspiração, mas também uma prática. Essa série de meditações tem a intenção de mostrar que nossa primeira atitude em busca de um Brasil melhor não está nas umas, como cidadãos, mas sim nas cidades, como cristãos.

EPISÓDIOS:
Segurança (06/out)
Saúde (13/out)
Emprego (20/out)
Educação (27/out)

O BRASIL que eu FAÇO

15 2 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Escreva um comentário...

Fonte: Disponível em novo endereço virtual: <https://www.facebook.com/pg/sercomunidade/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

Dentre os convites selecionados para análise, este se refere ao segundo da igreja anterior, a Comunidade Adventista Adrianópolis (seguindo a mesma ordem cronológica da postagem). Com referência aos sábados do mês de outubro, nele mesmo, não há informação do ano de ocorrência – da mesma forma como ocorrido no Convite 1. A seguir, será apresentada sua análise sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica.

a) *Análise Prática da ADC*

O convite é composto por elementos imagéticos e também por elementos textuais, quando é dado o título da série de meditações: “O Brasil que eu faço”.

Prática Discursiva

Se referindo à produção, distribuição e consumo dos textos, a prática discursiva percorre alguns construtos, como os tipos de atos de fala ou força ilocucionária. No texto em questão, a força da suposta conduta dos cristãos relacionada a boas ações, se destaca (e até diminui a atitude) em relação à aspiração (suposto comportamento dos cidadãos não cristãos). Como já visto, além de ordenar o leitor a participar da série de meditações acompanhado de amigos sob sua responsabilidade, o texto destaca duas promessas: (1) mostrar a diferença entre o comportamento de cristãos e não cristãos e (2) demonstrar as atitudes dos cristãos que, constroem o Brasil de maneira prática, e não somente contemplativa.

Em relação à coerência, percebe-se uma harmonia entre os fatos e as ideias apresentada ali. É claro que o texto supõe vários aspectos da experiência vicária do leitor (como votar nas eleições pensando num coletivo e não no individual – “tento em vista um país melhor”) –; ser cristão; e não manter unicamente aspirações – mas com ações práticas de boa conduta. Essas experiências não irão expressar, necessariamente, uma verdade absoluta para todos os leitores e, nisso, se descaracteriza com a condição pós-moderna.

Através da análise textual soba perspectiva da prática discursiva, percebe-se uma intertextualidade explícita com a campanha “O Brasil que eu quero”, não somente pela similaridade com o título, como também da arte visual, como apresentada na Figura 23, a seguir:

Figura 23 – Campanha “O Brasil que eu quero”



Fonte: G1. O Brasil que eu quero. Disponível em: <<https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/que-brasil-voce-quer-para-o-futuro-saiba-como-enviar-o-seu-video.ghtml>>. Acesso em: 19 de jan., 2020.

O texto em questão alude à campanha que foi idealizada e conduzida pela Rede Globo de Comunicação, que é a maior rede de comunicação no Brasil. Realizada durante o ano de 2018, tinha como objetivo dar voz a pessoas voluntárias de todos os municípios brasileiros. Para isso, os participantes deveriam enviar um vídeo autoproduzido expondo sua opinião particular a respeito do Brasil que queriam para o futuro. O projeto persuadia: “Você pode ser o porta-voz da sua cidade”³⁵ e prometia transmitir essas gravações em sua programação televisiva dos telejornais da emissora. A exibição começou em março e perdurou até o mês de setembro, dias antes das eleições governamentais do país e teve adesão de cidadãos de 99,5% dos municípios da nação, sendo que “9% das mensagens foram gravadas por crianças; 7%, por adolescentes; 13%, por idosos; e o restante (71%), por adultos. Na participação por sexo, 28% são mulheres e 65%, homens; grupos (amigos, vizinhos, colegas de trabalho e de escola etc.) participaram com 7% dos vídeos”²⁰, o que indica adesão por parte dos telespectadores e, consequentemente, sustenta a coerência do uso intertextual, por parte da Comunidade Adventista de Adrianópolis, em seu contive para série de meditações.

³⁵ G1. O Brasil que eu quero. Disponível em: <<https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/que-brasil-voce-quer-para-o-futuro-saiba-como-enviar-o-seu-video.ghtml>>. Acesso em: 19 de jan., 2020.

Como uma extensão a intertextualidade, percebe-se uma dimensão interdiscursiva no texto através do recebimento do discurso expresso pela campanha nacional (macro) que mostra a referida igreja (micro) definições de um *verdadeiro cidadão*; e dialoga com essa ideologia emitindo um discurso por parte da comunidade local (micro), informando as definições de um verdadeiro cristão, para todo o mundo (macro), através da divulgação dessa opinião na internet.

O convite em questão foi disponibilizado na rede social oficial da Comunidade Adventista de Adrianópolis, um dia antes do primeiro episódio da série em questão. Sua postagem não gerou comentários, 02 compartilhamentos e 15 reações positivas pela rede social. Esse nível de envolvimento ali registrado pode ser considerado baixo, afinal, dos 1.719 os usuários que seguem a referida página no Facebook, menos de 10% se mostraram interessados em interagir com a publicação do convite.

Na postagem, não são dadas informações referente à produção do material. De qualquer forma, é possível reconhecer que sua relação com o período de eleições é direta, não somente pelo conteúdo do texto escrito, quanto pela temática dos episódios que se configuram, em linhas gerais, por assuntos comumente discutidos por candidatos em campanha eleitoral, a saber: segurança, saúde, emprego e educação.

Prática Textual

Considerando as palavras utilizadas no texto escrito, poucas repetições foram percebidas. Quando isso ocorre, são utilizadas expressões sinonímicas como país/Brasil e eleições/urnas. O texto é dividido em duas partes: a primeira, uma frase informando os dados relacionados ao que se refere à postagem, bem como quando ocorrerá o evento; a segunda, a sinopse da série propriamente dita. Em relação à primeira frase, ela continua em segunda pessoa do singular e, de maneira imperativa, o produtor ordena que o leitor “venha e traga amigos”. São duas ordens expressas que, pelo seu tom absolutista, parecem excluir quem não cumprir com uma delas (ou ambas). A palavra “meditação” está presente na sinopse e é colocada como motivo do convite; entendida como ação ou efeito de refletir profundamente sobre determinada coisa, a meditação tem que ver com um exercício espiritual que prepara para a contemplação. Sendo assim, o termo garante a transparência de que aquele apelo tem fins relacionados ao desenvolvimento da espiritualidade e, como a última palavra usada indica, destaca o papel dos cristãos ao propor uma espiritualidade sob a perspectiva cristã.

Com a ocorrência de duas expressões que se repetem, parece haver uma combinação das orações e frases que estão contidas e, por isso, quando analisadas sob a perspectiva gramatical, são colocadas como tendo uma relação direta. São elas: “não precisa ser somente uma aspiração”/”não está nas urnas, como cidadãos” e “mas também um prática”/”mas sim nas cidades, como cristãos”. Percebeu-se uma ligação através do entendimento de que os cidadãos aspiram (uma vez que essa vontade e ambição são apresentadas como somente um passo inicial dos cidadãos, expressa através do voto) e os cristãos põem em prática (quando as primeiras atitudes dos cristãos não estão no campo do desejo, mas sim da execução).

Verificou-se ainda, com a repetição de exclusivamente duas palavras “não” e “mas” (por duas ocasiões), que existe alguma coesão textual. Essa característica também é sustentada pela ligação das frases do ponto de vista semântico que mantem na temática das eleições (inclusive nos títulos dos episódios) e no papel do leitor frente a esse contexto, o assunto central discutido. Além disso, todo o texto é conduzido em primeira pessoa do plural, o que pode demonstrar alguma intenção de persuadir o leitor a se sentir parte da Comunidade e autor da proposta. Essa característica ainda pode ser vista como excludente por partir do pressuposto que todo leitor é cristão quando indica que “essa série de meditações tem a intenção de mostrar nossa primeira atitude (...) como cristãos”. Se o leitor não for cristão, não se sente parte da comunicação o que finda por não promover um relacionamento afetivo.

A frase que dá título a série (O Brasil que eu faço) é apresentada numa estrutura textual que segue uma convenção:

O Brasil	que	eu faço
ator		ator

Sendo essa convenção, pode ser recolocada de maneira a fazer o leitor ler: “Eu faço o Brasil”, no qual a expressão “eu”, é mostrada como ator; “faço”, como processo material, uma ação; e “o Brasil”, como a meta ou objetivo; conforme mostrado a seguir:

Eu	faço	o Brasil
ator	processo material ação	meta objetivo

Finalmente, essa percepção amplia os variados aspectos relacionados aos pressupostos sociais de relação e identidade incluídos no texto referente ao convite em questão, relacionado à Figura 19.

Prática social

O texto em questão determina que, quem aceitar o convite deve também ir acompanhado de amigos. É notória que essa indicação parece ser uma comunicação com o público interno (o que é ineficiente, visto estar publicada numa rede social pública), afinal, que motivos um leitor externo àquela comunidade de fé teria para levar alguém a um evento que ele mesmo não conhece? De qualquer forma, estar acompanhado de amigos e pessoas que são quistas, também sugere a formação de um ambiente relacional e afetivo, no entanto, também pode ser interpretado como característica que não será alcançada se o leitor atender o convite, mas for ao evento sozinho, ou seja, se ele não levar amigos, lá mesmo, ele não os terá.

No exercício de compreender o processo social, naturalmente, é exigida uma interação mútua entre os elementos anteriormente analisados (prática textual e discursiva) e, por isso, vários apontamentos são revisitados. Conceitualmente as meditações não são coisas práticas, mas sim contemplativas, então, através do texto escrito, percebe-se uma visão que propõe transformar a definição de que aquele que medita, o faz somente de maneira contemplativa.

Na perspectiva da ADC, as ideologias são elementos representados de diversas formas que podem contribuir para sustentar as relações de poder. No texto em questão, que se faz uso de uma campanha relacionada a ideologia política, percebe-se a característica desconforme com a condição pós-moderna, através da posição que os cristãos são colocados: superiores aos demais por serem os únicos responsáveis pelas práticas de boa conduta na sociedade, e não apenas a aspiração de um país melhor.

Essa consideração, de alguma forma, nos remete a análise hegemônica que encontra no posicionamento ideológico político (referência do texto do convite) e religioso cristão (referência da aplicação do convite), uma característica dominadora. Como o convite é apresentado por uma instituição também cristã e está relacionado a debater temas discutidos principalmente sob o viés político, percebe-se que o texto é construído sob uma perspectiva evolutiva das relações de poder. Isso se dá, quando de maneira *explícita* se propões que os cristãos são os únicos personagens da sociedade que não somente desejam um Brasil melhor, mas também, fazem com que a nação evolua. De maneira *implícita*, percebe-se uma doutrinação ao leitor pela escolha de candidatos que, no mínimo, professem a fé cristã. Dessa forma, o viés ideológico é apresentado sob a perspectiva de dominação, ou seja, hegemonia, com fins a dar poder político, unicamente à religião (ou àqueles que estão ligados a ela).

A seguir, será apresentada a análise imagética sob a perspectiva multimodal.

b) Análise Multimodal

A Multimodalidade por meio da Gramática do Design Visual (inserida na Semiótica Social) foi cunhada por Kress e van Leeuwen ([1996]2006). Reconhecendo que as interações humanas ocorrem a partir das mais diversas formas de linguagem, a seguir, é apresentada a análise de um recorte da Figura 19 (presente no Convite 4 e apresentado na Figura 24, a seguir).

Figura 24 – Recorte do Convite 4



Fonte: Disponível em endereço virtual atualizado: <https://www.facebook.com/pg/sercomunidade/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 13 de agosto, 2019.

A análise ocorrerá a partir de três metafunções a seguir:

Metafunção Representacional

A análise sob a ótica do significado representacional vai responder a perguntas do tipo: O que foi feito? Quem fez? Para quem fez? Em que circunstâncias fez? Para isso, é válido lembrar que a imagem em questão na postagem, não são dadas informações referentes à produção do material. O conteúdo imagético, inclusive, sequer possui algum selo de autoria ou procedência, no entanto, pela análise já apresentada, se configura como uma imagem fraca, por se configurar uma cópia. Os participantes do texto são mostrados através do desenho de variados bustos (ombro e cabeça) de diferentes pessoas não identificadas. Sua caricatura parece representar homens e mulheres que, através do texto escrito, sabe-se que representam a

os cidadãos brasileiros em sua diversidade. Esse entendimento também pode ser percebido através da análise puramente imagética, uma vez que toda essa gente está sobreposta sobre outro participante: o mapa do Brasil. Essa combinação coloca as pessoas espalhadas nos diversos lugares do mapa, ocupando todas as regiões, inclusive, extrapolando as suas margens. Este fato sugere que aqueles personagens se referem aos brasileiros que moram no país ou não e que, não somente representam a nação, como estão acima dela (pelo fato de estarem sobrepostos).

Como não há um vetor, a análise estrutural do significado representacional, indicada como conceitual, é praticamente exclusiva pela perspectiva dos participantes representados. Sendo característicos da forma simbólica, percebe-se que os participantes se identificam com mulheres e homens brasileiros, o que lhes remete a uma representação do próprio leitor.

Metafunção Interativa

Do ponto de vista da metafunção interativa, o contato é realizado por oferta, afinal, não há contato entre os Participantes Representados e o PI. Assim, mesmo o PR sendo um representante dos brasileiros e que o leitor seja um cidadão desse país, o primeiro é colocado como item contemplativo. O mapa é mostrado da mesma forma.

Mais uma característica que não favorece uma relação afetiva pode ser percebida através da Distância que o PR ocupa na composição. Por mais que as pessoas estejam em um plano íntimo, num close em sua cabeça, os diversos bustos são colocados ocupando um tamanho pequeno em relação ao todo, sugerindo distanciamento com o espectador. Essa mesma característica (distanciamento) é percebida no PR em formato do mapa do Brasil, afinal, sendo apresentado em sua forma completa, sendo uma retratação do PR em plano aberto (talvez com a intenção de não favorecer nenhuma região do país), também ocupa um tamanho pequeno na imagem como um todo.

Numa característica que atribui algum tipo de relação entre os participantes, percebeu-se que o ângulo utilizado para apresentar os PRs está numa perspectiva horizontal frontal. Horizontal, porque os componentes da imagem se relacionam entre o lado esquerdo (título) e direito (bustos e mapa). Frontal, porque o que é visto ali, faz parte do mundo real: um país e os seus cidadãos.

Finalmente, a partir da categoria de análise chamada Modalidade, pode-se enquadrar a imagem estudada como sendo não-naturalista, uma vez que toda a composição é apresentada a partir do uso de tecnologias 3D. Ao contemplar o texto, o leitor

automaticamente percebe que não se trata de um retrato ou foto e nem de uma representação de aspectos abstratos, afinal, no mundo real, existem pessoas e também existe um país. Toda a análise é feita a partir de objetos inteiramente desenhados em computador.

Metafunção Composicional

Os elementos linguísticos e visuais que compõem o texto se relacionam sob a ponto de vista da metafunção composicional, por isso, algumas questões interativas e representacionais são novamente consideradas. Ao dividir as dimensões do Valor de Informação no espaço virtual, percebe-se que todos os elementos imagéticos estão representados sob a perspectiva Centro-Margem. No entanto, os elementos utilizados ali são identificados no plano Dado-Novo, o que favorece a proposta de que, o que é prometido, não é imaginário e já existe. À esquerda, está o título da série “O Brasil que eu faço”. O leitor, realmente, já conhece essa informação (visto estar em primeira pessoa e ele tem consciência de suas atitudes em relação ao país). À direita, está a representação dos cidadãos brasileiro e também o mapa da nação, sendo uma referência ao que não é conhecido pelo leitor: as ações dos diversos outros cidadãos do Brasil. Assim, a análise imagética considera que o convite motiva o leitor a conhecer algo diferente, ao observar pessoas que são iguais a ele mesmo. Essa amalgamação de valores informacionais (Centro-Margem e Dado-Novo), destaca que todos os elementos da composição devem ser igualmente observados e finda por igualar o Dado ao Novo, demonstrando assim que as atitudes do leitor, são também as atitudes do PR – o que valoriza a característica relacional e inclusiva, expectativa da condição pós-moderna.

No que diz respeito à Saliência e seus diversos constructos, pode-se reconhecer em relação ao tamanho uma desproporção entre o título no texto escrito e as figuras, na composição imagética. Isso se dá ao perceber que o a palavra que ocupa maior tamanho no título é “Brasil” e a menos é “eu” (sendo esta última uma referência ao leitor). Entre os elementos da imagem, as pessoas são representadas em tamanho variados (pequenos e grandes) e, juntas, elas são mostradas em maior tamanho que o mapa do país, tornando o desenho da nação pequeno.

A cor predominantemente é a verde e, quando o produtor coloca as letras e contornos das imagens que compõe o texto escrito em branco e verde claro, respectivamente, ele está em conformidade com a instrução de Farina, Perez e Bastos (2011, p. 24) quando afirmam que “as cores claras devem colocar-se em tipos não muito pequenos, especialmente se o fundo for vermelho, verde, roxo ou azul-escuro”; eles também apresentam o verde como uma cor que

demonstra resistência, algo indestrutível. Souza (2018) e Oliveira (2018) adicionam a este entendimento a representação da flora, das florestas (algo destacado também na bandeira do Brasil). Reunidos, esses conceitos sugerem que a intenção do produtor da Figura 24, em questão, era representar a nação brasileira através de sua cor característica, bem como a força do seu povo.

As cores representativas do Brasil são o verde e o amarelo, no entanto, é possível que essa dupla não tenha sido utilizada porque, em relação à campanha eleitoral, percebeu-se uma polarização de opiniões políticas. Como um desses partidos era representado pela cor vermelha e o outro pela dupla verde e amarelo, parece que o produtor da imagem se ocupou em não utilizar a característica das cores populares da nação, a fim de não demonstrar uma opinião partidária e escolheu apenas uma delas; entre selecionar a amarela (com significado relacionado às riquezas) e a verde (em sentido de sua vegetação), o produtor preferiu a segunda, talvez, para valorizar a resistência e indestrutibilidade do povo brasileiro – o que destaca o papel das pessoas – sendo isso uma força relacional. Se ele o fez, para representar a força da floresta, insere na composição de maneira majoritária, um elemento não humano – e consequentemente, não será percebida característica afetiva. O autor deste trabalho, não conseguiu definir a primeira intenção do produtor da composição imagética.

Em relação à saturação percebe-se um equilíbrio no contraste. Da mesma forma, no aspecto da perspectiva, afinal, os objetos em primeiro plano são mais salientes que os objetos em segundo plano – mesmo que a sobreposição não pareça esconder o que está atrás. A imagem é apresentada majoritariamente em cor escura, o que valoriza o contraste com as cores claras do título, bem como das linhas que contornam os PRs.

Um fator cultural que merece destaque é a uniformidade de pensamento sugerida pelo produtor. Esse fato (que está em inconformidade com o desuso de expressões absolutistas bem como o desenvolvimento relacional) pode ser percebido pelos elementos que caracterizam os cidadãos brasileiros. Na imagem original (Figura 23), são caricaturas de uma diversidade maior que na imagem em cópia (Figura 24), quando são apresentados apenas dois tipos de caricaturas: a que representam um só biótipo masculino (13 ocorrências) e a que representam um só biótipo feminino (5 ocorrências). Assim, a pluralidade percebida na imagem original, é intencionalmente colocada em desuso. Outro aspecto percebido está relacionado à diminuição de ocorrências em relação e pessoas caricaturalmente do sexo feminino. Em ambas as imagens, são 18 personagens representantes; na imagem original (Figura 23), 6 possuem biótipo feminino; na imagem em cópia (Figura 24), essa representação cai para 5. Dessa forma, o contraste destaca o aspecto cultural machista uma vez que, como

aqueles personagens representam os cidadãos que ajudam o Brasil a ser um país melhor, as mulheres são minoria daqueles que colocam isso em prática. A impressão é que, por mais que as mulheres sejam maioria da sociedade, elas não são colocadas e nem vistas como maior representantes do grupo social de cidadãos e nem de cristãos. Essa proposta não compõe a condição pós-moderna por pelo menos dois motivos: o público contemporâneo valoriza o relacionamento afetivo e essa posição favorece uma crítica social em massa, visto a expressão da temática feminista.

No que diz respeito ao enquadre, percebe-se que aponta para a conexão uma vez que dispositivos de enquadramento são visualmente identificados através de linhas arredondadas, conectando os Participantes Representados (bustos e mapa) com o texto escrito do título da série.

Finalmente, ao destacar cada convite e apresentar seu respectivo exame através da perspectiva da Análise do Discurso Crítica bem como da Análise Multimodal, percebe-se o uso de termos absolutistas, bem como da introdução de expressões que promovem afetividade e informalidade. Isso demonstra que o discurso religioso contemporâneo ainda contempla diversas características da Modernidade. Observando isso, a próxima parte deste trabalho apresentará as considerações finais.

4 AMÉM

Comumente, as diversas orações feitas pelos fieis das três grandes religiões monoteístas da atualidade (cristianismo, islamismo e judaísmo) finalizam com a expressão *amém*. Por isso, o termo que originalmente se configurava como uma sigla de um acrograma ganhou sentido próprio que denota o desejo de que as coisas sejam finalizadas da maneira correta. Assim, este tópico conclusivo, pretende expor as considerações finais desse trabalho.

A panfletagem é uma estratégia de marketing tradicional, sendo uma das mais antigas ferramentas para promover uma marca, produtos ou serviços. Diversas igrejas cristãs têm utilizado esse método para divulgação de suas crenças, bem como suas programações, além de sua marca e localização. Essa estratégia, normalmente, é direcionada aos motoristas de automóveis, moradores em suas casas, bem como pedestres, enquanto caminham em locais públicos. Para isso, diversos papéis de diferentes materiais e tamanhos são impressos e distribuídos numa escala tão grande que essa prática, atualmente, possui legislação específica em diversas cidades do Brasil e do mundo.

Com a globalização e a conseqüente expansão do acesso à internet, algo semelhante à panfletagem passou a ser utilizado na grande rede. Podendo ocorrer com custo reduzido e alcance maior, diversas instituições têm utilizado a “panfletagem digital” como ferramenta de marketing.

Como visto neste estudo, algumas instituições eclesíásticas têm utilizado essa estratégia no ambiente virtual. Várias dessas igrejas têm sua origem relacionada à tempos modernos e percebe-se que, para continuidade da prestação de seus serviços, houve uma escolha estratégica pautada em mudanças culturais que motivou uma reinvenção de suas tradições. O que se fazia com panfletagem de papel no passado passou a ser feito com mídias digitais em tempos pós-modernos. Essa nova atuação tem algum paralelo, inclusive, no local de culto das instituições objetos desta pesquisa, afinal, inicialmente, tinham sua sede em templos exclusivos para cultos, e agora ocupam espaços em locais compartilhados, como shopping centers.

Esta pesquisa ocorre a partir do questionamento de "como a pós-modernidade apresenta-se no discurso religioso de igrejas em um *shopping* de Manaus?" e ao reconhecer que os convites digitais que essas instituições publicam em suas redes sociais compõem parte de seu discurso, os mesmos foram utilizados para análise.

Esse ponto traz à discussão aspectos relacionados ao capitalismo que, de alguma forma, estão diretamente associados aos *shopping centers*, um ambiente estritamente

comercial que é discutido por Bauman (2001) na relação tempo e espaço. Sua composição repleta de vitrines, de exposição e exibição de marcas, pessoas e produtos nutrem uma visão de mundo bem característica da sociedade do espetáculo debatida por Guy Debord (1997). Quando esse ambiente é composto por um espaço específico para apresentações teatrais – em forma de venda/comércio de serviços – chamadas de espetáculos, parece haver uma hegemonização da lógica operativa da mercadoria. A inserção de um culto religioso cristão em tais espaços espetaculares, pode ocorrer pela característica missionária do cristianismo para alcançar todos os povos e territórios, a partir de sua consolidação em tal ambiente (o que pode envolver uma contextualização metodológica e/ou um hibridismo discursivo), bem como da divulgação de sua imagem, serviço ou de pessoas representativas.

Como já especificado, ao todo foram selecionados 04 (quatro) convites de duas igrejas distintas; todos se ocupavam em anunciar uma série de mensagens, palestras e/ou meditações que objetivavam convencer o leitor a frequentar os cultos dessas respectivas comunidades religiosas.

A análise do estudo utilizou os pressupostos da Análise do Discurso Crítica bem como os conceitos e categorias analíticas relacionados à Multimodalidade com a finalidade de aplicar as conclusões com os aspectos da pós-modernidade. Esse tempo contemporâneo destaca o papel de quatro características específicas que são relevantes para fechar a análise até aqui realizada e tecer considerações que se somam às orientações da ADC e GDV, a saber: o (1) relacionamento afetivo perceptível, sincero e profundo entre os fieis, o (2) desuso de expressões absolutistas nas mensagens e apelos transmitidos aos ouvintes, a (3) descaracterização estrutural do prédio das igrejas e a (4) informalidade dos rituais e liturgias desenvolvidos.

Obviamente, algumas dessas características serão mais bem consideradas a partir de um estudo presencial, no entanto, elas transmitem princípios de análise que podem ser considerados na apreciação de material digital. Dessa forma, percebeu-se que:

A utilização de um teatro dentro de um shopping center para realização dos cultos se configura como uma estratégia intencional das respectivas igrejas para atrair um público contemporâneo, pois está baseada na *descaracterização estrutural* do prédio das igrejas. A utilização de convite digital também pode ser percebida como elemento dessa característica, afinal, também se configura como uma descaracterização, no entanto, não do prédio da igreja, mas sim do canal de comunicação que normalmente era utilizado para divulgação das programações e efetivação de convites. Como isso era tradicionalmente realizado através de

outdoors e panfletagem, a divulgação em meio digital se mostra como uma estratégia eficaz ao público contemporâneo.

O *relacionamento afetivo* perceptível, sincero e profundo entre os fieis também terá uma análise eficaz na experiência presencial. De qualquer forma, pode-se considerar que os shoppings centers são um ambiente que pode favorecer alguma afetividade, uma vez que propicia encontros de pessoas com necessidades afins (normalmente comprar e comer). Alguns desses encontros intencionais ocorrem pelas citadas tribos urbanas de Maffesoli (2019) quando propôs que a ligação com o divino ocorre concomitantemente à relação com grupos sociais – como as comunidades de fé. Por outro lado, aprendemos que diversos espaços do nosso cotidiano são lugares que propiciam encontros da perspectiva ocasional. Os shoppings centers também são ambientes assim, uma vez que não há (e nem há expectativa de haver) interação com a maioria das pessoas que encontramos ali de tal forma que, qualquer tentativa de mudar isso pode soar estranho, invasivo e incivilizado. Por isso, Bauman (2001) apresenta a ideia de que, na realidade, esse é um lugar público, mas não-civilizado. Isso não quer dizer que, necessariamente o shopping center não é um ambiente propício para o desenvolvimento relacional para a igreja; isso é dito porque as pessoas que vão para ali, vão para um encontro, aceitaram um convite e tem-se a expectativa de que os anfitriões (ou fieis) estão esperando essas pessoas para lhes transmitir algum acolhimento.

Presenciar os cultos e eventos dessas igrejas vai permitir avaliar o grau de *formalidade dos rituais e liturgias* com que são desenvolvidos. Por outro lado, isso também pode ser percebido através da informalidade nas comunicações pela internet. Os temas dos convites analisados alcançaram esse objetivo, ao proporem assuntos sob um viés que não caracteriza exclusivamente a experiência vicária em uma igreja, mas também a vida cotidiana. “Como andar de bicicleta”, “Missão presente”, “Metamorfose” e “O Brasil que eu faço”, num primeiro momento, apontam para o contexto onde o leitor está; só então, com o restante do texto escrito, procura-se tirá-lo dali e trazê-lo para o contexto cristão e finalmente eclesiástico, que num shopping center, parece promover informalidade através da vestimenta, do linguajar e do comportamento, todos sem padrão (ou com padrão autônomo).

O léxico empregado no ambiente das igrejas no shopping pode ser diferente daquele utilizado para sua comunicação no ambiente digital, no entanto, muito do quadro virtual deverá ser um reflexo do presencial. Com finalidade analítica, percebeu-se que a quantidade de *expressões absolutistas* encontradas no texto dos convites, se configura como uma rotina. Isso demonstra a continuidade de um dos aspectos destacados da modernidade sendo aplicados abertamente ao público pós-moderno o que não favorece o seu engajamento,

justamente porque essa característica parece ser a mais fácil de ser intuída num contexto virtual.

Assim, percebeu-se que as igrejas têm utilizado um lugar físico (shopping center) e um ambiente virtual (internet) para se comunicar de maneira proposital com o público contemporâneo, visto descaracterizar aspectos estruturais e de formalidade. Por outro lado, através do conteúdo desses textos publicados online, vê-se a necessidade de desuso de termos absolutistas, bem como da utilização de expressões que promovam afetividade e informalidade, uma vez que essas são características específicas da condição pós-moderna. Nestes convites, por mais que todo o contexto seja diferenciado e o texto com características afetivas e amigáveis, ainda há rescaldos de uma ideologia e hegemonia tradicionalmente moderna, por exemplo, ao apresentar a função do pai em detrimento a da mãe e também ao indicar que todo indivíduo tem necessidade de buscar apoio religioso (embora haja muitas pessoas se declarem sem religião). Por mais que características simples do cotidiano como a solidariedade, generosidade e vida em grupos sociais, sejam elementos religiosos históricos e contemporâneos (MAFFESOLI, 2019), por vezes, carecem de uma demarcação presencial nos convites analisados.

Dessa forma, posso encerrar este trabalho convicto de que os resultados obtidos foram alcançados através de uma pesquisa que perpassou os aspectos éticos e metodológicos de maneira eficaz. Os resultados encontrados, perguntas respondidas e objetivos alcançados também são motivos de satisfação. É conveniente reconhecer que alguns vieses surgiram no decorrer da pesquisa que contribuíram para sua formação, por exemplo, através das contribuições e encaminhamentos fornecidos pelos professores doutores Otávio Rios Portela e Victor Leandro da Silva na etapa de Qualificação desse trabalho, somados as contínuas contribuições da professora orientadora desta pesquisa, Neiva Soares Maria Machado, que apresentaram perspectivas como da História, Sociologia, Linguística, Psicologia e Teologia que findaram por garantir o caráter interdisciplinar desta pesquisa.

É bem verdade que este não é um trabalho exaustivo. Distintas pesquisas podem ser desenvolvidas analisando convites não somente de outros lugares e denominações, mas, por exemplo, de outros períodos da própria era pós-moderna e até mesmo daquele tempo moderno. Além disso, vê-se a possibilidade da realização de estudos comparativos da percepção do conteúdo virtual com o conteúdo presencial. Se atendidas, essas sugestões iriam fornecer mais dados para fundamentar pesquisas sob outras perspectivas. Convites de igrejas da atualidade que não funcionam em shopping centers também compõe o quadro de sugestão para novas pesquisas o que deixa claro que há outros discursos a serem considerados.

O resultado é satisfatório mesmo sendo apresentado com limitações como: (1) A exclusividade oferecida ao conteúdo virtual, por exemplo, não permitiu o estudo de outros materiais produzidos pelas respectivas igrejas. (2) Também foi limitante o fato de existirem poucas denominações adeptas a exercerem atividades em shopping centers. (3) Uma outra limitação se deu pelo encurtamento do tempo para pesquisa, visto que minha formação é numa área alheia à Linguística, e minha disponibilidade para os estudos não era exclusiva.

Finalmente, lembro que este trabalho iniciou apresentando a importância de aspectos relacionados à segurança e encerro seguro que a oportunidade pela pesquisa orientada foi aproveitada, que o dever foi cumprido e que essa Dissertação se configura como conteúdo relevante, abrindo novas frentes de estudo. Amém.

5 PASSAGENS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Vieiros de Castro. 3. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

AMOÊDO, Rafael Seixas de; SOARES, Neiva Maria Machado. Transformações discursivas no contexto digital: análise multissemiótica do gênero *meme*. **PERcursos Linguísticos**. Vitória/ES, 8:(18), p. 2.236-2.592, 2018.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. revista, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AZEVEDO, Cristiane A. de. A procura do conceito de *religio*: entre o *relegere* e o *religare*. **Religare**. João Pessoa/PB, 7:(1), p. 90-96, mar., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/9773/5351>>. Acesso em: 20 de ago., 2019.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dent-zien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Ira Ferreira de (orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BÍBLIA Sagrada. **Nova versão transformadora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOUTANG, Yann Moulier. **Cognitive Capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2011

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os Guarani: índios do sul – religião, resistência e adaptação. **Estudos Avançados**. Vol. 4:(10), São Paulo: Sep./Dec., 1990. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141990000300004>>. Acesso em: 12 de mai., 2019.

BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas; HILL, Clive; KING, Peter J.; MARENBON, John; WEEKS, Marcus. **O livro da filosofia**. Trad. Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Flaviane Faria. **Temas contemporâneos em semiótica visual**. Brasília: CEPADIC, 2013.

CARVALHO, Raquel de. **O Estado Laico e os feriados religiosos**. 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/65179/o-estado-laico-e-os-feriados-religiosos>>. Acesso em: 25 de fev. 2019.

CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: Edições Loyola, 1998.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. X, nº 1, 2014. ps. 86-117.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. Trad. Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Tomo I, vol. 1. 2.a. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**. 25(2), p. 307-329, 2012.

_____. **Analysing discourse – textual analysis for social research**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães (coord.). 2. ed., Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

_____. **Language and globalization**. London: Routledge, 2006.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6. ed., São Paulo: Edgard Blücher, 2011.

FEITOSA, Carla Valéria da Costa. Religião e mídia: comunicação e poder. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, n. 46, p. 205-214, Curitiba, 2013.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Trad. Octanny S. da Mata e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FLOR, Douglas Moacir; SEIBERT, Egon; DIETRICH, Jonas; SEIFERT, Paulo; RIETH, Ricardo; STELLEN Ronaldo; HEIMANN, Thomas. **Cultura religiosa**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Uma escrita do passado centrada nas guerras. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 11, n. 14, p. 47-61, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2010v11n14p47/2420>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens** – um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GIBBS, Eddie; BOLGER, Ryan. **Emerging churches**: creating christian community in postmodern cultures. Grand Rapids: Baker Academics, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONÇALVES, Kléber D. **Igreja relevante**: missão urbana para a pós-modernidade. Engenheiro Coelho/SP: Unaspres, 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. Trad. Vera e Jordan Aguiar. São Paulo: Hagnos, 2011a.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Trad. Hans Udo Fuchs e Key Yuasa. 2. ed. rev. com roteiro de leitura, vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 2011b.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Trad. Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2. ed. rev., vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 2011c.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Volume 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUERRIERO, Silas. A diversidade religiosa no Brasil: a nebulosa do esoterismo e da nova era. **Revista Eletrônica Correlatio**. n. 3., 2003. Disponível em: <<http://10.15603/1677-2644/correlatio.v2n3p128-140>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: AP&A, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. 3. Ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010 - resultados da amostra - religião**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/167J>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

JAMESON, Frederic. **A virada cultural** - reflexões sobre o pós-moderno. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus** – de Abraão à queda de Jerusalém. Trad. Vicente Pedroso. 8a. ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed., London; New York: Routledge, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Ireneu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Trad. M. Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A palavra do silêncio**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Palas Athena, 2019.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.** 21: Especial, 2005.

MARINHO, Robson M. **A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno**. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NERI, Marcelo Cortês (coord.). **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Glaunara Mendonça de. **Muros que não separam – a arte de rua em Manaus: a identidade indígena e sua representação em murais grafitados**. 2018. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade do Estado do Amazonas.

PAROSCHI, Wilson. **Atos: o triunfo do evangelho**. Trad. Hander Heim. Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

PRESTES, Roberta Ribeiro. A primeira missa do Brasil em dois tempos. **Oficina do Historiador - EDIPUCRS**. Porto Alegre, 3:(2), ago., 2011.

RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica da publicidade – um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil**. LabCom Books: Covilhã/Portugal, 2010.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. A evangelização calvinista dos indígenas no Brasil holandês: o poder cristalizador da leitura. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**. 10:(19), Jan.- Jun., 2018.

SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de História**. Trad. Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, Alexandre Florêncio dos; BIAR, Liana de Andrade. Do capitalismo produtivo ao capitalismo financeiro: construção da coerência em testemunhos neopentecostais de prosperidade. **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, 12:(1), jan.-mar., 2018.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS JÚNIOR, Reginaldo José dos. Reflexões sobre evangelização na pós-modernidade. **Revista Theos**. v. 3:(1), Campinas/SP: jun., 2007.

SIVA, Cristiomar; NALINE, Lauro Eugênio Guimarães. Religião e mídias sociais: a disseminação do discurso religioso no Facebook. **Revista Panorama**. v. 5, n. 1, Goiás: jan.-dez., 2015.

SILVA, Wagner Rodrigo da; SOUSA, Wesley Avelar de; XAVIER, Érico Tadeu. Evangelismo nas grandes cidades: analisando métodos eficazes para alcançar mentes pós-modernas. **Práxis Teológica**. n. 13. 2013.

SOARES, Neiva Maria Machado. **Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos**. Curitiba: Appris, 2016a.

SOARES, Neiva Maria Machado. O signo visual e a metáfora multimodal. **Recorte**. Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações/MG: 13:(2), jul.-dez., 2016b.

SOARES, Neiva Maria Machado (org.). **Análise em discurso: semiótica e multimodalidade**. Manaus: UEA Edições, 2017.

SOUZA, Denise Teresinha Machado Soares de. **A construção de representações discursivas em publicidades turísticas sobre o Estado do Amazonas**. 2018. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade do Estado do Amazonas.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil: sinais de um movimento revolucionário e inspirador**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TAMANINI-ADAMES, Fatima Andreia. Multimodalidade em reportagem: metafunção ideacional/representacional e gênero social na mídia. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. Araraquara/SP: 9:(1), jul., 2011.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 5. ed., 2011.

TURNER, Bryan S. (ed). **Theories of modernity and postmodernity**. London: Sage Publication, 1990.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotics**. Londres: Routledge, 2005.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: antigo testamento**. Trad. Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WINTER, Ralph D; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectiva no movimento cristão mundial**. Trad. Andrea Mezner (e outros). São Paulo: Vida Nova, 2009.

WOLTER, Berndt Dietrich. **Estudo de caso: igreja relevante** - perfil do sem-igreja em Campinas. 2012. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Liderança Pessoal e Eclesiástica) - Centro Universitário Adventista de São Paulo.